Cândido M. S. Rondon



ÍNDIOS DO BRASIL

NORTE DO RIO AMAZONAS

III

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
CONSELHO NACIONAL DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS
PUBLICAÇÃO N.º 99

CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON

ÍNDIOS DO BRASIL
DO
Norte do Rio Amazonas

Volume III



1953

CONSELHO NACIONAL DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS
MINISTÉRIO DA AGRICULTURA - RIO DE JANEIRO - BRASIL

MEMORANDUM

Podemos afirmar que a saída dos três albuns sob o título "Índios do Brasil" foi aguardada com impaciência proporcional ao interêsse, não só pelas Instituições, estudiosos da Etnologia e Etnografia como pelos leigos que cultivam o amor dos nossos silvícolas. A expectativa do presente tomo III se prolongou muito além do prazo inicialmente previsto pela editôra oficial que é a Imprensa Nacional, em virtude de fatôres que escapavam inteiramente ao nosso contrôle e decorrentes principalmente de dificuldades aduaneiras e técnicas, procedentes muitas vêzes de medidas de economia adotadas pelo Govêrno para vencer a crise que atravessa o mundo inteiro de após-guerra, e que atingiu também a nossa Pátria. De modo que a Oficina de Rotogravura se viu muitas vêzes diante da impossibilidade de adquirir o material necessário, tanto o que se destinava à confecção dos clichês, como o próprio papel para impressão, tintas e até peças para consertar as máquinas.

Logo no início da impressão do tomo II sofreu a oficina mais uma queda pela perda dos seus únicos dois fotógrafos: o retocador, que se mudou para São Paulo, e logo em seguida o laborante, vitimado por uma congestão cerebral, ocorrência que então paralisou os trabalhos por completo, porque não podiam ser admitidos substitutos nas vagas abertas, por fôrça da lei de economia que proibia novas admissões de pessoal. Louvàvelmente então o montador Orlando A. Costa dedicou-se a praticar em retoques, conseguindo aperfeiçoar-se de tal forma, que pôde acumular os serviços de montador *e* retocador *com interêsse e inteligência, como, igualmente, ainda outro funcionário, Amadeu S. Almeida, de profissão* ajudante-gravador, *esforçou-se para aprender os delicados serviços da câmara escura fotográfica, habilitando-se assim, atualmente com boa vontade e competência ao exercício profissional em ambos os setores.*

Julgamos dever de justiça assinalar nesta oportunidade nossa gratidão pelos esforços despendidos por todos os serventuários da Imprensa Nacional, com notável paciência, a fim de levar a têrmo a impressão dêste documentário da vida e dos costumes dos nossos Índios, em condições artísticas. Nêle se encontram, nas capas do livro, os desenhos do Sr. Dr. Kurt Krakauer, cujo nome ainda não apareceu, mas quem, com sua sensibilidade de artista, compreendeu tão ràpidamente os nossos desejos e se desobrigou da incumbência com traços indeléveis de um verdadeiro mestre. O Sr. Carlos Alves de Sousa, no princípio, chefe da Oficina de Rotogravura, foi quem com incansável boa vontade deu as informações de "possível e "impossível" da

técnica, quando surgiram fotografias antigas, ainda da infância desta arte, com tôdas os seus defeitos. Temos de falar do Sr. Dr. Alberto Sá de Britto Pereira, Diretor da Imprensa Nacional, que se prontificou ùltimamente a dar todo o seu apoio ao chefe atual da Rotogravura, Sr. Lindolfo Rocha, a fim de melhorar as instalações da oficina, pondo material melhor à sua disposição, o que permitiu ao Sr. Rocha, com sua grande capacidade de longos anos de serviço, pudesse concluir a obra ainda antes de sua aposentadoria, com ânsia esperada por êle, doente e cansado, o que o não impediu de desenvolver o maior entusiasmo para concluir a obra iniciada.

Não menos amàvelmente acudiam-nos nos outros setores os Srs. Eugênio Griffini e Armando Olinto da Cruz Ferrari com prontidão e fino gôsto na distribuição e paginação, no monotipo, linotipo, etc., como também o Sr. José Beck Guimarães, chefe do Orçamento, quando se tratou de entregar um serviço à hora prometida.

Agradecemos com igual calor a todos que junto às maquinas ficaram invisíveis, para nós, mas ajudaram cada um no seu pôsto nesta obra, em que ainda as gerações futuras poderão informar-se neste documentário sôbre assuntos que com rapidez desaparecem.

C. N. P. I., Rio, 5-5-1953,
Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães.
Secretário

ÍNDIOS DO BRASIL

Sob êste título começarão a ser publicadas, oficialmente, as fotografias dos nossos índios e de assuntos que lhes dizem respeito, obtidas no sertão do Brasil por vários serviços em que colaborámos e por outros cuja direção nos foi confiada, em épocas diversas, desde 1890 até o presente momento.

Do numeroso arquivo que vimos religiosamente amealhando, através de mais de meio-século de intenso trabalho, em que tão ajudado fui por uma plêiade de oficiais do Exército e pessoal civil, todos vibrantes de entusiasmo cívico pela Causa Indígena, pelo progresso de nossa Pátria e pelo bem da Humanidade — teremos oportunidade de escolher a mais expressiva documentação daquela espécie, iniciando a reprodução das fotografias que constituirão os três primeiros volumes dessa importante e valiosa coletânea:

O *1.° volume* conterá fotografias dos índios do Centro, do Noroeste e do Sul de Mato-Grosso, distribuídos pelos seguintes grupos ou tribos, relacionados em ordem alfabética:

1 — Anuzê
2 — Ariquême
3 — Arití (Paricí)
4 — Borôro
5 — Cabixi
6 — Cadiuéo
7 — Caiuá
8 — Canoê
9 — Caripuna
10 — Caxinití
11 — Cozárini
12 — Guató
13 — Ipotêuáte
14 — Iranche
15 — Jarú
16 — Mamaindê
17 — Massacá
18 — Navaitê
19 — Nenê
20 — Nhambiquara
21 — Parintintim
22 — Parnauáte (Tupi
23 — Pirarrã
24 — Quêpiquiriuáte
25 — Quiapüre
26 — Rama-rama
27 — Salamãi
28 — Tacuatépe
29 — Tagnani
30 — Tauitê
31 — Terêna
32 — Uaimaré
33 — Uamandirí
34 — Umutina
35 — Urumi
36 — Urupá

O *2.° volume* sera dedicado aos índios das cabeceiras do rio Xingu e dos vales dêste rio e de seu formador — o Ronuro — bem assim dos rios Araguáia e Oiapoque, aí figurando os seguintes grupos ou tribos:

Rios *Xingu*, *Ronuro* e *Teles Pires* (antigo *Paranatinga*)

1 — Anauquá
2 — Auêtí (Tupí)
3 — Bacairí (Caraíba)
4 — Cajabí
5 — Camaiurá (Tupí)
6 — Meináco
7 — Suiá (Gê)
8 — Trumãi
9 — Ualapití
10 — Uaurá

Rio Araguáia

CARAJÁ

Rio Oiapoque

1 — Banaré
2 — Caripuna
3 — Galibí
4 — Iarupí
5 — Oiampí
6 — Paricura

O *3.º volume* abrangerá as tribos e grupos dos vales do rio Trombetas e seu afluente Cuminá: rios Jari, Negro e Branco e seu afluente Uraricoéra a saber:

Rio Cuminá — Rio Jari

1 — Aparaí
2 — Pianacotó
3 — Tirió do Grupo Rangu-Piqui

Rio Uraricoéra — Rio Branco

1 — Macú
2 — Macuxí
3 — Maiongom
4 — Taurepã
5 — Uapichana
6 — Xirianã

Rio Uaupés afluente do Rio Negro

1 — Baré
2 — Deçana
3 — Tariano
4 — Tocano
5 — Tuiuca
6 — Uanâna

Provém esta documentação fotográfica das comissões a que vamos referir-nos, o mais sumàriamente possível.

São elas: tôdas as Comissões Construtoras de Linhas Telegráficas no Estado de Mato-Grosso, desde a primeira (1890), que ligou êste Estado à rêde geral brasileira e que teve como emérito engenheiro-chefe o então Major Gomes Carneiro, de quem nos honramos de ter sido ajudante e a quem substituímos nessa chefia, quando o grande soldado se dirigiu ao Estado do Paraná, para ali escrever uma das mais brilhantes páginas da nossa História Militar, no cêrco da Lapa, onde o herói invencível caíu morto, com as armas na mão, para só assim descansar da luta, depois de inscrever seu nome entre os dos nossos mais gloriosos generais!

Além dêste primeiro contingente com que a República beneficiou nosso Estado natal, desvanecemo-nos de haver chefiado tôdas as demais comissões que se encarregaram de estender até as principais cidades, vilas e fronteiras, a rêde telegráfica terrestre de Mato-Grosso, inclusive a última delas (Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas) e de maior vulto e larga projeção em outros setores de atividade e progresso, aí compreendido o grave "Problema Indígena," que tivemos de resolver, ao penetrar nas zonas de sertão em que os nossos Índios viviam livres do contato dos civilizados, tantas vêzes prejudiciais à sua paz e à sua independência.

Ao terminarem os trabalhos desta última (1916) havíamos dotado Mato-Grosso de 4.502,502 km de linhas telegráficas, assim então distribuídas:

1.° Distrito Telegráfico —	1.283,639 km com 16 estações
2.° Distrito Telegráfico —	1.433,195 km com 14 estações
3.° Distrito Telegráfico —	1.785,668 km com 25 estações
SOMA..........	4.502,502 km com 55 estações

Concomitantemente executáramos explorações e levantamentos que ascenderam a 50.000 km, aí incluídos os de vários cursos dágua da vasta área a que Roquette Pinto emprestou a denominação de "Rondônia". Dêste total destaco propositadamente a parcela que tocou ao período de 1907 a 1909, assim discriminado:

Expedição de 1907..................	1.781 km
Expedição de 1908..................	1.653 km
Expedição de 1909..................	2.232 km
SOMA.....................	5.666 km

Finalmente, apresentamos uma documentação captada pela extinta Inspetoria de Fronteiras (1934/8), cuja direção nos fôra também confiada.

Pois bem, os albuns fotográficos que ora nos foi permitido publicar, graças ao apoio do Govêrno e à decisiva opinião de órgãos administrativos que os examinaram antes e os julgaram merecedores desta divulgação, abrangem todos êsses trabalhos, ininterruptamente, desde 1890 até 1938. Cabem aqui, a propósito, os nossos agradecimentos ao presidente do Departamento Administrativo do Serviço Público (D.A.S.P.), em boa hora criado e confiado à competência do Sr. Luiz Simões Lopes, bem assim às autoridades dos Ministérios da Agricultura e da Fazenda; àquele presidente, principalmente, que, convidado pelo Conselho Nacional de Proteção aos Indios, compareceu prontamente e decidiu empenhar seu incontestável prestígio administrativo para que se transformasse em simpática realidade a vibrante e esclarecida proposta do ilustre vice-presidente do C.N.P.I., Dr. Edgard Roquette Pinto, quem primeiro aventara tal medida, por necessária e inadiável.

Dêste exórdio que nos esforçamos em reduzir ao mínimo de palavras, se depreende que possuímos fotografias que foram batidas no meio das selvas há mais de 50 anos, isto é, ao tempo em que a arte fotográfica não havia atingido o adiantamento que hoje apresenta e que em tanto simplifica o volume e o pêso do material a isto destinado, assim como os processos de obtenção dos negativos e sua impressão em positivo, com as facilidades das ampliações, ora tão aperfeiçoadas.

Além disto, cumpre lembrar o esfôrço que, na maioria dos casos, representa a documentação fotográfica através dos sertões brutos. Pesados pacotes, então, de chapas de vidro que escapavam de se desfazerem em cacos, nos rudes transportes por terra ou na travessia das cachoeiras e corredeiras, onde tantas canoas, materiais e vidas preciosas ficaram para sempre sepultados, era quase por milagre que chegavam aos nossos gabinetes fotográficos nas cidades!

Ainda mais, fôra preciso numerosas vêzes que os artistas-fotógrafos carregassem êles próprios os pesados e preciosíssimos negativos e outros materiais indispensáveis, imitando dedicações estóicas como aquela de um Alípio de Miranda Ribeiro, de físico frágil, mas de sublimada energia moral para suportar às próprias costas os espécimes zoológicos por êle coligidos no sertão, quando não havia mais animais de carga, nem soldados e civis disponíveis para êsse transporte de carga — absolutamente considerada secundária — no crítico momento em que as hostilidades do meio ameaçavam a própria vida dos expedicionários!

Nenhum exagêro, portanto, representa o afirmar, neste bosquejo incolor, mas expressivamente verídico, que muitas destas fotografias agora folheadas tranqüilamente em ambientes civilizados e oferecidas aos estudiosos da ciência e aos concidadãos que se interessam pelas coisas essencialmente brasileiras e olham com

simpatia o "Problema do Índio", custaram muita abnegação, muito esfôrço patriótico, muito suor, muito cansaço e quiçá também o sangue e a vida de patrícios nossos, para que ora as pudéssemos contemplar e comentar, acomodados em compartimentos confortáveis.

Entre as tribos e grupos indígenas que figuram nestes três primeiros volumes encontram-se fotografias de Índios que há séculos experimentaram as agruras das invasões estrangeiras e das incursões violentas dos Bandeirantes — como é o caso típico dos *Aritî*, descobertos em 1723 e graciosamente cognominados de *Parecis* pelos portuguêses, em contradição ao nome que os próprios índios dão à sua nação: "Aritî", conforme verificámos, estudando a sua língua e os seus costumes — assim como também se encontram os que provêm de tribos e grupos dos quais nenhum explorador antes de nós havia obtido sequèr um instantâneo, como acontece com os *Nhambiquara*, cuja existência estava apenas vagamente assinalada, mediante referências resumidíssimas e todavia eivadas de inverdades, como as que lhes fez Karl von den Steinen nas cinco linhas impressas que transcrevemos a fls. 49 do nosso modesto trabalho: "Etnografia — Anexo n.º 5 — Publicação n.º 2 da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas", no qual tratámos resumidamente os *Aritî* e dos *Nhambiquara* (edição há muito inteiramente esgotada)

Alguns dos grupos que as fotografias documentam, foram assinalados em primeira mão pelas nossas expedições e trazidos ao nosso convívio amistoso, no sertão, por processos humanitários, subordinados ao lema que estabelecemos para exprimir as nossas disposições, como civilizados, para com os aborígines:

"Morrer, se fôr preciso; matar, nunca!"

Estão nestas condições os *Quêpiquiriuáte;* os dois grupos Tupi: *Parnauáte* e *Tacuatêpe;* os Umutina, os Pirarrã (Parintintim); os Pianacotó e Rangu-Piqui; Maiongom; Xirianã; Urumi; Ariquême; Jarú; Urupá.

Não foram isentas de perigo, como já insinuámos, as nossas incursões em território de várias Nações Brasilíndias, como vamos ligeiramente recordar, citando alguns casos concretos.

a) A Expedição ao rio Jaci-Paraná (1909) foi atacada por um grupo de índios Caritiana, do que resultou a morte de um remador e ferimentos do médico da turma e da nossa Marinha, Dr. Paulo Fernandes dos Santos, e de outro remador. De várias publicações — entre as quais citamos com prazer os livros da autoria do atual Secretário do C.N.P.I., Cel. Amilcar A. Botelho de Magalhães: "Impressões da Comissão Rondon" e "Pelos Sertões do Brasil"— consta minuciosamente a descrição dêste episódio, em que índios Caritiana, confundindo o médico com um seringueiro Minervino, que os atacara, a bala, no rio Branco do Jaci--Paraná, promoveram essa represália, dirigindo-a exclusivamente contra a pequena canoa que conduzia a mira graduada para as visadas do levantamento, a luneta Lugeol e a bússola, embarcação em que viajava o Dr. Paulo. Não ofenderam em nada, quer o grande batelão da vanguarda, quer a última canoa em que iam os engenheiros-militares: o saudoso Cap. M. T. Costa Pinheiro e o então 1.° Tte. Amilcar A. Botelho de Magalhães.

b) Eu próprio e as minhas turmas de exploração de 1907 e 1908, fomos duas vêzes violentamente agredidos a flechadas, pelos altivos guerrilheiros Nhambiquara, às margens do famoso rio Juruena. Nos livros acima citados e no 1.° volume do meu Relatório Geral (Publicação n.° 1 da Com. L. T. Estr. Mato-Grosso ao Amazonas) estão descritos êstes dois episódios, dos quais, felizmente, não provieram nem ferimentos nem mortes!

c) No curso da "Expedição de 1909" tivemos de acudir apressadamente ao soldado Rozendo, flechado por Nhambiquara, atocaiado na mata da Canga, por trás do tronco secular que fêz jus ao cognome de "Pau Gigante", com que ficou conhecido entre os expedicionários.

d) Os então 1.° Tte. Nicolau Bueno Horta Barbosa — o dedicado ajudante e provecto engenheiro-militar, primaz na constância de sua colaboração nos trabalhos do sertão, o qual ainda hoje, como Tenente-Coronel da Reserva do Exército, convocado, presta serviços inestimáveis como Chefe da Inspetoria de S. Paulo e do Sul de Mato-Grosso — e Aspirante a Oficial Tito de Barros — ora oficial superior da mesma Reserva — ambos no exercício de funções concernentes à construção da linha telegráfica entre as estações de Juruena e Nhambiquaras, foram flechados pelos índios desta última denominação, em pleno peito. Fiel ao nosso lema, o Tenente Nicolau, comprimindo o ferimento donde brotava abundante, tão generoso sangue brasileiro, não consentiu de modo algum que perseguissem nem atirassem contra os selvícolas e, ao contrário, mandou empilhar presentes, destinados aos agressores, no próprio local em que êles o hostilizaram!

e) A turma exploradora do rio Ananás, cujos trabalhos foram iniciados em 1.° de março de 1915, sob a chefia do 2.° Tte. Francisco Marques de Souza, foi rudemente combatida por índios que supomos pertencer à tribo dos "Arara", que,

de surprêsa, a atacaram no dia 29 de maio daquele ano, vitimando o abnegado oficial e o hábil fabricante de canoas, Tertuliano Ribeiro de Carvalho, carpinteiro e capataz da referida turma.

Bastam êstes exemplos, supomos, para comprovar a afirmativa que avançámos e a aplicação que têm tido, no domínio da prática, os métodos que — fiéis aos conselhos do grande estadista José Bonifácio de Andrada e Silva — adotámos nas nossas relações com as tribos indígenas de nossa Pátria.

Além das fotografias que interessam ao Índio e seus costumes, incluímos algumas que reproduzem aspectos notáveis dos sertões que palmilhámos, como os saltos e as cachoeiras, morros, matas, etc., bem assim, as de estações telegráficas e outras construções que ali realizámos.

Particularmente, quanto a certas tribos e grupos ameríndios, teremos ainda oportunidade de expor, ao abrir os albuns em que êles figuram, o mais sintèticamente possível, passagens que interessam a nossa atuação perante êles e referir episódios característicos, ocorridos no decorrer de providências para anular a sua aversão aos civilizados.

Conselho Nacional de Proteção aos Índios — Rio de Janeiro, 10 de março de 1944.

CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON

General Presidente do C. N. P. I.

III VOLUME DOS ALBUNS: INDIOS DO BRASIL

O Exm.° Sr. General Rondon, ao percorrer as fronteiras do norte do Brasil, desde a Guiana Francêsa até o extremo noroeste dos nossos lindes com a República do Peru (1927/30), esteve em permanente, amistoso e protetor contato com tôdas as tribos e grupos indígenas que ali têm o seu habitáculo. Mais particularmente visitou as suas próprias malocas ou foi visitado em seus acampamentos de inspeção pelos índios *Macuxi, Uapixana, Maiongom, Xirianã, Taurepã, Pianacotó e Tirió* do grupo Rangu-Piqui.

O atual Tte. Cel. do Exército Frederico Rondon, em sua viagem, como membro da Inspeção de Fronteiras, ainda no pôsto de Capitão, executou também, em 1932, vários trabalhos de levantamento, naquela zona, especialmente no rio Uaupés e ali se interessou igualmente pela população indígena, tendo publicado recentemente um excelente livro: "Rio Uaupés", no qual refere sua atuação patriótica e protetora junto às tribos dos *Arapaço, Tariano, Tocana, Pirátapúio, Deçana* ou *Paporimara, Bará, Micuratapúio, Tuiúca, Cobéua* (ramo dos *Uaupé*) *Uitoto, Carapanã* e *Macu*.

O Coronel, também do Exército e saudoso engenheiro-militar Themistocles Pais de Souza Brazil, ex-ajudante da "Comissão Rondon" e que, durante largo período chefiou a Comissão Demarcadora de Limites do Setor Oeste (Ministério das Relações Exteriores), publicou uma separata do seu relatório de 1935 — à qual, com grande elevação, anexou, a título de prefácio, uma longa carta do Exm.° Sr. General Rondon, aliás contraditando, com vasta erudição, as doutrinas do autor do opúsculo, para a solução do problema do Índio no Brasil — abordando as questões que se prendem à incorporação dos selvícolas ao meio civilizado e propondo, como medida necessária e indispensável a sistematização dos cruzamentos da raça indígena com a raça branca, vale dizer, com os civilizados, providência que seria oficialmente superentendida e devidamente incrementada.

Agindo na zona oeste do Amazonas, interessou-se o Cel. Themistocles, com grande carinho, pela vida dos nossos Índios *Bará, Tuiúca, Cobéua, Tariana, De-*

çana, Tocana e *Uanána* — todos os quais relembram, com saudade, o desinteressado e real amparo que então receberam de tão humanitário intelectual.

*

Vamos passar em revista as observações e apontamentos de cada um dêstes exploradores, a respeito das tribos e grupos selvícolas a que cada um se refere e dos quais ora são exibidas várias fotografias.

Entre estas figuram algumas dos índios Aparaí ou Apalaí, como alhures temos ouvido, oferecidas à "Comissão Rondon" pelo Sr. Dr. Schulz-Kampfhenkel, Cand. Phil., chefe da Expedição ao Amazonas de 1935. Este explorador estrangeiro, colheu, nessa tribo, informações que parecem confirmar o fato, que alegou, de terem vindo os antepassados dos Aparaí, de terras longínquas, para se estabelecerem no rio Jari, afluente do Amazonas pela margem esquerda e que corre em território do Estado do Pará.

*

Em fins de 1927, o General Rondon confabulou com os tuxáuas de vários "clãns" de índios *Macuxi*, cujo direito de viver no Brasil, Pátria a que se ufanavam de pertencer, foi por S. Ex.ª assegurado, mesmo contra o arbítrio de certas autoridades do interior que exercem os seus mandatos com despotismo e sem contrôle das autoridades superiores, quer estadaduais, quer federais. E escreveu no seu relatório de inspeção daquele ano:

> "Que diferença entre os inglêses da Guiana e os brasileiros da fronteira! Aqueles, procuram àtrair para o seu território todos os índios da região; êstes, escorraçam os seus patrícios, obrigando-os a expatriarem-se!
>
> "... Coisa interessante: Esses índios têm a pécha de ladrões no Brasil e passam para a Guiana, onde são bem recebidos pelos inglêses, que os consideram homens de bem."

— Um dos tuxáuas afirmou ao General que os *Macuxi* constituiam outrora uma grande nação, que compreendia as tribos *Macuxi, Jaricuna, Maiongom, Camaracotó, Angaricá, Riã* e *Paráuiana;* e que, esta última, é que tinha por costume colocar os seus mortos dentro de grandes urnas, como as que o mesmo explorador encontrou na Ponta da Serra — ao atingir o alto do igarapé Maruaí, no percurso que fez, por terra, da fazenda nacional de S. Marcos (rio Branco) ao monte Roroimã (*Roro-imã = Verde-monte*) — e fez transportar desse longínquo sertão para o Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Na língua dos *Macuxi*, a expressão — *Paráuiana* — significa: *corredor, veloz*. o que confirma a lenda que entre aqueles é corrente, da qual se deduz que êstes "*corriam mais que o próprio veado campeiro, cuja caça faziam a pé* (!)"

Partindo da margem direita do rio Branco, por terra, dirigiu-se Rondon, depois, para o rio Uraricoéra, visitando nêste trajeto a aldeia da Anta, governada pelo tuxáua Lobato, dos *Uapixana*. Daí estavam ausentes, no momento, todos os homens, motivo pelo qual as índias receberam os expedicionários com a cara amarrada. Todavia, ofereceram beijús de milho e banana, considerados suculenta refeição pelos visitantes e que lhes permitiu prosseguirem a viagem, sem outro alimento, até o pouso. Além das habituais plantações, chamou a atenção a variedade de pimentas de que se alimentam. "*Entre estas piperáceas viam-se malaguetas, chumbinho* e *póca*".

Subindo-se o Uraricoéra, afluente da margem direita do rio Branco (afl. por sua vez do rio Negro, que o é do magestoso Amazonas), encontram-se primeiro as *malocas* dos *Xirianã*, que o Tte. Cel. Frederico Rondon afirma serem também (conhecidos por Siriano), depois as dos *Macu* e por último as dos *Maiongom*.

A notícia da viagem do mais assíduo e mais eficaz protetor dos Índios, espalhou-se ràpidamente por aquelas cercanias, a ponto de às vêzes se reunirem nos bivaques do Inspetor de Fronteiras, em visita de cortezia, para mais de 200 selvícolas, de diversas tribos — o que constituia sério problema para alimentá-los!

Todavia, quando o General alcançou a aldeia Barata, "*patriarcado uapixana do tuxáua Paricá*", êste, que se fardou para receber os expedicionários, não veio ao encontro dêles, mas, "*como legítimo chefe indígena, não saiu de seu trono: esperou que lá o fossem cumprimentar*!".

Reproduzia assim o gesto altivo do grande cacique Piragibe, o notável ameraba "*que se negara a esperar Zorobabé no caminho, por não ser êste uma dama, nem vir dar-lhe guerra*"....

No momento achavam-se em numerosos grupos, homens, mulheres e crianças, num total de 500 indivíduos, todos obedientes ao cacique Paricá, que acumula as funções também de pagé.

Acampou o General à margem do Uraricoéra, em um pôrto próximo à ilha Maracá e ao canal do mesmo nome, onde amerrissara o hidro-avião do explorador Rice (Alex. Hamilton-), em 1925. Foi aí visitado por uma delegação dos *Macuxi*, chefiados pelo tuxáua Jesuino, aliado e amigo dos *Maiongom*, com os quais fizera excursões através da serra Pacaráimã, onde viviam os inimigos desta tribo: os *Guaraivo*.

Contou Jesuino, com tôdas as minudências, que numa dessas excursões vararam do Uraricoéra para o Meruari, em território venezuelano: Para isto, haviam subido em ubá pelo Uraricoéra, até a foz do igarapé Coatu, penetrando por êste acima, durante sete dias, no trecho navegável por canoa; saltaram pela margem direita e meteram-se por um trilho batido daqueles índios, arrastando com êles a sua ubá, durante um dia inteiro; subiram pela encosta brasileira às cumíadas da serra Pacaráimã e, descambando para a vertente oposta, em terra venezuelana, incidiram num outro igarapé em que lançaram a tosca embarcação, ao sabor da corrente, para, dois dias depois, desembocarem no Meruari (ou Mereoari), onde existe, bem no pontal, uma taba de índios *Maiongom*.

Pelo mesmo tuxáua Jesuino soube o General que as habitações construidas pelos *Maiongom* devem ser semelhantes às dos Nhambiquara e dos Quêpi-quiri-uáte, com a cobertura terminada em ponta e sustentada por um só esteio central.

— Viajando o General Rondon pelo rio Cuminá e seu formador oriental o rio Paru, foi amistosamente recebido sempre pelos índios Rangu-Piqui.

Numa aldeia (Ocoimã) dos índios Tirió, ocorreu curioso episódio, quando o General, dirigindo-se ao cacique Uaianã, aí em visitá e pertencente à tribo *Caianã*, que habita às margens do rio Parumã, na Guiana Francêsa, chamou-o de *capitão*, contra cuja designação se insurgiu o índio, retrucando-lhe em francês:

— "*Moi, Colonel; pas capitaine*!" o que levou o sertanista brasileiro a entabular com êle uma conversação... em língua diplomática! Nêste *3.º* volume de albuns figura a fotografia do *Colonel* Uaianã e de sua jovem espôsa. Quer pelo Paru-Oeste, cujas cabeceiras, na serra de Tumucumaque, contravertem com as do rio Paloemeu (afl. do Tapanahoni e êste do Maroni); quer pelo Marepi, formador ocidental do Cuminá e cujas cabeceiras fluem da serra de Acaraí, contravertendo com as do Courentine — é simples compreender a facilidade destas comunicações entre os Pianacotó e os Tirió, duma parte, e os índios da fronteira francêsa, doutra parte.

Quando ainda em S. Marcos, ouviu o General, dos *Taurepã*, declarações que concordavam com as dos *Macuxi*, quanto à primitiva grande nação dêste nome, da qual aqueles faziam parte, assim como, quanto aos seus irmãos *Paráuiana*, que "aparecem na literatura sôb a denominação de *Paravilhano*, segundo os portuguêses e aos quais é atribuido o assalto à Expedição de Izidoro Rondon, em 1773, no seu acampamento do pontal do rio Pirará, quando da primeira invasão espanhola dos rios Uraricoéra, Tacutu e Maú."

Narraram ainda ali os *Taurepã* a tremenda luta que travaram os *Paráuiana* contra os *Antigáricó*, de Cuialocógue.

Tanto os *Pianacotó* que o General encontrou no Cuminá, como os *Rangu* do Paru, e ainda os *Tirió* (que aliás é um grupo dos Rangu-Piqui) da fronteira brasileira com a guiana holandêsa, são todos originários da grande família primitiva dos CARAÍBA OU CARIBE.

Vem a pêlo assinalar que desta viagem do General ao vale do Trombetas e seu afluente Cuminá é que provieram dados positivos sôbre a riqueza arqueológica dessa zona, donde resultou a indicação que fez do etnógrafo da "Comissão Rondon", J. Barbosa de Faria, para proceder a estudos que, infelizmente, foram suspensos em fins de 1930, ao ser extinta a citada Comissão, não sem deixar brilhantemente autenticada sua atuação erudita, como bem documenta a Publicação n.° 89, ora em impressão (*): "A cerâmica da tribo Uaboí, dos rios Trombetas e Jamundá" — Contribuição para o estudo da arqueologia pré-histórica do baixo-Amazonas."

*

Dando conta de sua viagem pelo rio Uaupés, encontramos no livro do Tte.-Cel. F. Rondon os seguintes tópicos, que contêm matéria digna de reflexão:

> "... Vinte e cinco anos após as negociações de limites com a Colômbia, vamos, porém, encontrar, naquela zona fronteiriça, uma população genuìnamente brasileira, vibrante de amor à terra, exacerbada em seu patriotismo, submetida à humilhação cívica de se tornar estrangeira, sem ter saído de seu torrão natal.

"E' que, cedendo, no Papuri, tôda a margem esquerda e a direita a oeste do meridiano 70°2'37" de Greenwich, lançámos o desassossêgo numa população de 2.000 indígenas brasileiros. Os *Uanána* do alto Uaupés e os *Cubéua* do Querarí-Coduiarí, catecúmenos dos missionários do rio Negro, desde o século XVIII, administrados por autoridade brasileira até 1925, orçando por 3.000 indígenas, passaram em massa para a jurisdição colombiana. Tomando por limite o meridiano da foz do Querarí, na longitude 69°50'41" de Greenwich, deixámos sob o contrôle e a dependência da Colômbia as saídas de afluentes da margem esquerda daquele rio, região de imensos balatais explorados por brasileiros...

"Avaliam-se em 25.000 indígenas as populações de tradição brasileira radicadas na zona fronteiriça com a Colômbia, nos rios Japurá, Apaporis, Uaupés e Içana."

(*) Já impresso, em distribuição no C. N. P. .I, estando quase esgotado a edição de 2.100 exemplares. (Nota de 20/VII/1947).

Topou também com malocas de selvícolas *Uanána* no médio Uaupés entre Jurupari e Jandu-Cachoeira, e assinalou, além desta, mais 11 tribos que povoam o Caiari brasileiro:

Arapaço e *Tariano*, no Uaupés entre Ipanoré e Umarí-Cachoeira, e no baixo Papuri;

Tocana, *Pirátapúia* e *Deçana*, em agrupamentos alternados, no baixo-Uaupés, Papuri e Tiquié;

Bará, *Micuratapúia*, *Tuiúca* e *Carapanã*, no alto-Papuri e no Tiquié superior.

Entre as últimas tribos acima nomeadas, vivem ainda remanescentes de outras em vias de extinção.

Outros agrupamentos menos conhecidos, ainda nômades e arredios, compreendidos sob a designação de Macu, vivem no recesso das matas e nos afluentes menos transitados.

Assim se acham representados, no Uaupés, os quatro grupos linguísticos que abrangem a bacia do rio Negro: *Tocana*, *Aruáque*, *Caraíba* e *Macu*.

Segundo o mesmo observador, o grupo dos índios TOCANA, o mais numeroso naquela zona, compreende, "além dos *Tocana* pròpriamente ditos, os *Pirátapúia*, *Miriti-Tapúia*, *Arapaço*, *Tuiúca*, *Bará*, *Uanána* e *Cubéua*, além dos *Tsoeloa*, da cabeceira do Tiquié, dos *Erúlia*, *Upaima* e *Palenoa*, do Pira-Paraná; os ARUÁQUE são representados no Uaupés pelos *Tariana*, pertencendo-lhes, ainda os grupos dos *Baniua*, *Siuci*, *Hohodeni* e *Ipeca* do Içana, os quais vivem em comércio com os primeiros"; à grande família dos CARAÍBA OU CARIBE, "pertenciam os *Boiarana* (homem-cobra), assinalados por missionários do século XVIII, no médio-Caiari e provàvelmente assimilados pelos *Cubéua* invasores do Querarí-Coduíarí".

O Tte. Cel. F. Rondon explica, a propósito do apelido: homem-cobra, que até agora se observam nos *Boiarana* inúmeros casos da terrível e dolorosa dermatite, que em muitas tribos da Amazônia e de Mato-Grosso é conhecida pela expressão: *puru-puru*, daí provindo o nome daquele grupo selvícola.

Finalmente, à família dos MACU, aliás qualificada pelo General Rondon entre as alófilas, supõe êle pertencerem "algumas tribos que erram ainda em estado semi-selvagem, na extensa região situada entre o Japurá e o rio Branco, além de outros agrupamentos docilizados que vivem no Taraíra, Papuri e Tiquié, perseguidos pelos ARUÁQUE e pelos TOCANA, que os maltratam e escravizam."

No livro a que me reporto, estão consignadas afirmativas de Henri Coudreau, computando em vinte e uma as tribos selvícolas do Uaupés, as quais falavam quinze dialetos (!) e opinando sôbre a incontestável procedência CARAÍBA dos *Tariano*, "que tinham certa preeminência e cuja aldeia principal, nêste rio, era considerada uma espécie de capital."

Os índios *Baré*, cujos remanescentes orçam por 100 indivíduos, "procedem do Papunaua, afluente do Inirida e, como os *Manáu* e *Marabitana*, foram assimilados pela população sertaneja do rio Negro". A folhas 123/4 do "Uaupés", encontra-se a seguinte lenda dos *Baré*:

« Em remotas eras, a filha de um poderoso tuxáua, expulsa da *taua* paterna foi viver numa tapera distante, onde parentes extremosos lhe iam levar recursos. Um dia essa índia teve um filho de singular beleza. Maní, chamou-se o índiozinho.

« A notícia do acontecimento alvoroçou a *taua*. O tuxáua, esquecendo mágoas e rancores, foi visitar a filha e se rendeu também aos encantos do netinho. Mas, ao completar três anos, Maní morreu misteriosamente sem ter adoecido. Os parentes vieram contemplá-lo mais uma vez, na esteira em que antes brincava, e o sepultaram no meio da *uca*. A mãe lá ficou desolada, lamentando sòzinha seu infortúnio, sentada no chão.

« Ao amanhecer, os olhos cansados da índia viram brotar da terra molhada por suas lágrimas uma plantinha que logo foi crescendo, crescendo, até furar o têto da *uca*, e à grande altura, já árvore copada, floriu e deu frutos.

« Os parentes acorreram maravilhados. Revolvendo a terra, viram que aquela árvore saía do ouvido de Maní.

"— *Maniua*! *Maniua*!" exclamaram.

« Os passarinhos comeram os frutos da árvore e sairam semeando *maniua* branca, os de moela branca, e maniua amarela, os de moela amarela.

« A raiz da maniua, semelhante a um chifre (*aca*), denominou-se *maniaca*.

maniua = mandioca
iua = árvore"

Encontro ainda, no livro que estou passando em revista, informes sôbre os TOCANA e *Cubéua*:.

"Em 1852/3, os TOCANA... foram missionados nas aldeias de Jauareté-Cachoeira, Juquira-rapecuma, São Jerônimo de Ipanoré, Pã-Cachoeira, Ananá-rapecuma e São Joaquim. Em 1888, os Capuchinhos reuniram 948 TOCANA em 4 aldeias. Orçam, atualmente, por 1.600 os TOCANA do Uaupés e afluentes.

"Os *Cubéua* ocuparam o Içana-Aiari, onde dominaram povos ARUÁQUE, e recentemente o Querarí-Coduiarí, donde desalojaram os *Uanána*. No século XVIII, são encontrados no rio Negro, com o nome de *Coeuna* ou *Coeana*. Compreendem, atualmente, três ramos consangüíneos: *Cubéua* do Querarí, *Heenaua* ou *Cubéua* do Coduiarí e *Cauátapúia* ou *Cubéua* do Aiari.

"Orçam os *Cubéua* por 2.500 indivíduos, dos quais cêrca de 1.000 habitam o vale do Querarí. No século XVIII, os Carmelitas reuniram índios desta tribo nas aldeias de Mutum-Cachoeira, Micura-rapecuma, Uaracapuri, Caruru-Cachoeira, São Jerônimo de Ipanoré e São Joaquim.

"Os *Tariana* são procedentes do Içana. Vindo para o Uaupés, teriam constituído aqui o ramo da nação ARUÁQUE submetido pelos TOCANA invasores. Seus remanescentes vivem, atualmente, no médio Uaupés, entre Ipanoré e Macu-Ponta-a jusante de Umarí-Cachoeira; e no baixo-Papuri, entre Uaracapá e Jauareté, -Cachoeira, divididos em pequenos grupos."

— Numa das malocas dos Cubéua ocorreu um incidente que atesta o entusiasmo dêste povo brasilíndio por nossa Pátria; narra-o assim o explorador:

> "Ao embarcar, passei pelos Cubéua para me despedir. Afagando o ombro do mais velho, perguntei-lhe se era colombiano.
>
> "— *Umbá* (não), respondeu prontamente.
>
> "— Não é colombiano ? — insisti.
>
> "— *Umbá*, contestou vivamente o *Cubéua*, sacudindo a cabeça em negativa e contendo desta vez o riso, que afinal rebentou em gargalhada.
>
> "Os outros índios acompanharam a cena com interesse, rindo do embaraço daquele *Cubéua* que ia passando por colombiano."
>
> Noutro tópico anotou êle a frase expressiva dum selvícola:
>
> — "Nasci brasileiro e brasileiro hei de morrer!. . ."

— Dentre as fotografias dos *Tuiúca*, encontra-se uma bem característica da imponência de dois tuxáuas, com os adornos para uma festa e trazendo pendurados ao pescoço os cilindros de quartzo que simbolizam a autoridade suprema !

Sôbre um de seus encontros com os *Deçana*, escreve, noutro tópico, o mesmo autor:

> "Chegámos ao escurecer a Cuiú-Cuiú (São Bernardo), aldeia dos *Deçana*, à margem esquerda do igarapé do mesmo nome.
>
> "Minha barraca se encheu de índios alegres e amáveis como velhos amigos. Fora, os que não podiam entrar, deixavam molhar-se por uma

chuvinha miúda e quente. Ao jantar, distribuí pela assistência, ainda numerosa, bolinhos de farinha, que os TOCANA de Piraquara haviam denominados "*firitari*" (fritos). Admiro nestas ocasiões a solidariedade dos índios. Enquanto o último não recebe um pedacinho que seja, não sossega nem se serve a velhinha que tem o encargo de distribuir os bolinhos.

"A propósito da nacionalidade dos *Deçana* de Cuiú-Cuiú, relatou-me um dos mais velhos:

"Antigamente, tudo era Brasil: o Papuri todo até Itim-Igarapé, o varadouro para o Uaupés e Jurupari-Cachoeira. Nada era Colômbia. Eu já era homem, quando apareceram aqui os Padres dizendo que esta costa do Papuri era da Colômbia."

"... Depois do almoço, outra volta pela aldeia; a vista de um canavial e um engenho rústico, sugeriu-nos o fabrico de rapaduras. Os *Deçana* não sabiam fazê-las. Alcides Rocha se encarregou de ferver a garapa, numa panela de *tauápixuna*, tomar o ponto e enformar o melado, sob as vistas de uma dúzia de *cunhãs* radiantes de curiosidade e satisfação. Mateus, um de nossos remeiros, explicava a um grupo, com pormenores muito ao vivo, na gira deçana, o modo de conservar as rapaduras, envoltas em folhas de bananeira, como aprendera com o Sr. Rocha."

*

Das bem ponderadas observações do Coronel Themistocles destacarei, em primeira plana, as notas antropológicas e etnográficas que abrangem tôdas as tribos dos numerosos "*clans*," que visitou demoradamente, no oeste amazônico.

Em todos os tipos estudados acentua o explorador que não se encontra nenhum de beleza plástica e todos apresentam pouco diferenciados os caracteres físicos de maior evidência, como a altura mediana; a estrutura muscular proporcionada ao porte; cabelos lisos; tez escura; cabeça que oscila entre a braquicefália e a dolicocefália, aproximando-se mais daquela do que desta; as mulheres sempre de menor porte, porém robustas e mais bem nutridas que os homens, entre os quais é difícil encontrar-se um indivíduo adiposo; em geral todos feios e que decáem ràpidamente com a idade.

Todavia, cumpre-me observar que, em contradição à fealdade apontada, as fotografias que aparecem no opúsculo: "Íncolas-Selvícolas", desmentem uma tão categórica afirmativa do próprio autor, especialmente a que ali figura entre páginas 64 e 65, apresentando uma índia que repousa artìsticamente reclinada em

sua rêde e que tem o seguinte título: "Jovem índia *Cobéua*, no interior da maloca — Foz do rio Querarí — 1933 — ". A atitude poética, a fisionomia risonha e simpática, a doçura encantadora do seu olhar, mais parecem as de uma ariana super--civilizada e *granfiníssima*...

São do mesmo autor estas observações:

"... Os índios, regra geral, são ponderados e notàvelmente calmos... Notável é a jovialidade com que se apresentam: estão sempre alegres e bem dispostos. Onde se acham dois índios, está a alegria: riem a propósito de tudo, o que talvez tenha dado motivo a que alguns exploradores os tenham comparado a eternas crianças !"

Entre os selvícolas da zona noroeste brasileira, fronteiriça com a Colômbia, anotou Themistocles a existência duma organização social interessante, a que denominou: "*diferencial*", pela forma elementar que apresenta e que, aliás, não é peculiar sòmente a êles, pois que também a assinalam os etnógrafos entre os indígenas da Austrália, constituindo uma fase inicial, anterior à do estabelecimento das tribos governadas por um chefe único."

O estudo de tais grupos ditou-lhe os seguintes apontamentos:

> "... A família é aqui constituida tendo por base a monogamia.
>
> "O casamento ou o acasalamento é feito pelo rapto, do qual têm prévio conhecimento os pais dos nubentes, dando-se até casos bastante curiosos, do pai do candidato raptar a pretendida para o filho. Esse rapto e acasalamento têm para êles a mesma fôrça de ligação e compromissos que o casamento para os civilizados.
>
> "As ligações são perfeitas e os casais bem constituidos, notando-se perfeita harmonia nas famílias com recíproca fidelidade.
>
> "Não deve ser isto de estranhar, pois são elas constituidas pelos únicos e legítimos laços que mantêm a família, os laços do coração.
>
> "Marido e mulher raramente se separam, tomando as mulheres parte em todos os labores do marido, nas caçadas e pescarias, na plantação das incipientes roças de mandioca, nas viagens e nos passeios.
>
> "São carinhosos para com os filhos, que se criam na mais ampla liberdade".
>
> "Em geral os índios de um *clã* não casam com mulheres do mesmo *clã*, constituindo isto uma regra geral tradicional, que põe os indivíduos em relativa defesa contra os cruzamentos consangüíneos, em benefício do tipo étnico".

"Qualquer indivíduo ao chegar à maloca de outros é recebido como do grupo e de tudo participa, tem casa e comida.

"Nas festas, espécies de bailes a que chamam *caxiris*, todos contribuem com alimentos e bebidas. São muito atenciosos uns para com os outros e muito corteses.

"Ao chegar um conviva a uma festa, depois de se acomodar, recebe os cumprimentos dos presentes, um de cada vez, homens e mulheres, que o saudam delicadamente.

"A atenção e respeito de uns pelos outros verifica-se mesmo na conversa. Um índio diz para outro, em conversa:

« — Ontem à tarde uma canoa virou na cachoeira e o canoeiro morreu afogado.

"(Faz uma pausa). O interlocutor responde:

« — Eu sei, porque você está me dizendo, que ontem à tarde etc., repete a afirmativa.

"Em seguida o outro continua:

« — O cadáver não foi encontrado porque o rio levou.

"(Pausa) Diz-lhe o outro:

« — Estou sabendo porque você está me dizendo, etc.

"E assim prosseguem, sem descurarem essa reverência de declararem ter tudo como verdade.

"As conversações são portanto de pequeno rendimento e afastam as possibilidades de disputas.

"As festas ou *caxiris* são muito concorridos e para êles adornam-se os homens com penas de aves, plumas e bugigangas a que chamam *acangataras* e às quais dispensam carinho especial.

"Pinturas exquisitas adornam o corpo e no preparo dessa indumentária empregam muito tempo, auxiliando-se uns aos outros, como se vê nas fotografias anexas.

"As mulheres limitam-se à pintura, com traçados exquisitos que lhes dão aparências as mais variadas. Os espelhos e os pentes são dos objetos mais apreciados que lhes fornecem os civilizados.

"O *caxiri* é uma das bebidas que mais usam, e é feito de mandioca, ou milho, ou pupunha (fruto farináceo da palmeira *Guilielma Utilis*, rico em amido), que amassados com água, fornecem uma água de amido fàcilmente fermentecível, ácida a princípio e alcoólica em seguida.

"Em comêço de fermentação é refrigerante e agradável, depois torna-se embriagante pelo aumento do título de álcool.

"Fazem nas festas largo uso dessa bebida, havendo sempre um encarregado de servir os convivas em cuias de capacidade de cêrca de um litro.

"O *caapi* é outra bebida mais parcimoniosamente empregada. E' o infuso da *Banesteria Caapi*, planta sarmentosa a que chamam *caapi*, que possue um alcalóide entorpecente, a *banesterina*, que produz embriaguês semelhante à do ópio e à do cactus *Peiotl*, tido pelos índios norte-americanos como planta sagrada. O *caapi* é servido em pequenas cuias como chícaras e não é aceito por todos os índios.

"Em geral os bailes duram enquanto existe bebida, que é conservada em potes de barro de uma cerâmica gigante e em cochos de madeira.

"As danças são para os homens, moderadamente movimentadas pelo som da música simples e monótona, havendo alguns motivos musicais bastante interessantes.

"As mulheres só ocasionalmente nelas tomam parte, segurando-se à cintura dos cavalheiros, quando já em andamento a marcha.

"Tôdas as danças são acompanhadas de cantos de motivos simples referentes à Natureza.

"O *Jurupari* é uma das marcas dos *caxiris*.

"Os instrumentos de música para esta dança, são um jogo de dez buzinas feitas de haste de palmeira com pavilhão de talas. De tamanhos diferentes, produzem uma música soturna, porém suportável. Antes de iniciar a marca são retiradas as mulheres e crianças para a mata, bem ao longe, porque lhes é vedado conhecerem o "*jurupari*".

Há ainda no opúsculo do Cel. Themistocles um capítulo digno de aqui figurar e é o que êle intitulou: "A Astronomia entre os índios", no fim do qual refere, a propósito, a lenda de Jaci (*lua*, em legítimo tupi-guarani). Transcrevo, na íntegra, o interessante capítulo:

"Não será, de certo, motivo para risos e mofas dizermos que êsses índios têm a sua astronomia, que além de idealista é utilitária.

"Um leigo que percorra a lista da nomenclatura das constelações estelares, tais como a nossa sapiência científica a formou e mantem, ficará admirado e a compará talvez a um zoológico ou, quem sabe, si

a um museu, pois de mistura com animais figuram nomes de variados objetos.

"Pois bem, o índio primitivo seguiu a mesma marcha na sua rudimentar nomenclatura celeste: batizou com nomes de animais e objetos os grupamentos estelares que os impressionou.

"Conseguimos identificar algumas constelações.

"A nossa Grande Ursa ou Ursa Maior, constelação polar, do Norte, que é visível na latitude em que vivem, é para os índios *Jauareté* (onça).

"As Plêiades da constelação Taurus (touro) são chamadas: *Siuci*, que é seguida de *Muquentaua* (jiráu para fazer moqueado) que lhe pertence e é constituido pelas estrelas de Taurus que formam um *A*.

"Diz a lenda, que, quando Muquentaua aparece no nascente, de madrugada, pelas 4 horas, ao raiar do dia, mês de novembro, é necessário que homens, mulheres e crianças cheguem à beira do rio para o banho e pronunciem esta súplica: "*Siuci, Siuci Ita ce anga ce cetê santá*". — (Que a minha alma e meu corpo fiquem fortes e duros como a pedra por muito tempo)".

"Aqueles que deixarem de fazer anualmente esta prática, ficarão fracos e não durarão muito.

"Siucí é a dona de Muquentaua que nêle moqueia as pessoas que não tomam o banho indicado. Abaixo de Muquentaua vem *Ararapari* que é a bela constelação de Orionis (Orion).

"A constelação Scorpio (scorpião) é chamada *Boiauàssú*, cobra grande, que enguliu um ovo de arara, *Ararasopiá*, que é representado pela estrela *Antarés*, alfa da constelação, e ficou preso na garganta...

"Quando a cabeça de Boiauàssú desaparece no poente, ao pôr do Sol, dá-se a enchente dos rios, o que tem lugar pelo mês de novembro: é o *boiauàssú iuquicé* ou enchente de boiauàssú.

"Antes de Boiauàssú fica o *Tatu*, que é a constelação Corvus, (cor vo), pequena cruz com 5 estrelas, que quando se deita ao escurecer, pelo mês de setembro, determina muito grande enchente, que como o tatu, animal, escava as barrancas dos rios e corroe os terreiros das moradas. A enchente de Boiauàssú vai até Siuci deitar-se ao pôr do Sol (mês de abril). Marcam assim o período da cheia dos rios, cuja aproximação acompanham no céu pela posição das constelações.

"Pela cheia de Tatu é a época da piracema, da subida do peixe águas acima. Por essa ocasião as águas enchem os igarapés, tornam-se estacionárias: é a época de azáfama das pescarias ao timbó e aos *ca-*

curis, armadilhas de varas para pegar peixes, que são montadas desde que Siuci anuncia as primeiras águas.

"Todo o *clã* movimenta-se, interna-se pelos igarapés, na faina da colhida do alimento.

"Pegados os peixes envenenados pela goma do timbó nas águas paradas, são êles moqueados, isto é, expostos ao calor e à fumaça em cima de jiráus de varas (muquentaua) até ficarem completamente sêcos e negros pelo fumo.

"E' a provisão para o período de carência, é a conserva de peixe, de sabor detestável.

"*Juarauá*, o peixe-boi, é a nossa constelação *Crucis*, o Cruzeiro do Sul; que é perseguido por dois *Puracaçaras*, pescadores que são as duas grandes estrelas *alfa* e *beta* do Centauri, que ficam ao ocidente e próximo ao Cruzeiro.

"Uma descoberta interessante fiz inesperadamente.

"Um tuxáua pediu-me para explicar os elementos das armas da República que, em placa de bronze, estava colocada num marco divisório do nosso território com o colombiano.

"Tudo foi explicado e entendido, ao chegar porém, ao pedaço de céu que tem ao centro, figurando o Cruzeiro do Sul, não havia meio de fazê-lo conhecer a constelação, quando lembrei-me da denominação pela qual êles a conheciam: *juarauá* (peixe-boi).

"Compreendeu então ràpidamente o tuxáua e ficou descoberto que o peixe-boi está no meio das armas da República, cercado pelos tradicionais café e fumo, todos, riquezas decaídas para penúria da Nação, sobrando sómente as estrelas como a esperança e o sabre como a garantia !

"O *Camarão* é constelação sem finalidade prática, é constituido pelo *Lupus* (lobo) e parte do *Centaurus* que lhe fica próximo, formando as maiores estrelas uma figura parecida a um escorpião, sendo as estrelas de Lupus, as garras.

"Junto ao *Camarão* fica *Jacundá* (uma espécie de peixe) formado de estrelas pequenas.

"*Jaci* é a lua; *jaci-peçassu*, lua nova; *jaci-suassú*, lua cheia; *Jaci-pirêra*, lua minguante (*Pirêra* significa: resto).

"Explicam, numa lenda, que Jací era moça bonita e vivia na maloca em companhia de uma irmã casada.

"Um atrevido, que era o cunhado, horas mortas da noite, no escuro da habitação, ia mexer com a donzela, sem que ela pudesse descobrir

quem era. Preparou então uma cuia de tinta de genipapo e colocou ao alcance da sua rêde para com ela marcar o ousado.

"Acontece porém que o cunhado, ao aproximar-se, tateando, meteu a mão na tinta e quando passou no rosto da virgem, manchou-o de prêto. Por isso a lua tem a face manchada de prêto...

"Deve ser poético para êles o idealismo da lenda."

*

CONCLUSÃO

Se considerarmos agora, em conjunto, a obra realizada pelo General Rondon, em benefício da população aborígine do território que êle vem abrindo à atividade fecunda da nossa civilização, veremos que essa obra representa o resultado dum esfôrço, mais grandioso e mais admirável do que tudo quanto nêsse mesmo gênero se tem feito na nossa Pátria, e provàvelmente no resto da América. Porque essa obra, tôda de paz, de conciliação e de bondade, abrange inúmeros povos diferentes, cada qual ocupando um lugar distinto na escala da evolução das sociedades, nìtidamente separadas umas das outras, pelos costumes, idiomas e ritos, tôdas guerreando-se mùtuamente e havendo, em algumas delas, outras guerras intestinas; várias que nos tinham por inimigos tradicionais e intratáveis; e outras de que nem suspeitávamos a existência.

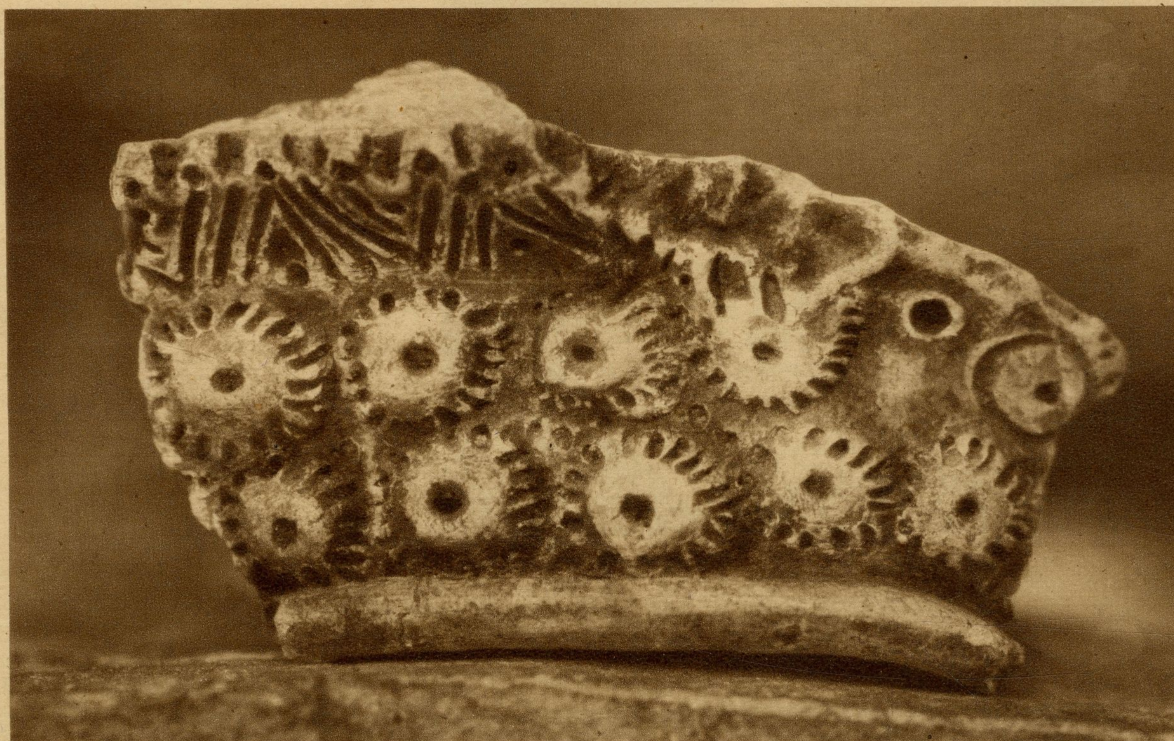
Usando, só e exclusivamente, do altruísmo, como fôrça política, Rondon conseguiu deter a marcha assoladora de injustiças seculares; reerguer, dêsses povos, os que já tinham entrado na fase da agonia, que precede à extinção total; aplacar ódios exterminadores; debelar prevenções oriundas de diferenças de raças, de línguas e de crenças; numa palavra, desbravar a formidável floresta de más paixões que o egoísmo acende nos corações dos homens, transformando-os em inimigos crueis e rancorosos uns dos outros. E tirando do fundo da sua própria alma os materiais com que havia de construir a grandiosa trama da sociabilidade brasileira, entrevista e desejada por José Bonifácio, Rondon ligou êsses povos entre si pelos laços da amizade e religou-os ainda mais fortemente, pelos liames indissolúveis da gratidão, ao sagrado altar da Pátria e da humanidade.

C.N.P.I. — Rio, 4 de outubro, 1945.

Amilcar Armando Botelho de Magalhães.
Cel. Secretário do C.N.P.I.

A CERÂMICA DA TRIBO UABOÍ

RIOS TROMBETAS E JAMUNDÁ



975 — Fragmento de vaso, procedente da tapera de Anjos, na foz do igarapé dêste nome, afluente do lago Sapucuá. A decoração estelar que aí se apresenta é um caso único, segundo as observações do explorador, na decoração cerâmica dos Uaboí.

Em 18 de setembro de 1928, na subida do Rio Trombetas, em demanda do Cuminá, confiou o Gen. Rondon ao Snr. João Barbosa de Faria a interessante missão de estudar os índios que habitam o vale dos rios Trombetas e Cachorro. O resultado dêstes exames, que o levaram à presença dos índios Caxiuaná, que se diziam remanescentes da antiga tribo dos Pauxi, levou-o a examinar as taperas da tribo extinta dos Uaboí, assinaladas invariàvelmente por numerosos fragmentos de cerâmica, restos de vasos e esculturas, por êle encontrados naquela zona.

Foto Dr. B. Rondon



976 — Fragmento de um vaso.
Sta. Maria. Rio Trombetas.

Fotos Dr. B. Rondon



977 — A ornamentação no rio Trombetas, consiste em motivos geométricos, restritos, porém, aos rítmos retilíneos elementares, sendo todo lavor cinzelado, em alto ou baixo-relêvo, com exclusão absoluta de representações picturais. Não se encontram aí elementos curvilíneos, nem linhas interceptadas ou cruzadas. (*)

(*) João Barbosa de Faria. A Cerâmica da Tribo Uaboí dos Rios Trombetas e Jamundá



978 — Adôrno de vaso.
Sta Maria. Rio Trombetas.

Fotos Dr. B. Rondon



979 — Esta peça arqueológica na originalidade da cruz dos Uaboí, é um fragmento de vaso achado na tapera do lugar denominado Coqueiros, no lago de Sapucuá.



980 — Nos estudos dos americanistas colombianos, o Doutorando João Barbosa de Faria, infelizmente, não encontrou elementos para identificar esta e as seguintes esculturas grotescas.



981 — Figura grotesca. Coqueiros no lago Sapucuá. O caráter exótico da civilização dos Uaboí, afasta em absoluto a idéia de qualquer parentesco entre êste povo e as tribos autoctones brasileiras. Nos próprios símbolos e concepções configuradas na cerâmica transparecem idéias e um estilo muito peculiar à escultura prehistórica andina.

Fotos Dr. B. Rondon



982 — Figura grotesca. Coqueiros. Lago Sapucuá. Possìvelmente representam as figuras grotescas, Bochica, Icadanza, Chaquén e mesmo Formagata, os gênios do mal. (*)



983 — Também para esta escultura faltam os elementos de identificação.

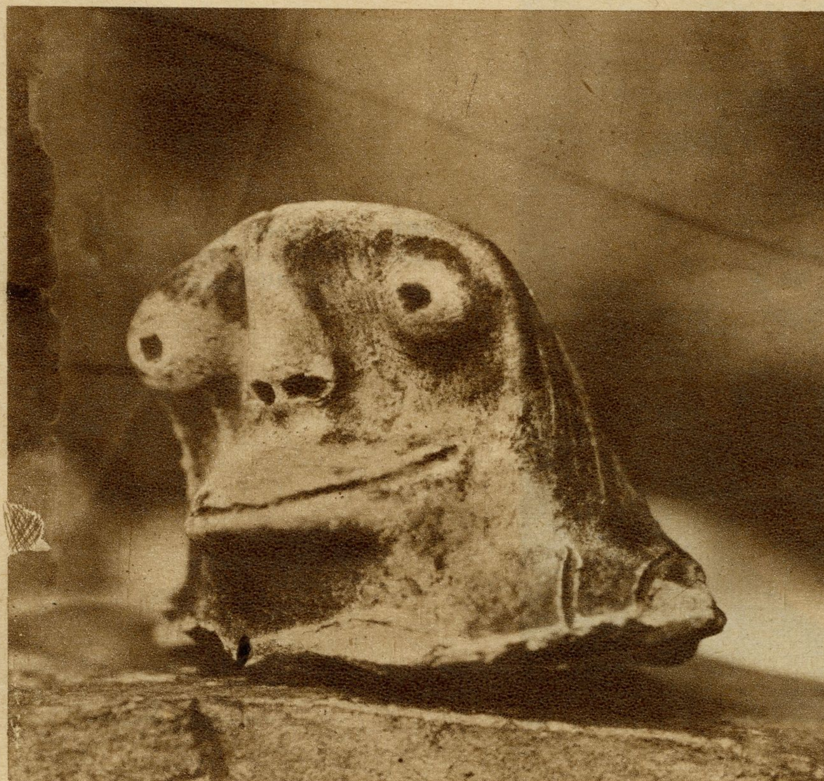
Fotos Dr. B. Rondon

(*) João Barocsa de Faria. A Cerâmica da Tribo Uaboí dos Rios Trombetas e Jamundá pág. 18



984 — Perfil da cerâmica em baixo.

Fotos Dr. B. Rondon.



985 — Figura grotesca. Coqueiros. Lago Sapucuá.



986 — Cabeça de uma ave de rapina, animal sagrado. Segundo o Prof. Posnansky "A representação do condor, simbolizou no culto de Tiahuanacu, o receptor da luz e do calor solar."

Fotos Dr. B. Rondon

987 — Batráquio (Totem) "A rã, outra figura sagrada, simbolizava a água no território dos Chibcha. Os índios se serviam destas representações à maneira de amuleto ou como oferenda à divindade. (**)



(**) Extraído de Júlio C. Salas. Etnologia y História de Tierra Firme, pág. 92, cit. em obr. cit., pág. 16.



988 — Esta figura parece ser concernente à astrolatria. Estampa-se uma escultura da Lua (*Chia*) espôsa do Sol (*Sua*) segundo os Chibcha. *

Fotos Dr. B. Rondon



989 — A escultura foi encontrada na Ilha Paru, situada no lago do mesmo nome. Interpreto-a como representação do deus *Foo*, símbolo da raposa. Os Chibcha consagravam-na aos esportes e diversões de tôda ordem e ofertavam-lhe penas coloridas. (**)

(*) Júlio C. Salas. Op. cit. pág. 285 cit em João Barbosa de Faria.
(**) João Barbosa de Faria. Ob. cit. Pág. 17.

990 — Ídolo fálico. Segundo João Barbosa de Faria é de presumir que seja fragmento da tampa da urna cinerária, págs. 37-39. A peça foi encontrada no mesmo sítio em que se achou a urna na Ilha de São João.





991 — Frente do mesmo ídolo fálico.

Fotos Dr. B. Rondon.

992 — Cachimbos zoomorfos (seres humanos) Ilha de São João.





993 — Ídolo e cachimbo. Baixo Trombetas.

Fotos Dr. B. Rondon.

994 — Chocalho para crianças.



995 — Ídolos moldados em cachimbos. Ilha de São João ou Botôa.

Fotos Dr. B. Rondon



996 — Figura grotesca. Coqueiros. Lago Sapucuá.

Fotos Dr. B. Rondon

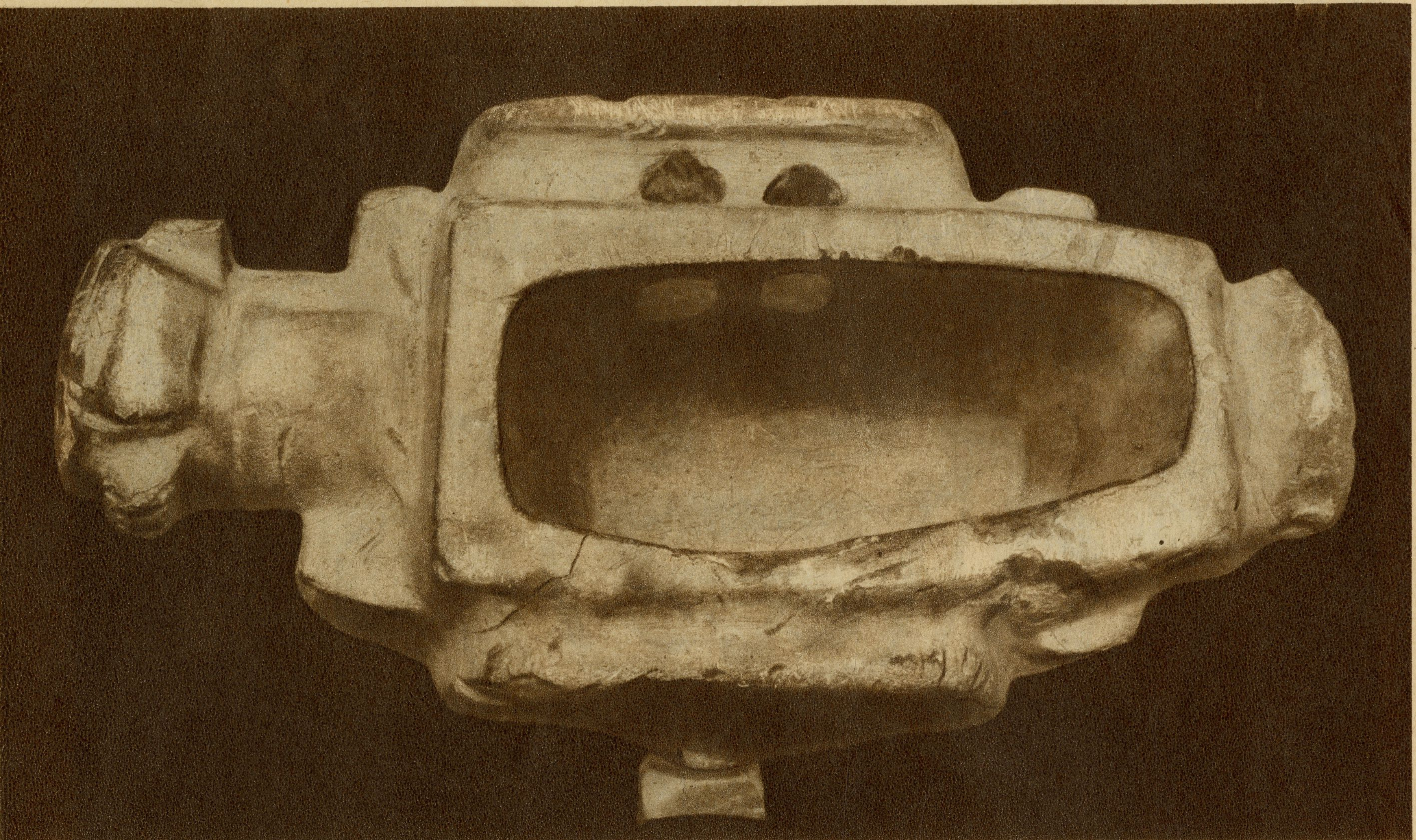


997 — De permeio com as peças de barro, encontravam-se, outrora, nas estações cerâmicas da zona Trombetas e do Jamundá, os chamados "muirakitans ou paurakitans" * delicadas esculturas em nefrite e jadeíte, que foram amuletos de alto valor estimativo, venerados pelos índios. Faro, rio Jamundá.



998 — Urna cinerária, autêntica preciosidade arqueológica oferecida ao General Rondon pelo Dr. João Henrique Diniz, quem em carta dirigida à Inspeção de Fronteiras declarou terem-na achado trabalhadores seus, sob ligeira camada de terra aluvional na Ilha de São João ou Botoa, sita no baixo Trombetas.

Foto Dr. B. Rondon.



999 — **Face superior da mesma cerâmica antiga, indígena.**

Foto Dr. B. Rondon.



1000 — Nas faces extremas da mesma urna acham-se duas outras esculturas de cabeças: de um lado, uma figura simiesca; e

Fotos Dr. B. Rondon

1001 — de outro lado, a estatueta de um homem sentado.

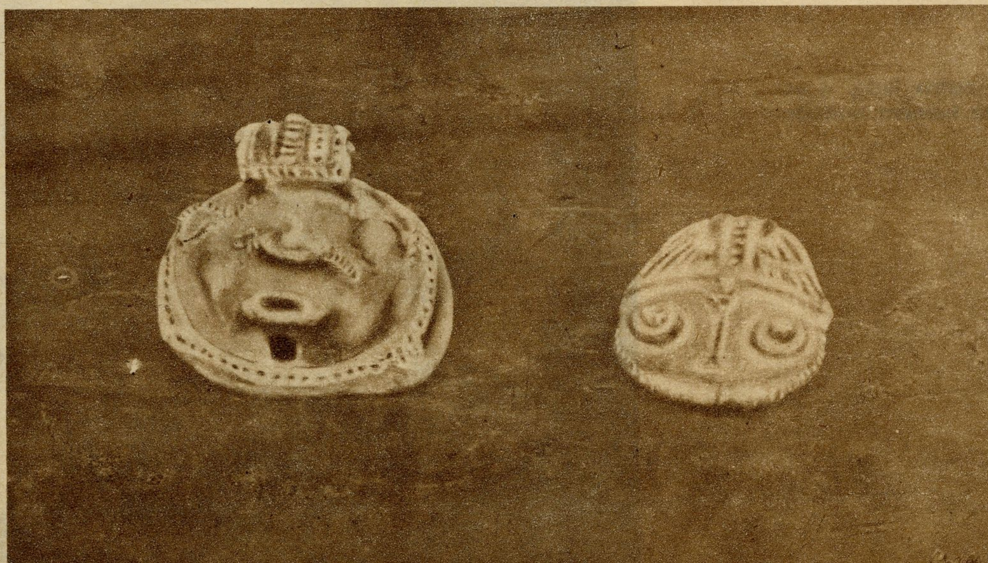




1002 — Na cidade de Óbidos têm-se encontrado fragmentos de vasos de belo valor artístico. Trata-se porém, de cerâmica procedente do rio Trombetas, o que revela pelo estílo e manufactura que lhe são próprios.

1003 — A matéria-prima empregada nesta peça é um barro negro de que não se utilizavam os Uaboí. A própria escultura tem o cunho de uma arte que não é dêstes índios. E' evidentemente, o derradeiro despôjo de um vaso extraviado de outras tribos. Nesta zona de Poção — Mondongo, há completa ausência de cerâmica.





1004 — Cerâmicas indígenas, obtidas por João Barbosa de Faria, na região dos lagos da barra do rio Trombetas.

Índios Pianocotó, Tirió e Caianã

RIO CUMINÁ-PARU



1005 — Vista do Tronco, no rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon.



1006 — Castanheiros em serviço no Tronco, Rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon



1007 — Cachoeira de Tronco durante a sêca, Rio Cuminá. Foto Dr. B. Rondon



1008 — Dez quilômetros acima do Tronco. A Cachoeira do Inferno. Esta queda chama-se "Resposta".

Foto Dr. B. Rondon



1009 — Cachoeira de Quebra Canela no rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon.

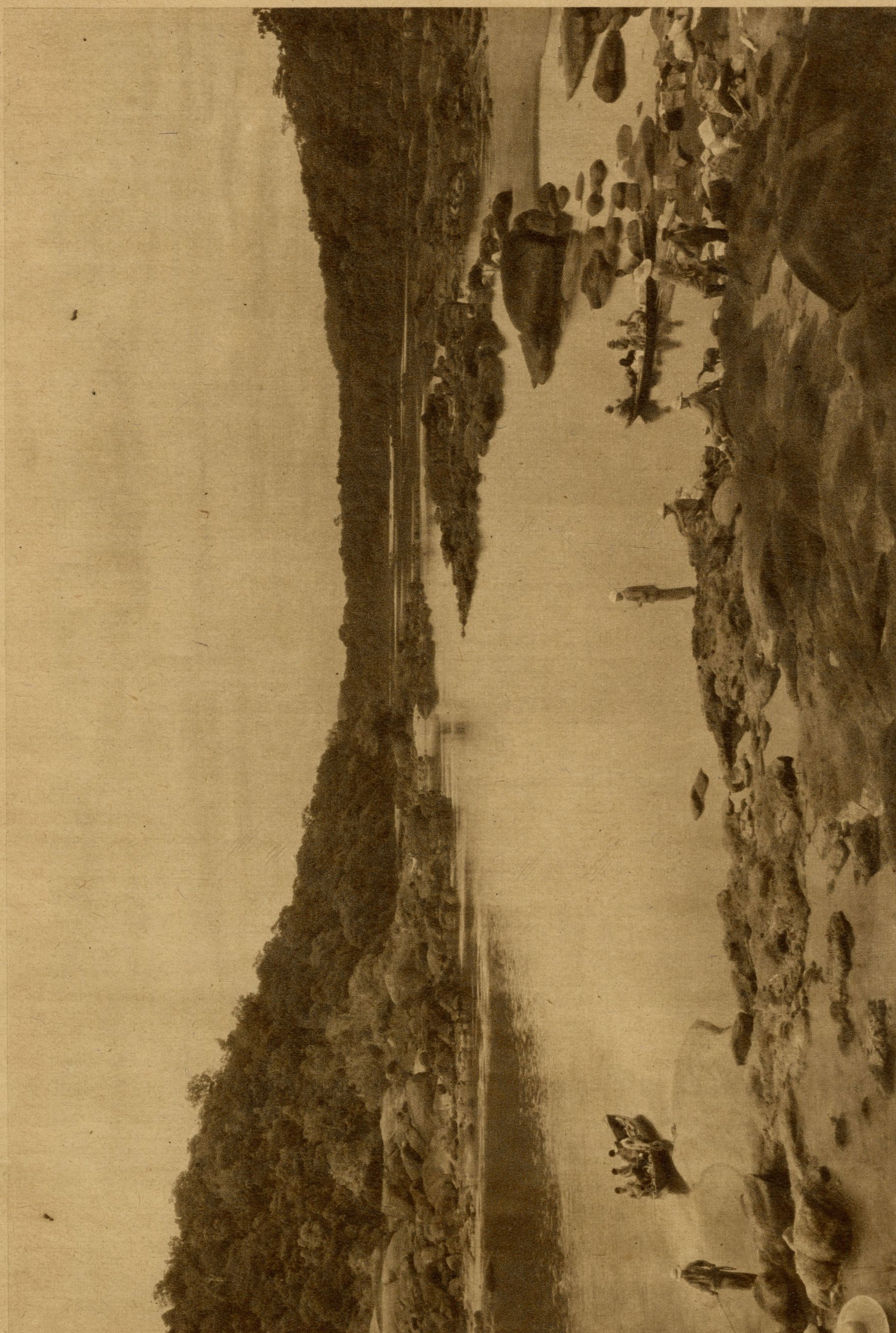


Foto Dr. B. Rondon

1610 — Cachoeira do Armazem do rio Cuminá.



1011 -- Corredeiras do Taurino. Rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon

1012 — Acampamento na praia de Tarumã. Rio Cuminá.



1013 — Petroglifos de Tarumã. Rio Cuminá.

1014 — Do que parece, não restar dúvida é, sejam devidos à mão indígena.



Fotos Dr. B. Rondon



1015 — Êsses petroglifos (Itacoatiaras dos silvícolas) são muito freqüentes por aqui.



1016 — O Arquipélago de Tarumã é cheio desta espécie de arte de talvez séculos atrás.

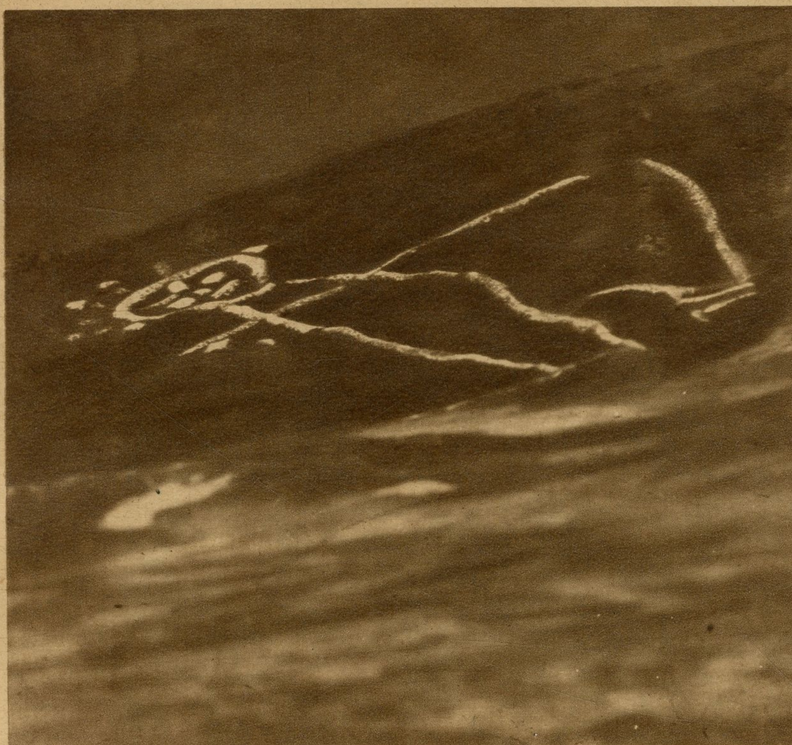
Foto Dr. B. Rondon



1017 — Outra inscrição rupestre de Tarumã. Rio Cuminá.



1018 -- Mais uma prova dum artista desconhecido por nos.



1019 — Petroglifos. Rio Cuminá.

Fotos Dr. B. Rondon

1020 — Inscrição, rupestre, Tarumã, rio Cuminá.





1021 — Inscrição rupestre de Tarumã, Rio Cuminá.



1022 — Petroglifo encontrado na Cachoeira Zôáda, Rio Cuminá.



1023 — Descarga de canoas na Cachoeira Zôáda, Rio Cuminá, Foto Dr. B. Rondon



1024 — Galgando o maior degrau da Cachoeira Zôáda. Rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon



1025 — As canoas recebem novo calafeto na Ilha Aluini, Rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon.



1026 — Cachoeira do Jacaré, rio Cuminá, a segunda da séria "Paciência".



1027 — O tombo da cachoeira do Jacaré, Rio Cuminá.

Fotos Dr. B. Rondon



1028 — Petroglifo encontrado na cachoeira do Jacaré, Rio Cuminá. Fotos Dr. B. Rondon.

1029 — Inscrições rupestres na cachoeira do Resplendor. Podemos ler entre os petroglifos seculares, o Venit 1887, devido ao Padre Nicolino e logo abaixo na pedra Diniz Avelino 1925, inscrito pela expedição Diniz, igualmente entalhado entre os dois símbolos indígenas.



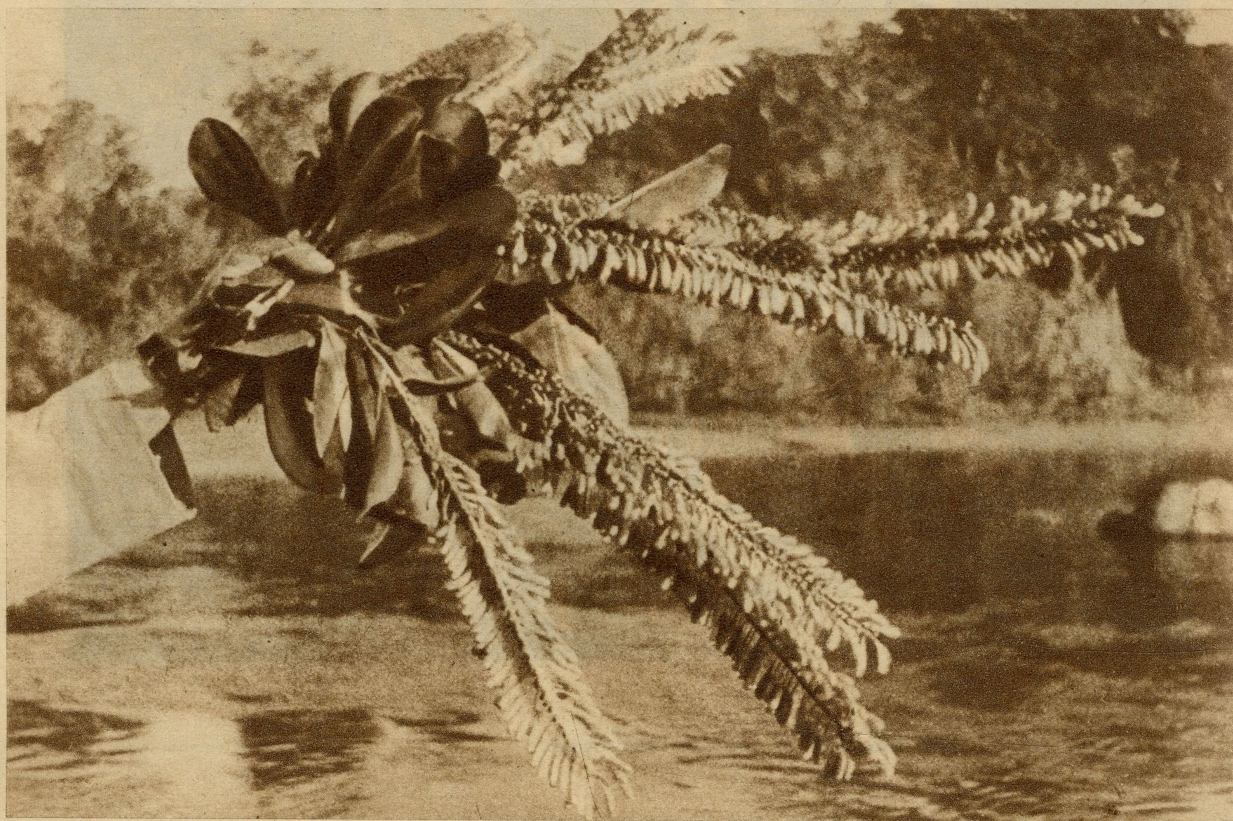
1030 — Cachoeira do Resplendor, a terceira da série "Paciência". Rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon.

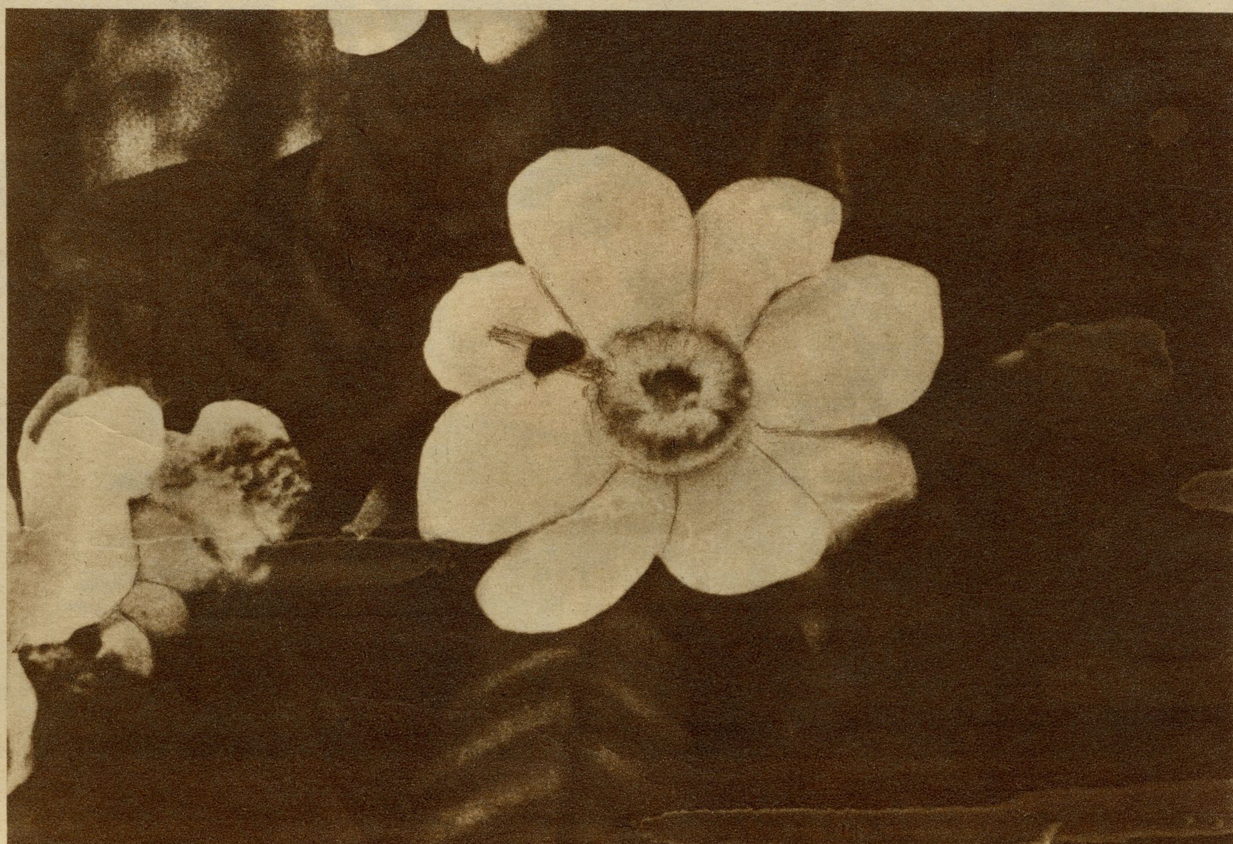


1031 — Árvore da Balata (*Mimusops Balata*) Rio Cuminá.

Foto Dr. B. Rondon.



1032 — Raras trepadeiras de côr violeta foram colecionadas pelo botânico.



1033 — E, inocentes flores perfumadas de "Jeniparana". Cine Major Thomaz Reis



1034 — As matas são ricas de plantas decorativas. Cine Major Thomaz Reis



1035 — As flores de Anonáceas abriam em belos botões côr de creme.

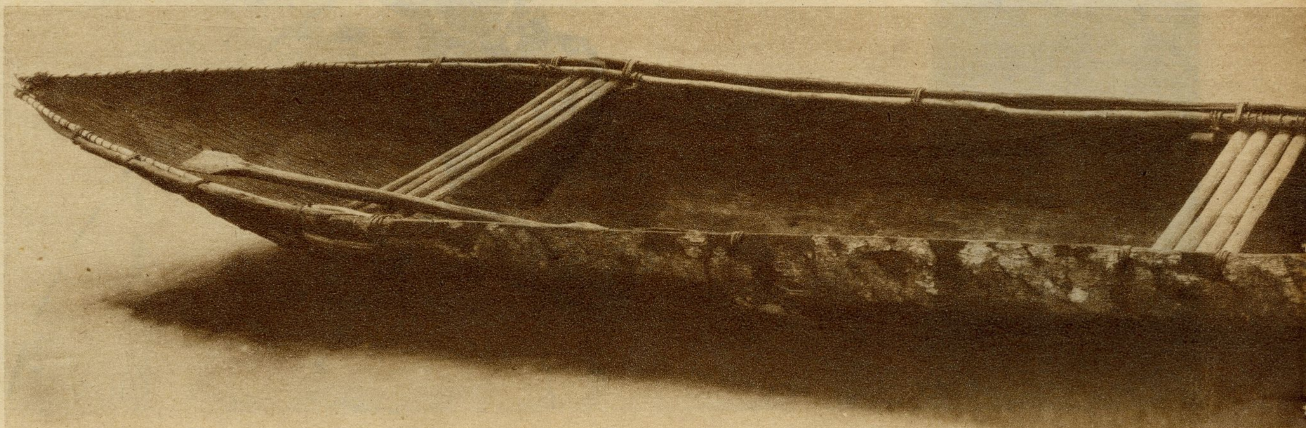


1036 — Pelas ramas marginais pendiam os "Pentes de Macaco" escarlates. Planta trepadeira.

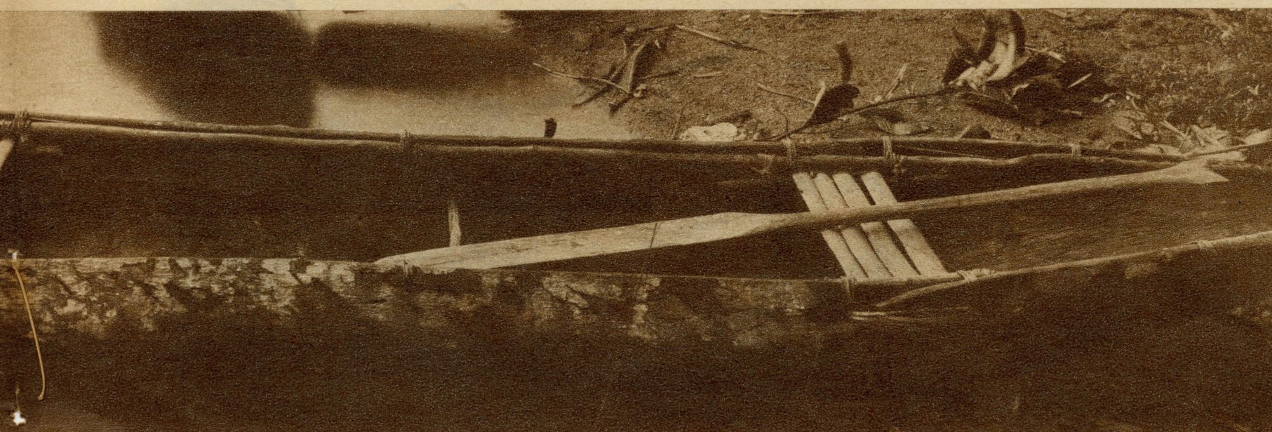
1037 — Um "Coleóptero" interessante, o *Serrador*, cortador de galhos.

Cine Major Thomaz Reis.

1038 — Cachoeira Grande, fim da série "Paciência". Rio Cuminá.



1039 — Uma surprêsa: o primeiro vestígio da existência perto dos índios Pianocotó, uma canoa da trib



bo.

Fotos Dr. B. Rondon



1040 — Na altura da fóz do Marapi ranchos de índios Pianocotó. Rio Paru.



1041 — No pôrto dos índios Pianocotó, rio Paru.

Fotos Dr. B. Rondon



1042 — Um Símio e um Quati aprisionados, que se davam muito bem. Cine Major Thomaz Reis.



1043 — Um grupo de índios Pianocotó, que, espavoridos pela nossa aproximação, internou-se floresta a dentro, sem levar os seus animais.



1044 — Aldeia dos índios Pianocotó, Maripá, rio Paru. Foto Dr. B. Rondon



1045 — Índio Pianocotó. Aldeia Maripá no rio Paru. Foto Dr. B. Rondon.



1046 — O General Rondon entre os índios Pianocotó, rio Paru.



1047 — Índios Pianocotó com seu novo amigo.

Fotos Dr. B. Rondon



1048 — Índio Pianocotó. Rio Paru. Foto Dr. B. Rondon



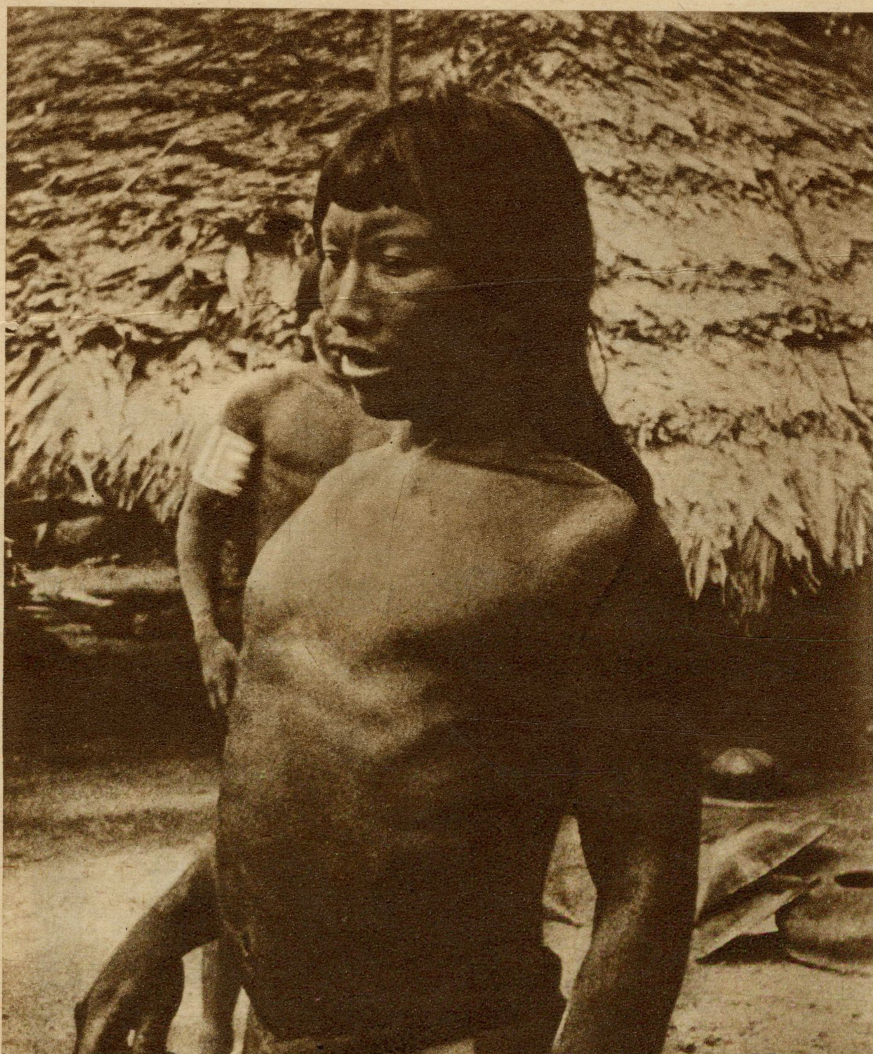
1049 — Tipos de índios Pianocotó, Rio Paru.



1050 — Bons tipos de índios Pianocotó.

Fotos Dr. B. Rondon

1051 — Jovem índio Pianocotó. Rio Paru.





1052 — Uma velha índia Pianocotó do rio Paru

Cine Major Thomaz Reis.



1053 — A índia peneirava a farinha de mandioca no seu baquité de palha.



1054 — Depois limpava a laje quente com um pouco de farinha de mandioca, retirando-a logo em seguida com uma espécie de leque.



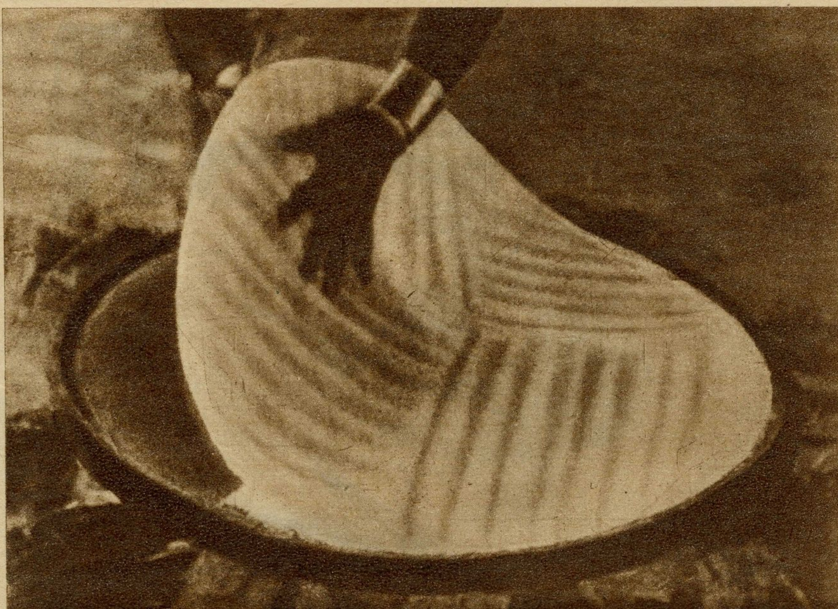
1055 — Então começava a assar seu beijú.



1056 — E não deixou passar a oportunidade de enfeitar o bolo, com um desenho de seu próprio punho.



1057 — Uma boa cozinheira deve assar também o outro lado na laje quente.



1058 — Assim ela vira o seu produto artístico, que não deve ser menos delicioso.



1059 — Um índio Pianocotó, enfeitando-se a seu modo.



1060 — Êle começa pelos braços.



1061 — Alisando, entre os dedos, pena por pena.

Cine Major Thomaz Reis.



1062 — Depois o nariz recebe o seu enfeite.



1063 — E finalmente de plumas delicadas e de côr viva, êle corôa a própria cabeça.



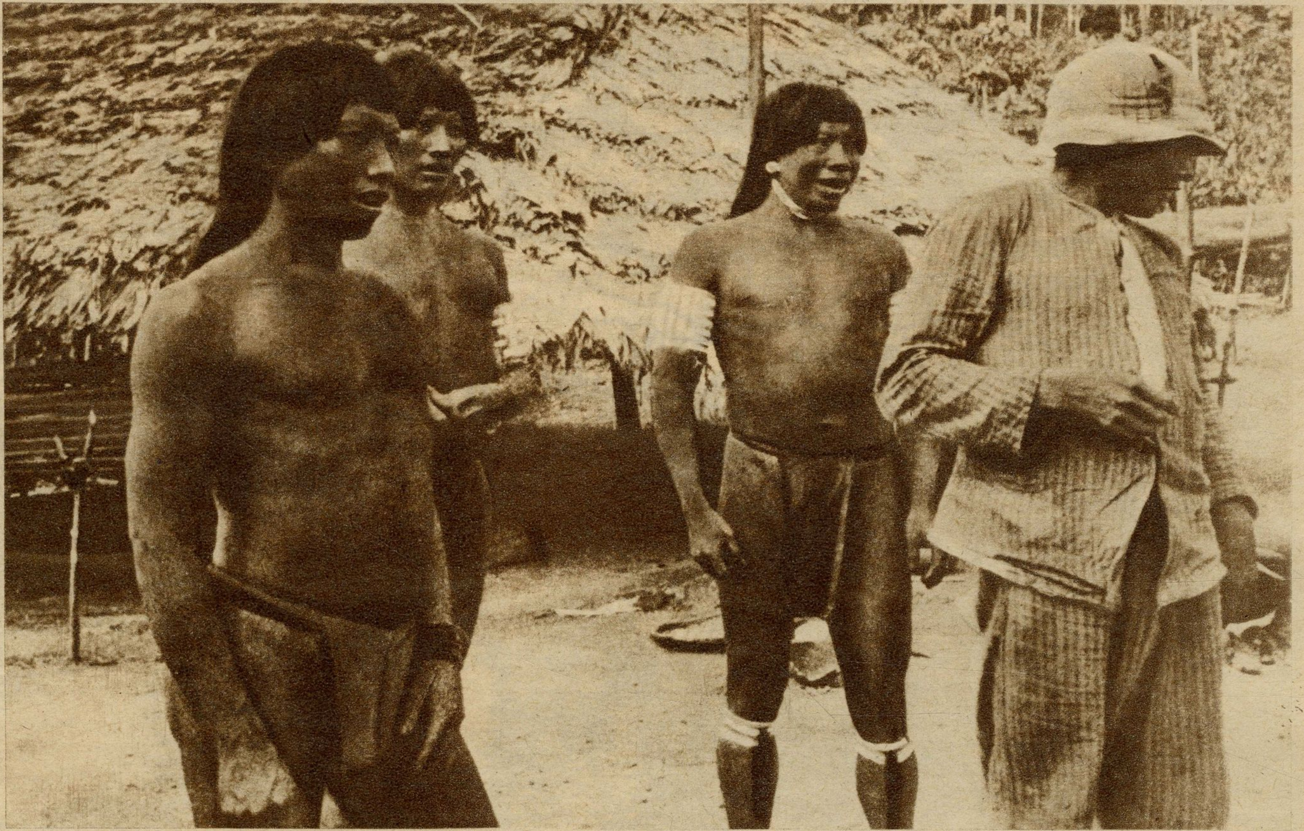
1064 — O chefe Pianocotó no seu traje festivo.



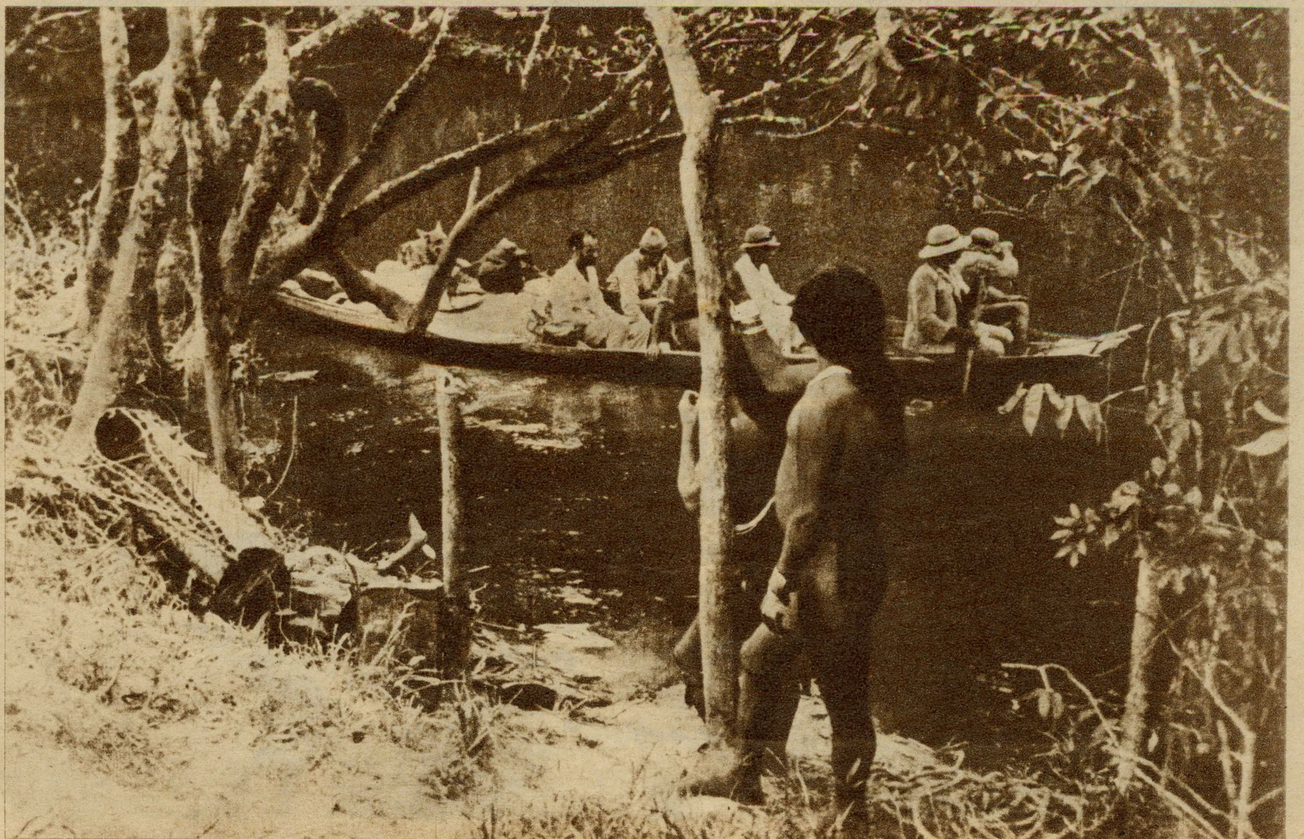
1065 — Dr. Benjamin Rondon, distribuindo presentes aos índios Pianocotó. Cine Major Thomaz Reis.



1066 — Nesta aldeia o General Rondon recebeu muitos objetos para o Museu Nacional.



1067 — Índios Pianocotó. Rio Paru. Cine Major Thomaz Reis.



1068 — Os índios observam a canoa em sua passagem pelo pôrto do rio Paru.



1069 — Rio Paru. Cine Major Thomaz Reis.



1070 — Na Cachoeira Paciência pescavam-se traíras dos poços que eram como viveiros de peixes tal a abundância.



1071 — As Traíras eram notáveis, pelo porte de tamanho ainda não visto em outros rios.



1072 — Em menos de meia hora pescavam-se quatorze peixes. Cine Major Thomaz Reis



1073 — Pelas margens Aningas em flor.



1074 —

Cine Major Thomaz Reis.



1075 — Muitos dias depois a flora apresentava novos aspectos. Sumarés e Piteiras entre Cactáceas.

Cine Major Thomaz Reis



1076 — Os Jabotis da região dos campos eram inúmeros. Cine Major Thomaz Reis.



1077 — Índio Tirió. Rio Paru.

Foto Dr. B. Rondon



1078 — Aldeia velha *Ocoimã* dos índios Tirió. Rio Paru. Foto Dr. B. Rondon



1079 — Tuxáua Pai-Pai dos índios Tirió. Rio Paru. Foto Dr. B. Rondon

Fotos Dr. B. Rondon.



1080 — General Rondon entre os índios Tirió e Caianã do grupo Rangu-Piqui. Rio Paru. Os Caianã em visita aos seus parentes.



1081 — Major Luiz Thomaz Reis entabolando uma conversa com os índios Tirió. Rio Paru.



1082 — Índio Tirió. Rio Paru.

Foto Dr. B. Rondon



1083 — O mesmo índio de frente. Rio Paru.



1084 — "Coronel Uaianã", índio Caianã do rio Parumã, da fronteira com a Guiana-Francesa, encontrado em visita aos índios Tirió da aldeia Ocoimã no rio Paru.



1085 — A mulher do cacique Uaianã pertence também à tribo Caianã da fronteira com a Guiana-Francesa. Ambos sabem falar o idioma francês.

Fotos Dr. B. Rondon.



1086 — Índio Tirió, como os outros da tribo, habitante da vertente meridional da Cordilheira Tumuc-Humac.



1087 — Índia Tirió com seu filhinho.

Cine Major Thomaz Reis



1088 — Índios Pianocotó da fronteira Brasil-Guiana Holandêsa.

Cine Major Thomaz Reis



1089 — Índias Tirió: a do lado direito pintada com fortes traços de tinta de genipapo, caracterizando o seu estado de solteira.



1090 — Na aldeia dos Tirió. Rio Paru.



1091 — Índios Tirió e Caianã do grupo Rangu-Piqui. Cine Major Thomaz Reis.

Os Aparaí do Rio Jari

Fotos gentilmente cedidos pelo Sr. Cand. Phil.
Dr. Schulz-Kampfhenkel



1092 — Rio Jari.



1093 — **Malóca dos** índios Aparaí, rio Jari.

Fotos Dr. Schulz - Kampfhenkel



1094 — Dança dos índios Aparaí. Rio Jari. Pelo uso de panos recebidos dos expedicionários, tem-se a impressão de que êstes índios se encontravam em estado de decadência avançada, o que não é verdade e o próprio autor também nega, em absoluto, no seu livro, esta versão.



1095 — Depois vencida a desconfiança dos Aparaí, um grupo escutando a música de um gramofone da Exp. Científica Zoológica Alemã ao Rio Jari.





1096 — O índio Aparaí, vulgo "Pitomo", o guia. Rio Jari.

1097 — Uma velha da tribo Aparaí em palestra. Rio Jari.

Fotos Dr. Schulz - Kampfhenkel



1098 — A índia Ocóy da tribo Aparaí, rio Jari.



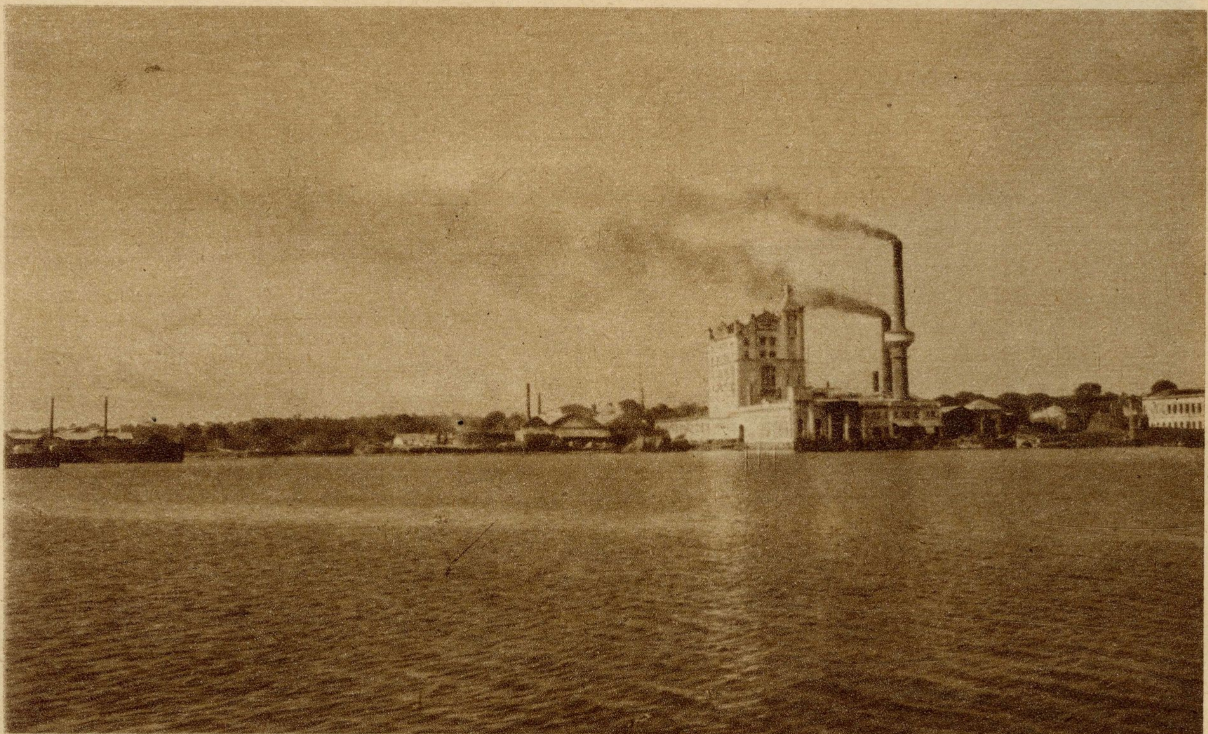
1099 — O tuxáua dos índios Aparaí acabando a preparação de uma flecha.

Fotos Dr. Schulz - Kampfhenkel

A Região do Rio Negro e seus Índios



1100 — Água e céu, o rio Negro na sua majestade. Foto Charlotte Rosenbaum



1101 — Pôrto de Manáus, vendo-se a fábrica de cerveja.



1102 — Muito pitoresco, e de incrível variedade de trechos e aspectos, é o rio Negro, um dos mais interessantes rios do mundo.



1103 — Trecho do rio Negro em Tauapiçassú. Fotos Charlotte Rosenbaum



1104 — Um momento, entre ilhas, o rio Negro aparece-nos bem diferente e muito menor.



1105 — Durante a enchente, grande parte das margens são inundadas. Aqui as palmeiras Jauaris mostram bem a luta tremenda da vegetação contra os elementos, água e vento, impressão mais fortificada pelos troncos espinhosos e o verde escuro das fôlhas.



1106 — Emquanto as Canaraís, (na frente) e as Assaís, no lado esquerdo com seu verde-claro e a graciosidade das estipes alegram as margens do rio Negro.



1107 — Barcelos: Só tem algumas habitações, salvo as propriedades das missões salesianas, que em todo o rio Negro colaboram com o Serviço de Proteção aos Índios, no assistir e educar os silvícolas da região.



1108 — Vê-se aqui o tipo de dormitórios dos internatos nas missões salesianas.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1109 — Internados das escolas das missões salesianas em Barcelos.



1110 — Barcelos. Missão salesiana. Vista interior de uma classe profissional.



1111 — No horto agro-pecuário da Missão Salesiana em Barcelos.



1112 — Outro aspecto. O gado da Missão.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1113 — Pôrto de Moura, à margem direita do rio Negro, cabeça do município do mesmo nome.



1114 — São Joaquim, defronte da foz do Padauari, à margem direita do rio Negro.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1115 — Pôrto de Ceará no rio Negro.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1116 — Um pescador com seu filho. O velho sabe o preço de um peixe, mas só o filho conhece as moédas e sabe calcular. Influência das escolas...



1117 — Pôrto de lanchas, Sta. Isabel, rio Negro, fim da navegação regular com vapores da Companhia Navegação Amazonas.



1118 — O mesmo pôrto com o galpão de atracação para os vapores e ao lado as canoas com tôldos, como são usadas no rio Negro.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1119 — A firma J. G. Araújo, de Manáus, que é proprietária de Sta. Isabel, tem aí um armazem de gêneros e mercadorias e um trapiche de desembarque.



1120 — Frente à ilha Sta. Isabel. Vê-se um bonito exemplar da palmeira Inajá.



1121 — No rio Negro vendem-se em grande escala os produtos da região. Nestes depósitos conservam-se as safras de castanhas do Pará sob a ação da água ou da chuva natural.



1122 — Outro produto é a fibra de piaçava. Lancha já carregada com a mercadoria na sua forma característica de embalagem.

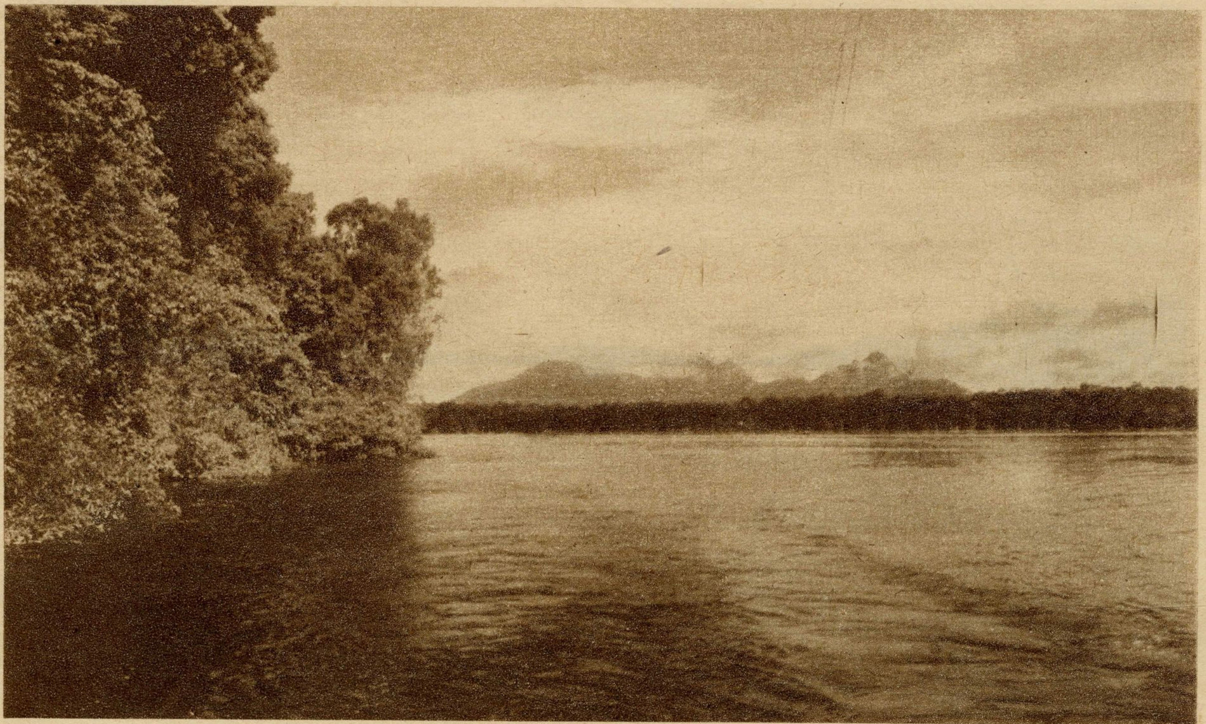


1123 — Passando as corredeiras de Massarabi. Rio Negro.



1124 — Rápidos de Massarabi, rio Negro.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1125 — Serra Curicuriarí. Rio Negro.



1126 — Outra vista do rio Negro com a serra Curicuriarí.



1127 — Pôrto de Jerusalem, rio Negro. Fotos Charlotte Rosenbaum



1128 — Pôrto de Jucapi, séde de uma missão americana da congregação protestante.



1129 — Parece que sejam pinceladas de aquarela da própria natureza com a água do rio Negro.



1130 — Camanaú, lugar, onde nenhuma embarcação se atreve a passar carregada. Só em diversas viagens transportam, separadamente, passageiros e mercadorias.



1131 — Numa extensão de vinte e dois quilômetros estendem-se as perigosas corredeiras de Camanaú. Rio Negro.



1132 — Rápidos de Camanaú. Assim se mantém o rio Negro, durante duas horas, pela madrugada, agitado e furioso, como o mar açoutado por fortes ventanias.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1133 — São Gabriel, visto do rio Negro. A espuma dos rápidos assinala o perigo que correm as embarcações para transpô-los.



1134 — A temida cachoeira de São Gabriel é forte e funda, com sumidouros para onde arrasta suas vítimas, por melhores nadadores que sejam.



1135 — Pôrto de baixo em São Gabriel. Rio Negro.



1136 — Neste aspecto de São Gabriel, mostra-se a cidade como uma aldeia, ainda meio-adormecida.



1137 — Mas na parte nova, São Gabriel é de arquitetura em estilo moderno, dotada de estação telegráfica, prefeitura e hospital, uma cidade, emfim, em pleno desenvolvimento.

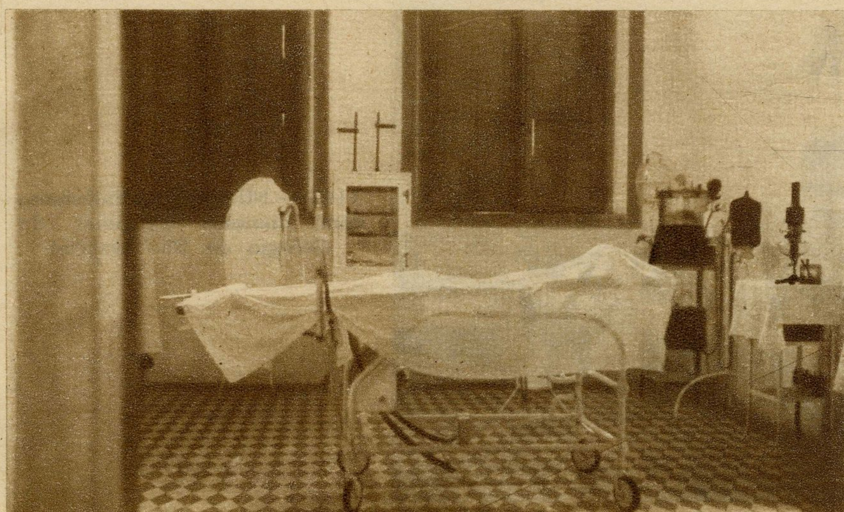


1138 — Casa das irmãs de N. S. Maria Auxiliadora das Missões Salesianas em São Gabriel, rio Negro.

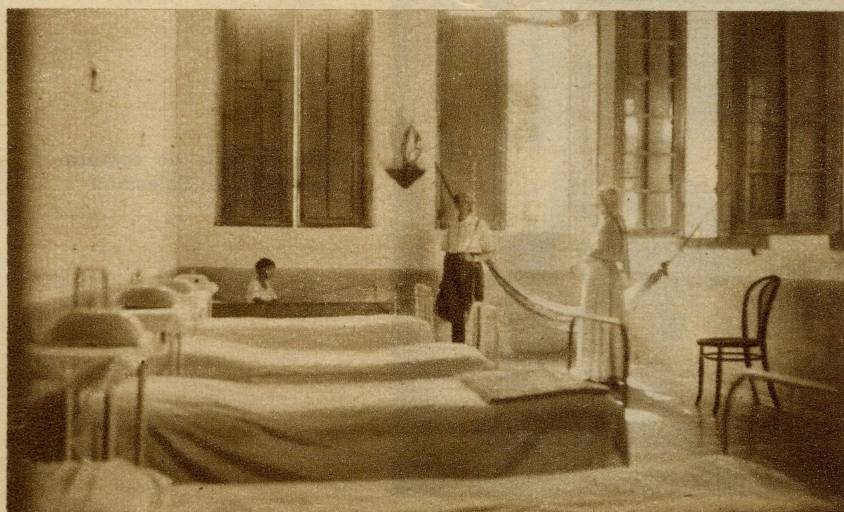
Fotos Charlotte Rosenbaum



1139 — **Hospital da Missão Salesiana em São Grabriel, rio Negro**



1140 — A sala cirúrgica do hospital



1141 — **Enfermaria com uma pequena paralítica internada**

Fotos Charlotte Rosenbaum



1142 — A farmácia e o hospital atendem á muitos enfermos da região, principalmente doentes de paludismo



1143 — Missionárias Salesianas com meninas indígenas do Colégio de São Gabriel



1144 — Aula de costura na Missão Salesiana



1145 — Classe do sexo masculino, São Gabriel, rio Negro



1146 — Exercício militar dos internados, instruídos pelos missionários salesianos em São Gabriel, rio Negro



1147 — Classe de ginástica dos menores, São Gabriel.



1148 — Escola de agricultura São Gabriel. Os pequenos índios gostam muito duma vida bem movimentada.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1149 — Cultura de arroz. Escola-agrícola. São Gabriel.



1150 — A instrução agrícola está nas mãos de um agrônomo profissional. Aqui se vê uma parte do pomar com cultura de laranjeiras.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1151 — Menores do sexo feminino, num intervalo de aulas, brincando no recreio



1152 — Crianças no refeitório da Missão Salesiana em São Gabriel



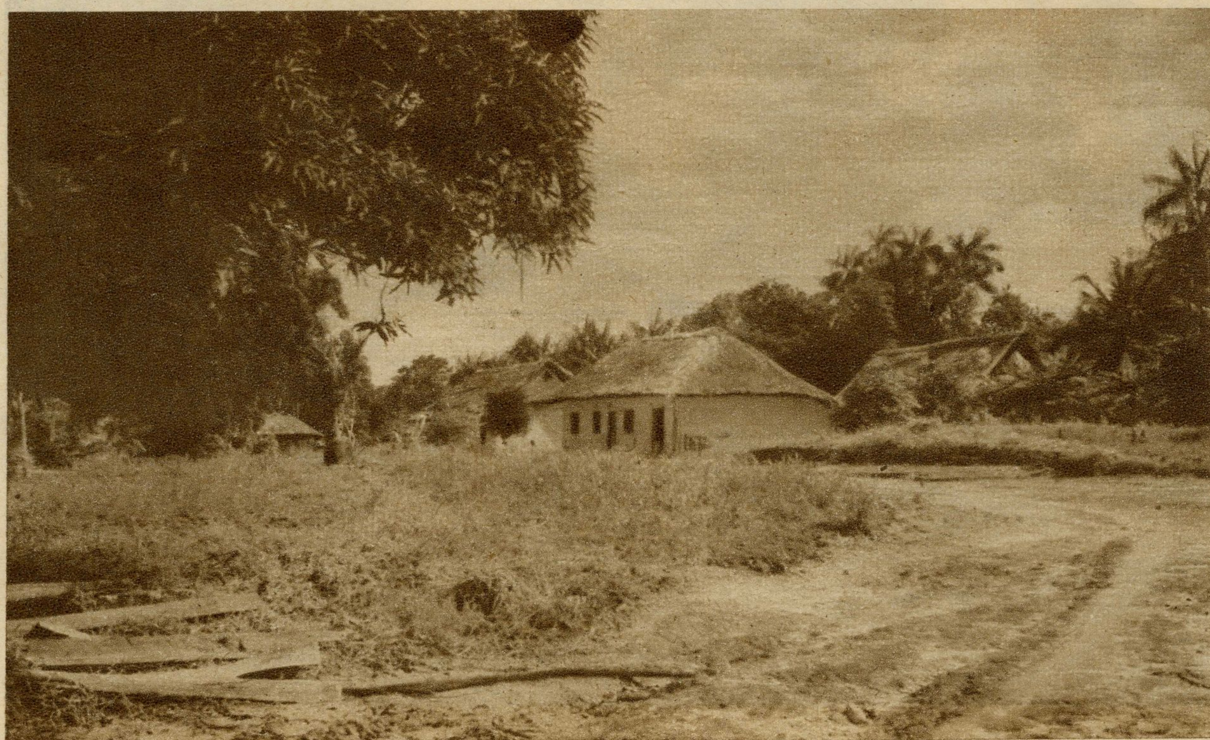
1153 — Olaria da Missão Salesiana em São Gabriel



1154 — Na olaria aprendem os jovens índios a fabricar tijolos, telhas e manilhas



1155 — Vista de São Gabriel, com bons exemplos de popunheiras, no primeiro plano.



1156 — Em São Felipe. Rio Negro.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1157 — A capela de São Felipe com os antigos sinos de bronze, trazidos pelos seus fundadores espanhóis, antepassados da população atual.



1158 — Os últimos reflexos da luz, antes do crepúsculo; o céu tropical em mil côres no rio Negro, cujo aspecto habitualmente é dum grande espelho, mas, desta vez modificado por qualquer substância oleosa lançada à superfície das águas no pôrto de Marcelino.

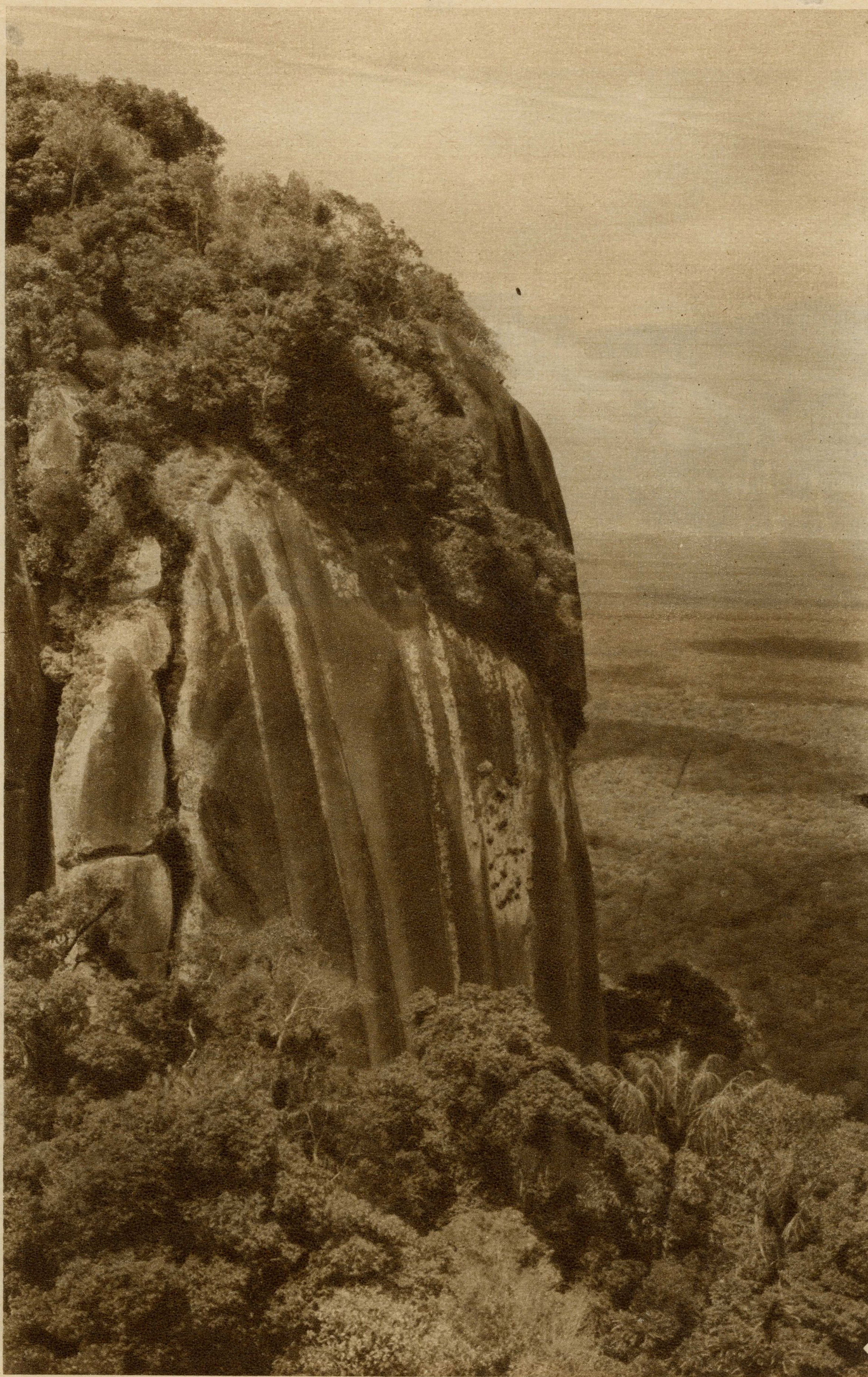
Fotos Charlotte Rosenbaum



1159 — Marabitanas mostra-se em pleno sol, no dia seguinte, com o rio Negro aos seus pés como um espelho perfeito



1160 — Também a pedra de Cucuí, cujo nome é indígena e significa : "caiu do céu", deve ter um grande prazer, se a versão indígena é verdadeira, quanto à sua proveniência...



1161 — Perfil vertical do morro de Cucuí Foto Dr. B. Rondon.



1162 — Aspecto da povoação de Cucuí, destacamento militar da nossa fronteira com Venezuela.



1163 — Vista da Pedra de Cucuí tomado da povoação do mesmo nome.

Foto Dr. B. Rondon.



1164 — Grupo de índios Coehanos na práia do rio Negro   Foto Dr. B. Rondon.



1165 — Cabeça de uma índia mestiça, descendente da tribo Coehano. Rio Negro

Foto Dr. B. Rondon



1166 — Santa Rosa de Amanadona, vista do rio Negro. (Venezuela)



1167 — Santa Rosa de Amanadona é constituída de poucas casas, escola e uma capela.

Fotos Charlotte Rosenbaum

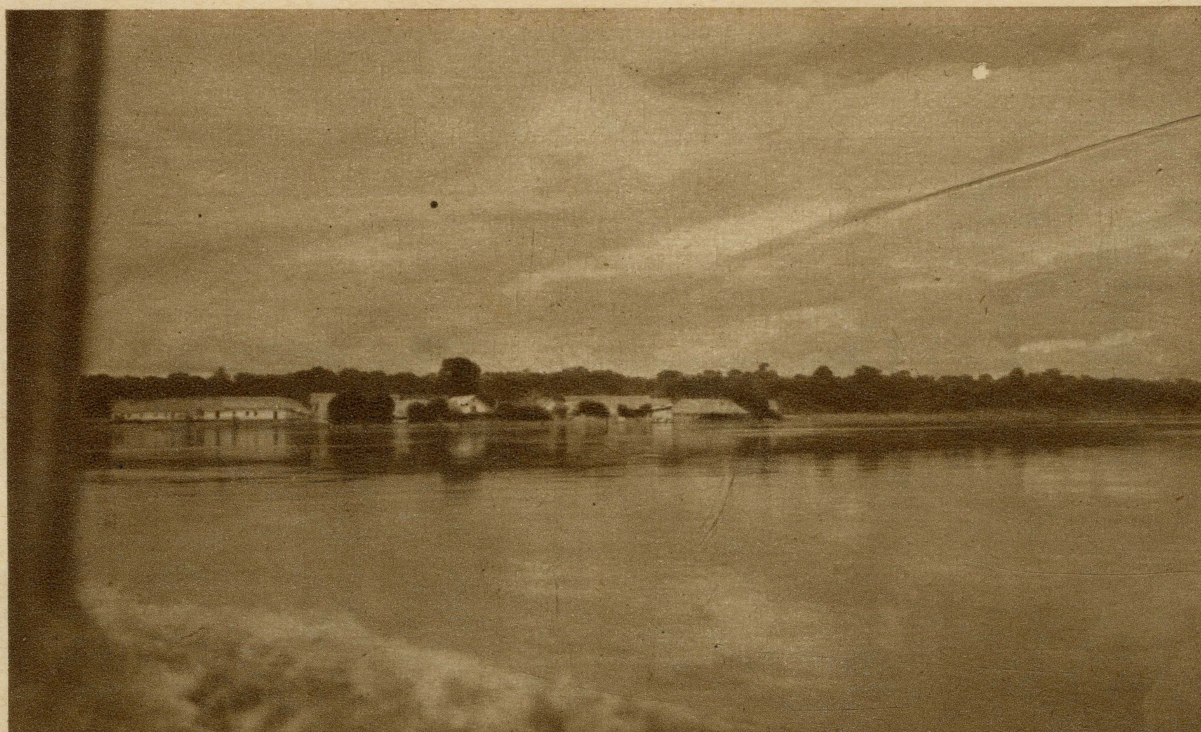


1168 — A população de Sta. Rosa de Amanadona é composta sòmente de índios da região.



1169 — A escola pública de Santa Rosa de Amanadona, com seus pequenos alunos indígenas.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1170 — São Carlos no rio Negro é uma povoação maior do que Sta. Rosa de Amanadona. (Venezuela)



1171 — Um trecho do rio Negro, acima de Sta. Rosa de Amanadona Fotos Charlotte Rosenbaum



1172 — Taracuá, missão salesiana no rio Uaupés, que no dia de nossa chegada em 1938 ofereceu-nos a vista de um quadro esplêndido, de côres vivas e muito movimentado, igual aos cenários em que figuram massas de população, como nas grandes óperas



1173 — A igreja, como também todos os outros edifícios estavam nesta época ainda em construção, todos, a princípio, de madeira, os quais a missão começou de substituir por outros mais sólidos de alvenaria de tijolos

Fotos Charlotte Rosenbaum



1174 — O hospital nunca teve bastantes abrigos para os muitos doentes de malária e tifo, mas vê-se aqui o começo da construção, em tijolos, pelos índios, que ao mesmo tempo, durante as instruções no ofício, ampliaram o hospital.



1175 — Oficiais da Inspeção de Fronteiras em visita à Missão Salesiana em Taracuá. Rio Uaupés.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1176 — Em Taracuá funcionam as aulas do colégio de profissionais como nas outras Missões salesianas do rio Negro. Ensino de costura.



1177 — Ao lado da Missão Salesiana está instalada a povoação indígena de Taracuá. Rio Uaupés.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1178 — Em Ipanuré, rio Uaupés temos de desembarcar, porque um trecho do rio, em frente da povoação, impede a navegação devido a perigosas corredeiras



1179 — A população de Ipanuré é alarmada pela aproximação de desconhecidos. Curiosos, e outros com a intensão de ganhar dinheiro com o carregamento de bagagem ajuntam-se na beira do rio Uaupés

Fotos Charlotte Rosenbaum



1180 — Em uma hora vencemos com nossos carregadores indígenas o percurso da varadoura de Ipanuré até Urubuquara



1181 — Os índios e índias carregadores esperam a nossa embarcação em Urubuquara. Interessante foi que êles pediram o pagamento em dinheiro, aceitavam qualquer moeda, mesmo estrangeira, não fazendo diferença entre os metais e aceitando só a moeda de tamanho maior como de valor maior; mas uma vez recebida, queriam a sensação de comprar como os civilizados, trocando logo em seguida o dinheiro contra mercadorias...



1182 — O comércio na bacia amazônica torna o rumo pelos caminhos naturais dos seus rios. Vemos aqui o comerciante branco na canoa com toldo e seus remadores indígenas. Rio Uaupés.

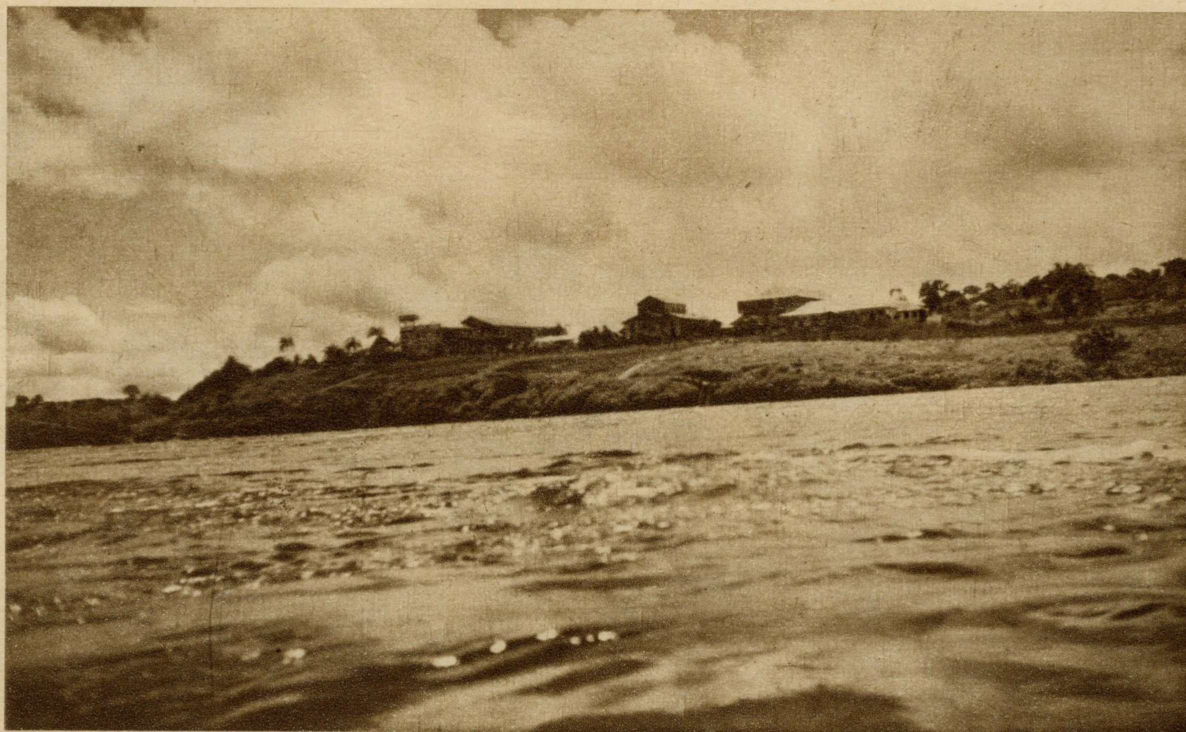


1183 — Pôrto Juquira, povoação indígena. Rio Uaupés.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1184 — Araripirá. Bonita povoação indígena no rio Uaupés. Fotos Charlotte Rosenbaum



1185 — Jauaretê, importante Missão Salesiana, situada em frente à embocadura do rio Papurí, limite geográfico da nossa fronteira, no rio Uaupés, fundada em 1929 já apresentava em 1938 o aspecto de uma vila com muitas construções de tijolos, madeira e telha.



1186 — Os internatos de Jauaretê apresentam um grande contingente de educandos de ambos os sexos e, tinhamos por isso aí uma das mais solenes e significativas recepções imagináveis



1187 — Missionária salesiana aguardando a nossa chegada com alunas do colégio N. S. Maria Auxiliadora em Jauaretê. Rio Uaupés

Fotos Charlotte Rosenbaum



1188 — Festa em Jauaretê na Missão Salesiana com assistência da população indígena da região



1189 — Índios, na maioria da tribo Tucano, assistindo as testividades em Jauaretê. Rio Uaupés

Fotos Charlotte Rosenbaum



1190 — Crianças da população indígena assistindo, com curiosidade, à formatura dos meninos educandos do colégio em Jauaretê. Rio Uaupés.



1191 — Índias Tucano em Jauaretê. Rio Uaupés.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1192 — Os tuxáuas de Jauaretê-Cachoeira convidados para um almôço na Missão Salesiana em Jauaretê.



1193 — *"Trocano"* do tuxáua Leopoldino Jauaretê, rio Uaupés. Fotos Charlotte Rosenbaum



1194 — Pequenos "moleques" existem em todo o mundo. Onde apareciam êstes meninos nunca foi longe qualquer acidente perturbando a tranqüilidade

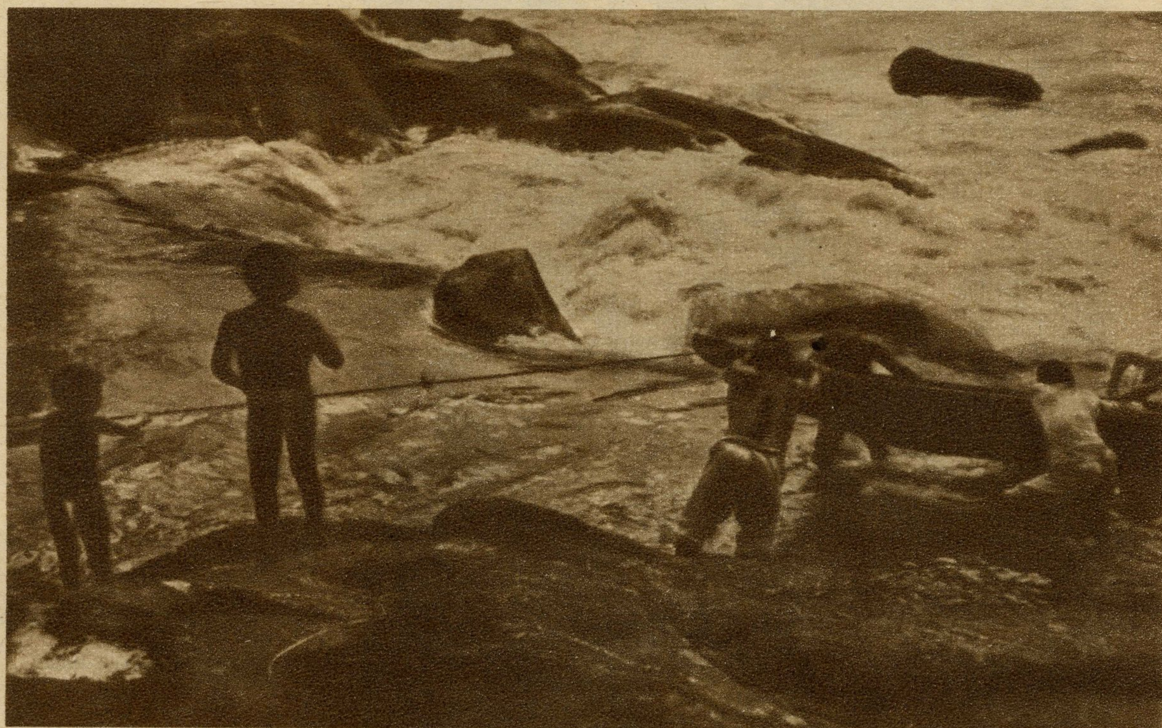


1195 — Marco da fóz do rio Papori-Uaupés

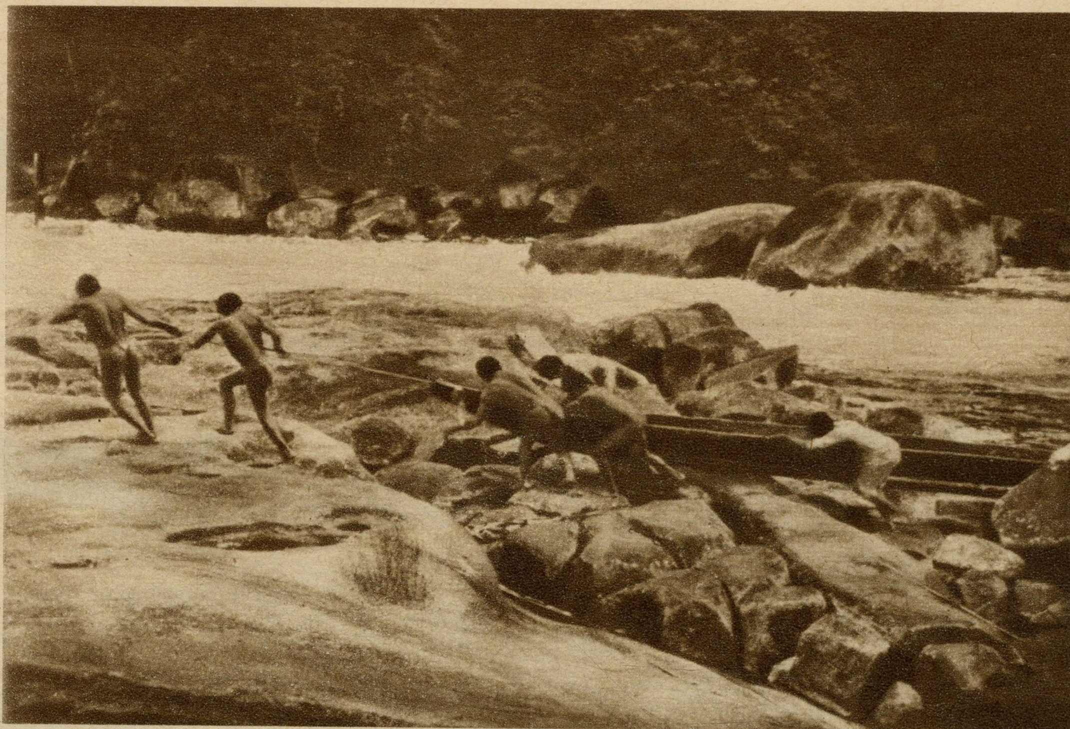
Fotos Charlotte Rosenbaum



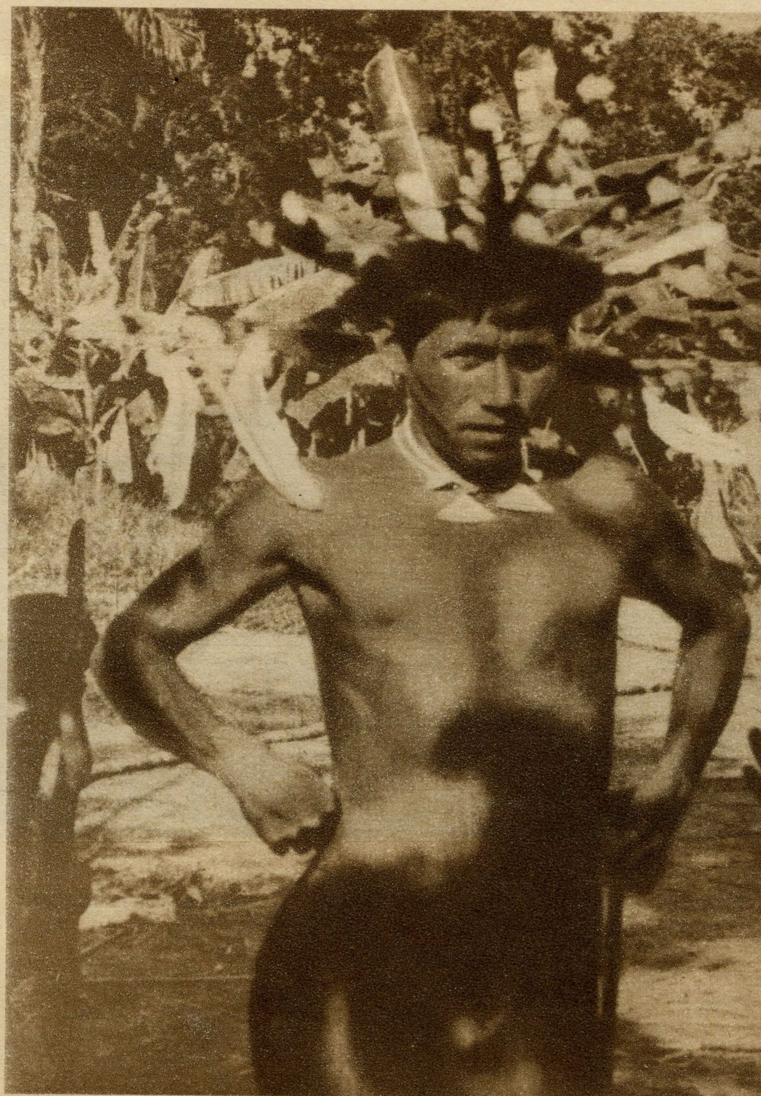
1196 — Índios Sucuriu-Tapuia varando uma canoa. Rio Içana.



1197 — Tunuí-Cachoeira. Rio Içana. Cine Major L. Thomaz Reis



1198 — Varação de canoa pelos índios Sucuriu-Tapuia, do tuxáua Cândido. Rio Içana.



1199 — Índio do rio Uaupés.

Cine Major Thomaz Reis



1200 — Índio Uanâna com um colar feito de moédas de prata, batidas e amoladas até tomarem a forma de um triângulo e a que chamam de *makula* (borboletas)

1201 — Índio Uanâna do rio Içana, com pintura do corpo para uma festa.

Cine Major L. Thomaz Reis



1202 — **Antes** de **uma grande** festa na **aldeia indígena há** a **azáfama dos** preparativos necessários.



1203 — **Para** a **confecção de máscaras** usam os **Uanâna** a **entrecasca do Tururi.** *(Curatari legalis Mart.)*



1204 — Uanâna retirando a casca do Tururi, com o auxílio de uma faca.

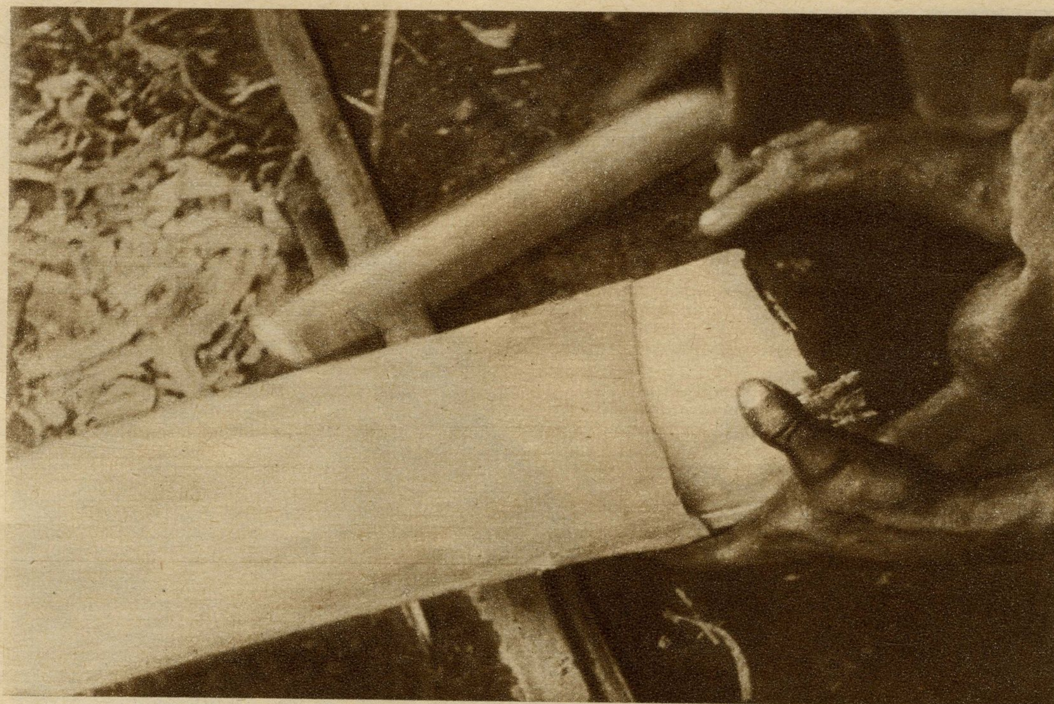


1205 —

Cine Major L. Thomaz Reis



1206 — e depois de raspada vai ser batida para desprender a entrecasca.



1207 —

Cine Major Thomaz Reis



1208 — Para isso, preparam tocos especiais, operação que demora três a quatro horas.



1209 —



1210 — **Desprendendo assim a celulose inteiramente em lâminas.**



1211 —

Cine Major L. Thomaz Reis



1212 — Os índios ocupam-se então em tornar as peças ainda mais flexíveis, batendo a celulose já obtida.



1213 —

Cine Major L. Thomaz Reis



1214 — E, em seguida, são lavadas no rio, tornando-se assim, limpas e macias.



1215—

Cine Major L. Thomaz Reis



1216 —



1217 — Cenas de lavagem.

Cine Major L. Thomaz Reis

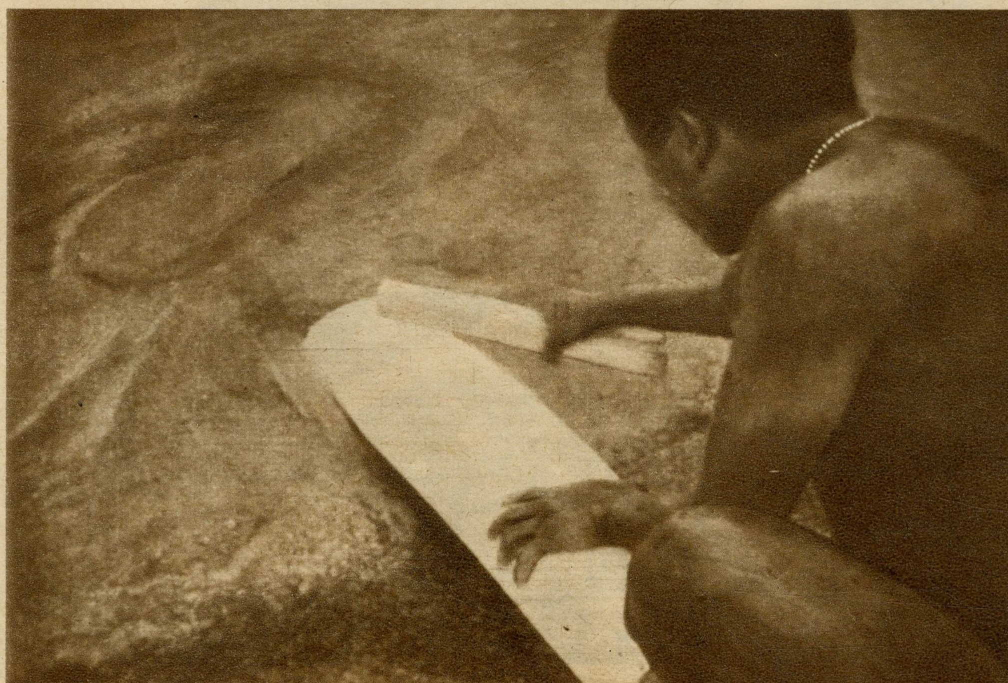


1218 — Cenas de lavagem.



1219 —

Cine Major L. Thomaz Reis



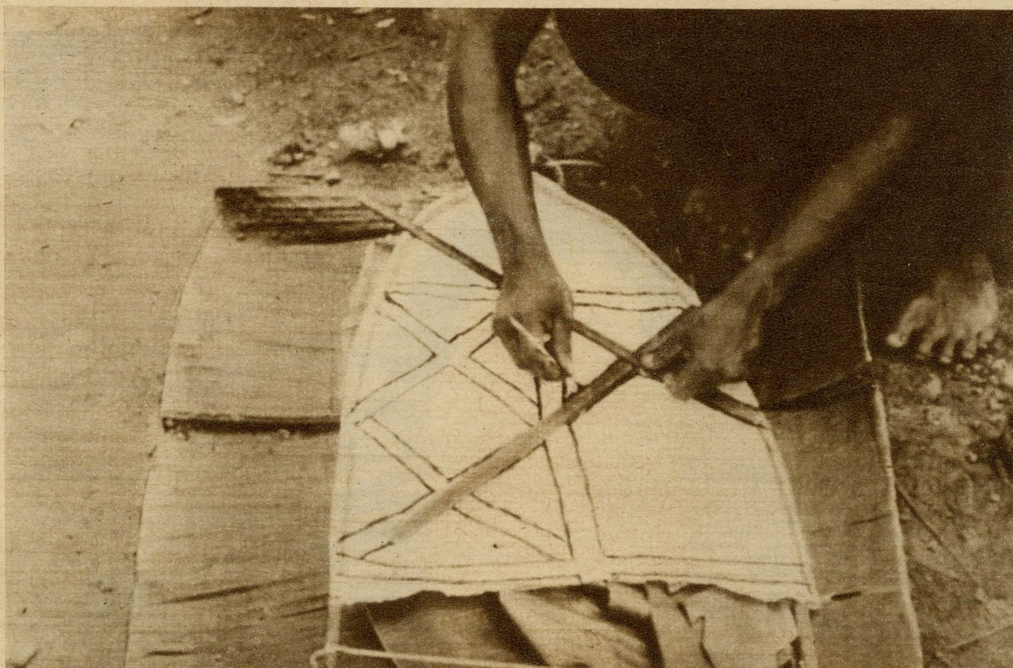
1220 — Índio enxugando o material. Cine Major L. Thomaz Reis



1221 — Depois de sêca, pronta para receber a pintura.



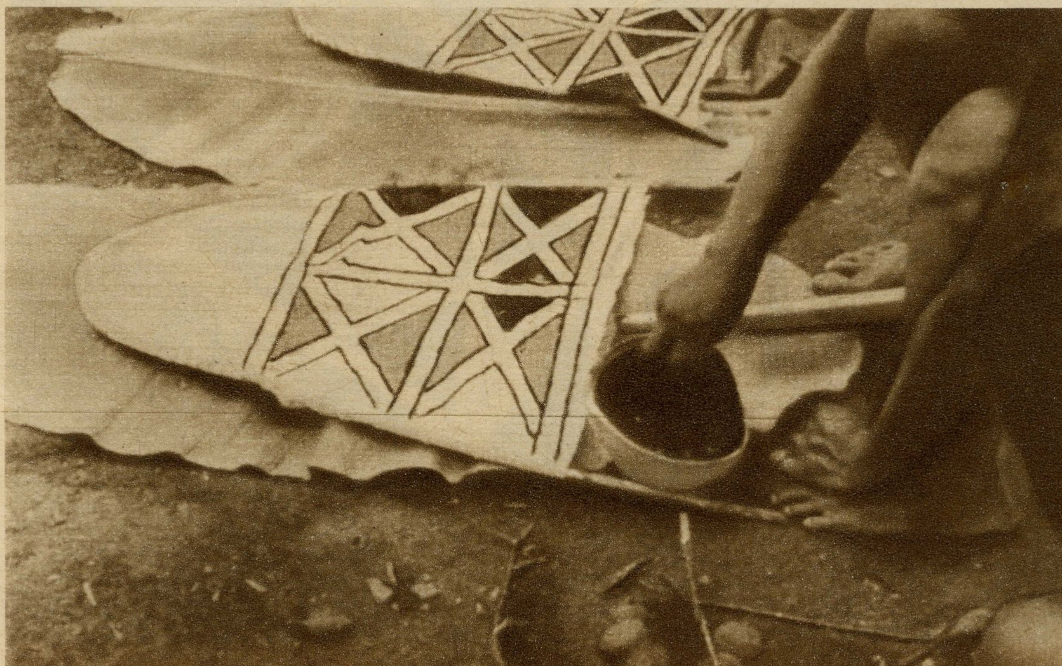
1222 — Das sementes de Urucum (*Bixa Orellana L.*) preparam uma tinta vermelha, com que ornamentam a entrecasca do Tururi.



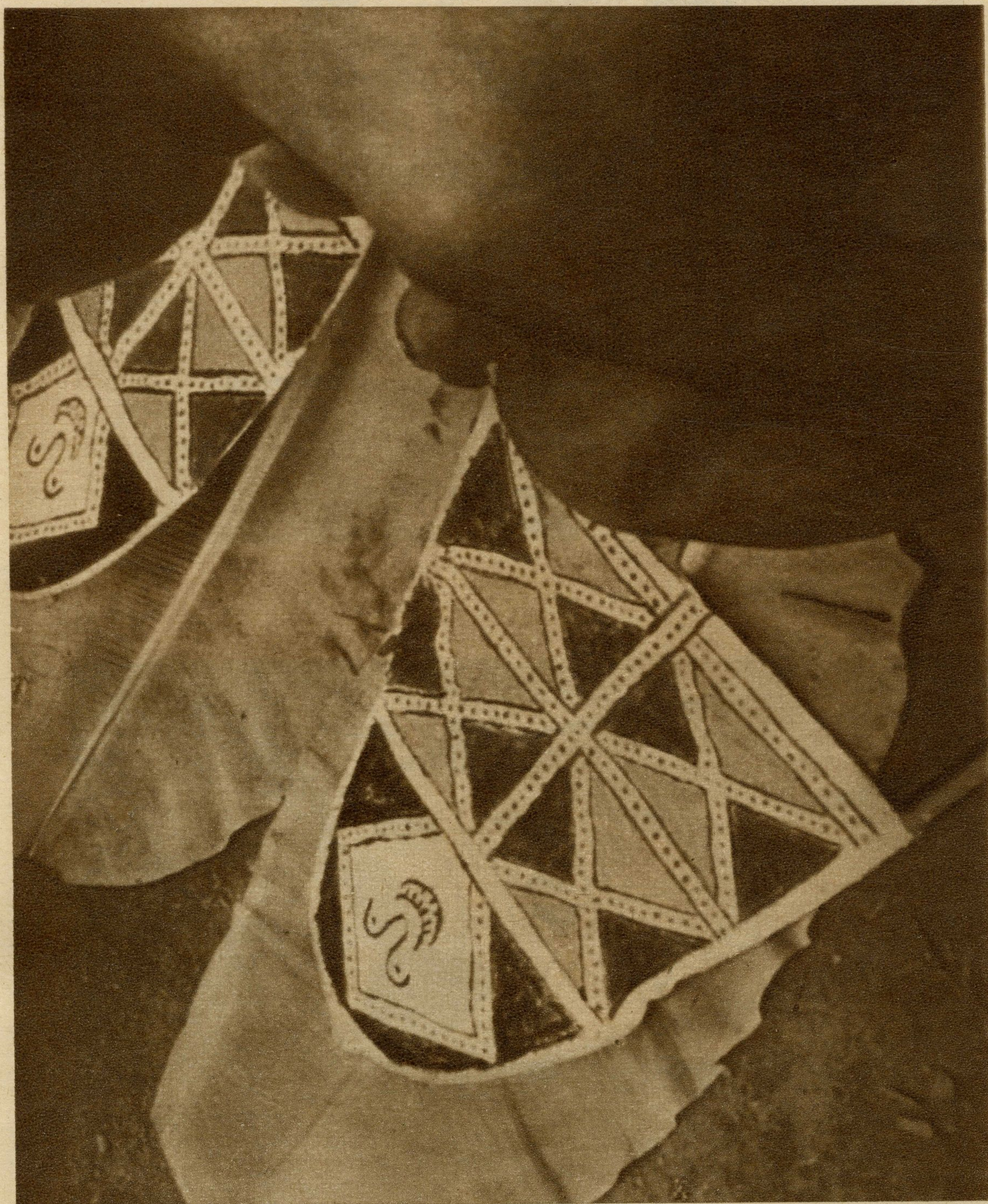
1223 — Um índio Uanâna que sabe utilizar-se da régua Cine Major Thomaz Reis



1224 — Pintando.



1225 — Pintando assim, passam muitos dias. Cine Major Thomaz Reis



Cine Major L. Thomaz Reis

1226 — Um modêlo está pronto.



Cine Major Thomaz Reis.

1227 — Uanâna pintando. Rio Içana.



1228 — Outras máscaras em confecção. Rio Içana. Cine Major Thomaz Reis.



1229 — Os modelos variam. O que se vê, é um modêlo criado pelos índios.

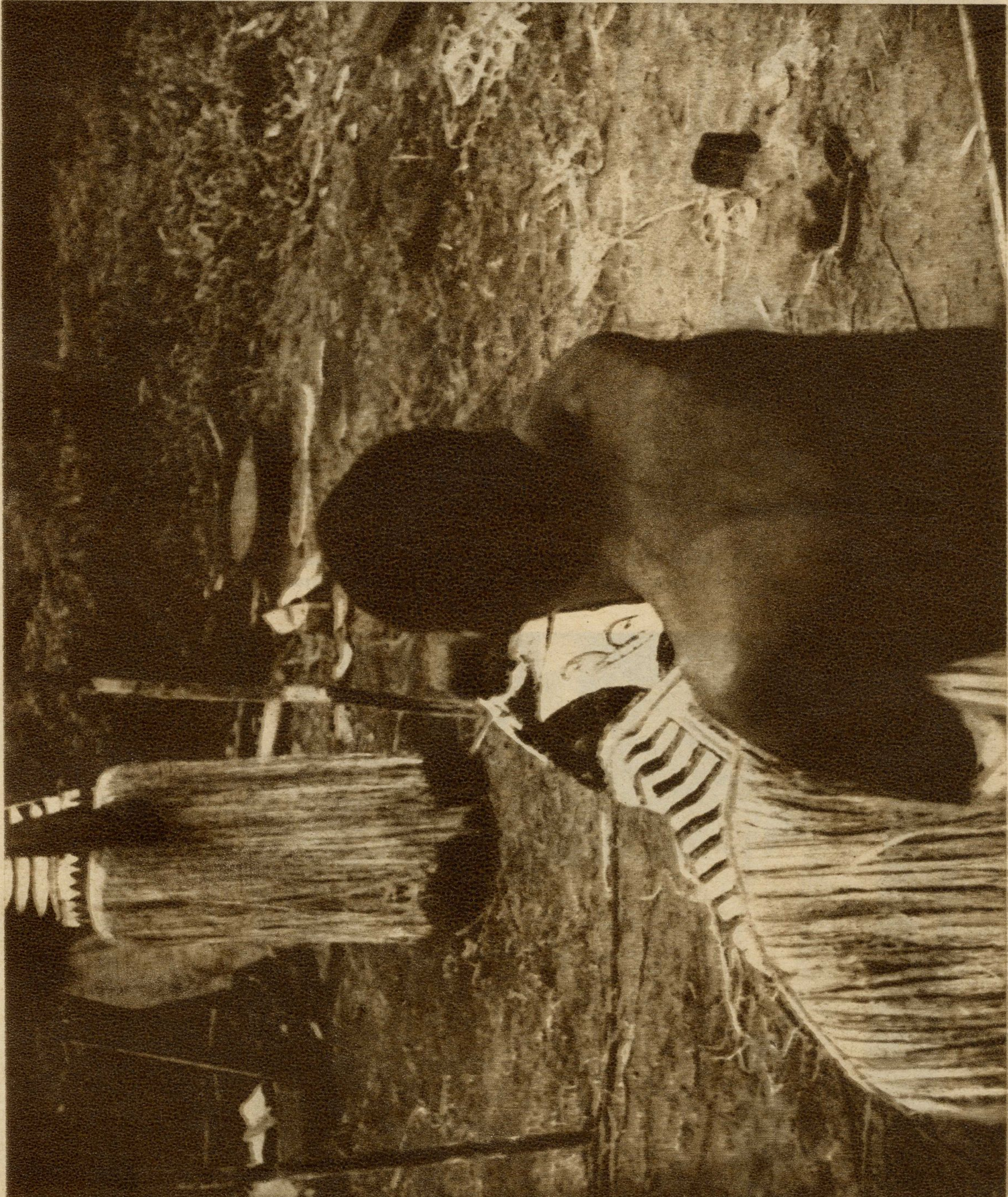


1230 — Da madeira Matá-Matá (*Lecythis coriacea*) extrai-se a casca com que se confeccionam as saias, em forma de franjas.



1231 —

Cine Major Thomaz Reis



1232 — Indio Uanána acabando a sua máscara, pintando com um pedaço de carvão vegetal.

Cine Major Thomaz Reis.



1233 — Na "oficina" indígena de arte aplicada. Rio Içana.

Cine Major Thomaz Reis



1234 — Esta máscara — representa uma onça-pintada.



1235 — E êste modêlo imita uma borboleta.

Cine Major Thomaz Reis.



1236 — Transporte do *cachiri*, bebida fermentada para a festa, feita de milho, mandioca ou frutos da Pupunha — (*Bactris speciosa*)



1237 — A bebida é conservada em potes de barro de uma cerâmica gigante.



1238 — Pilando o *caapi*, uma espécie de ópio e que é outra bebida, mais parcimoniosamente empregada durante as festas.

1239 — As tubas anunciam as próximas festividades.

Cine Major Thomaz Reis.





1240 — Um aviso pelas trombetas para convocar os índios para a reunião.



1241 — Cine Major Thomaz Reis



1242 — Os índios mascarados chegam à malóca, para o início dos festejos.



1243 —

Cine Major Thomaz Reis.



1244 — A procissão aparece em cena.



1245 —

Cine Major Thomaz Reis



1246 — Num aparato exótico, êles representam sempre símbolos de animais do mato.



1247 —

Cine Major Thomaz Reis.



1248 — As danças de máscaras são sempre rituais, em homenagem a um ente falecido.



1249 — Cine Major Thomaz Reis.



1250 — A idéia de expulsar e perseguir espíritos maus da casa do falecido e que se encontram então na aldeia, constitue um grande complexo na alma dos silvícolas, ainda muito supersticiosos, como é natural na sua aculturação fetichista.



1251 —

Cine Major Thomaz Reis.



1252 — Em geral as cerimônias duram enquanto existem bebidas; e só continuam quando estas se renovam, para as festas chamadas: *"Caxiri"*.



1253 — Cine Major Thomaz Reis



1254 — Às festas sempre comparecem muitos índios de tribos diferentes e amigas.



1255 — De modo que parece, pertencerem a tribo diferente, e não aos Uanâna, os mascarados que aqui vemos.

Cine Major Thomaz Reis.



1256 — Grande parte das festas realizam-se no interior da malóca, como por exemplo as ceremônias do cachiri.



1257 — Cine Major Thomaz Reis.

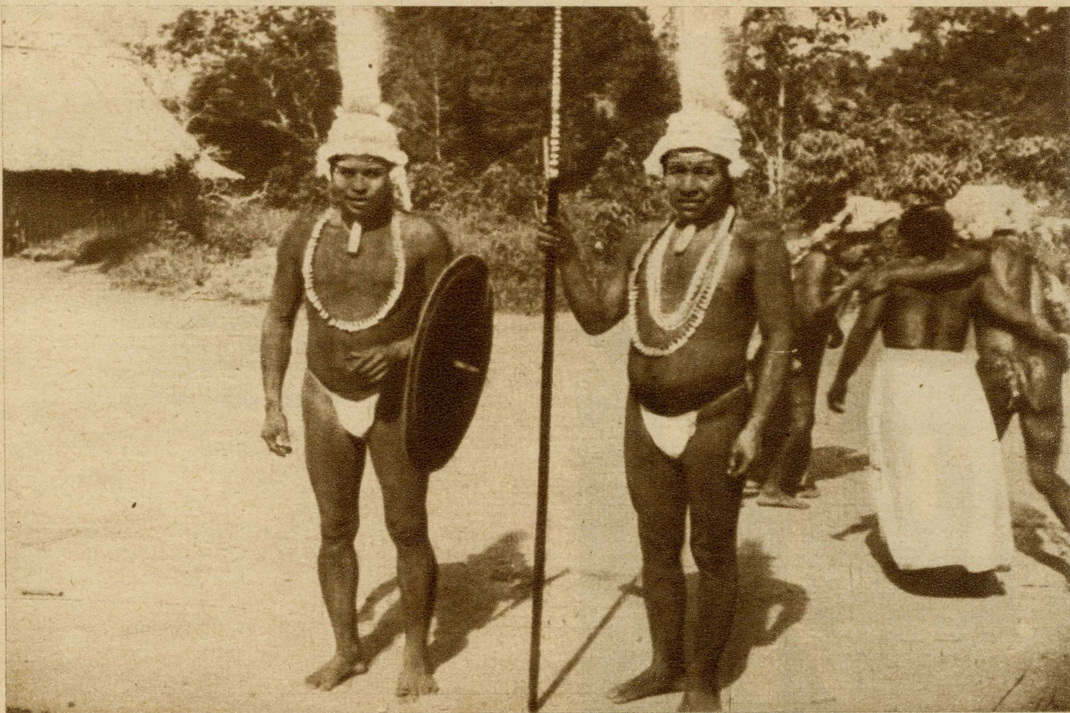


1258 — Dança das máscaras.

Cine Major Thomaz Reis



1259 — Nêste foto se vê bem a diferença das máscaras com que se ornamentam.



1260 — Para as danças do *Acangatara* usam os chefes Uanâna ornamentos mais pomposos, empunhando a lança e o escudo.

1261 — Os chefes Uanâna em traje de grande gala.





1262 — Vêm-se os cilindros de quartzo branco no pescoço, sinal da mais alta dignidade dos chefes supremos. Durante muitos anos trabalham os índios amolando as pedras, até que estas tomem a forma característica que aqui exibem.

Cine Major Thomaz Reis.



1263 — Índios enfeitando-se para a festa. Rio Içana.

Cine Major Thomaz Reis.



1264 — Os índios ajudam um ao outro na arte difícil de colocar as penas de modo desejado, para as festividades do *Acangatara*.



1265 — Fotos Major Thomaz Reis



1266 — Em Lutíca, importante povoado dos índios Uanâna, reuniram-se 200 índios da redondeza para os festejos. Os índios de Matapi e Taracuá-Cachoeira, vieram tomar parte nas festas!

Foto Major Thomaz Reis.



1267 — A festa do Acangatara começa. Cine Major Thomaz Reis.



1268 — Numerosa a assistência, principalmente dos elementos femininos.

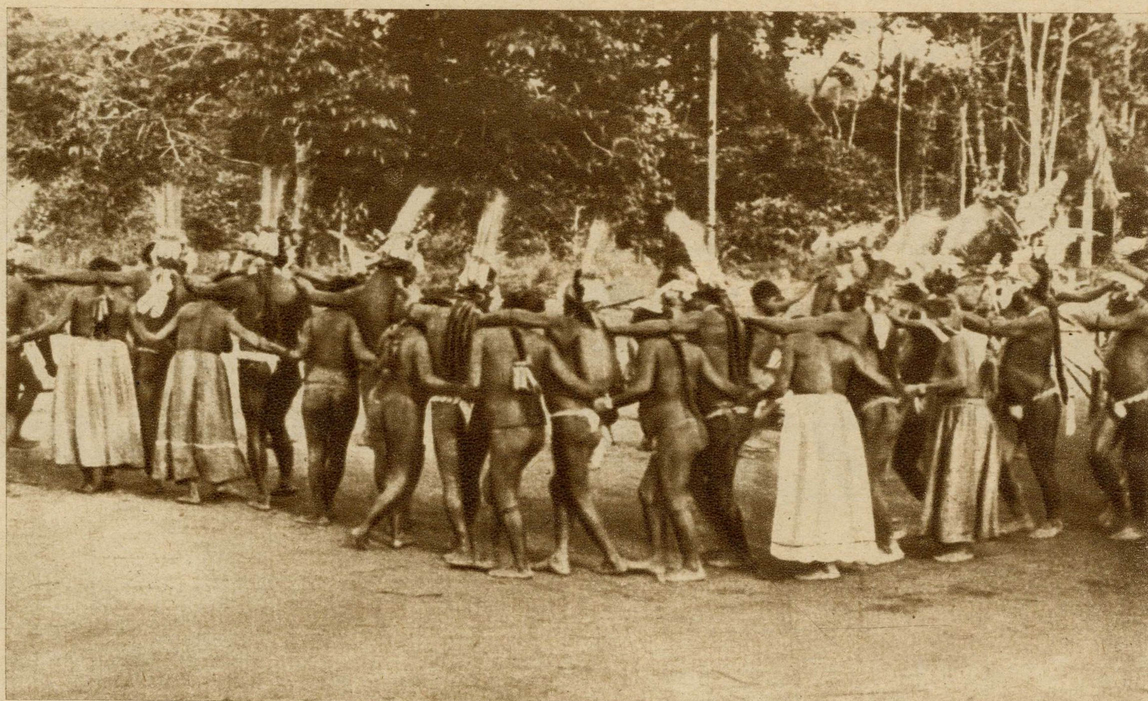


1269 — Pequenas fláutas, de diversos sons, são usadas.



1270 — Terminam sempre voltando à palhoça.

Cine Major Thomaz Reis.



1271 — Cenas do *Acangatara*. Fotos Major Thomaz Reis.



1272 — Pouco a pouco chegam as índias para tomar parte na dança.



1273 — Cenas do *Acangatara*.



1274 —

Foto Major Thomaz Reis.



1275 — *Acangatara*. Rio Içana. Diversas tribos tomam parte nesta dança, entre êles muitos Tucano.

Cine Major Thomaz Reis.



1276 — Cenas das festas.



1277 — Cine Major Thomaz Reis.



1278 — As fláutas entram em ação.



1279 —

Fotos Major Thomaz Reis.



1280 — As cenas ficam sempre mais movimentadas. Fotos Major Thomaz Reis.



1281 — Interessante é, que os índios não tomam em consideração os passos menores das suas bailarinas na periferia do círculo que percorrem durante a dança; assim é que, em cada ronda a dificuldade aumenta para as damas acompanharem as largas passadas de seus pares..



1282 — Índios Uanâna. Rio Içana. Cine Major Thomaz Reis.



1283 — Crianças de Sta. Luzia povoação indígena no rio Papuri. Fotos Charlotte Rosenbaum



1284 — Outro grupo formado de índias e crianças da povoação Sta. Luzia.



1285 — Ao amanhecer, apresenta-se Sta. Teresita na margem esquerda do rio Papurí, (Colômbia) Missão Montfortiana, com seus edifícios de madeira, pintada em branco, vermelho e azul, nas côres nacionais de origem holandesa, como um brinquedo. Aqui são aldeados índios Piràtapuio.

Foto Charlotte Rosenbaum



1286 — Canoa com índios atravessando a Jauacacá-Cachoeira no rio Papurí, ao lado direito se vêm inscrições rupestres dos índios.

Foto Charlotte Rosenbaum



1287 — A principal povoação dos índios Piràtapuio, São Gabriel no rio Papurí, passa à nossa vista antes de uma tempestade forte, tropical. Últimos ráios solares iluminam ainda um curto instante a aldeia, vencendo as nuvens carregadas, tingidas em tôdas as tonalidades côr de chumbo, dando assim uma iluminação fantástica, grandiosa e ameaçadora.

Foto Charlotte Rosenbaum



1288 — Povoação Taracuá, rio Papurí. Os índios, instruídos e influenciados pelas Missões Salesianas, acabavam de imitar uma construção dos civilizados com um segundo andar.



1289 — A flotilha da Inspeção de Fronteiras cruzando em canoas a remo, tripulados por índios Tucano, no rio Papurí, em frente de Cuiú-Cuiú (São Bernardo), lado colombiano, Missão dos Montfortianos e aldeia dos índios Deçano.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1290 — São Paulo, linda povoação com boas casas, orlada de Pupunheiros e de uma população indígena com uma mentalidade avançada, não faltando muito para integrar-se na civilização completa.

Foto Charlotte Rosenbaum



1291 — Montfort, (lado colombiano) no rio Papurí, consiste num colégio missionário e uma aldeia dos índios das tribus Tucano e Deçano : Na povoação, à cada tribu pertence uma fila de casas no lado opôsto da rua.



1292 — Uapixunas ou Anchieta. Rio Papurí, povoado criado pelo Capt. Frederico Rondon, quando em serviço na Comissão de Limites, Setor Oeste.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1293 —

Fotos Charlotte Rosenbaum



1294 — Padre José, missionário salesiano acabando seu relatório na máquina de escrever sob os olhares curiosos dos silvícolas da povoação indígena de Uapixunas, rio Papurí.



1295 — O Pôsto do S. P. I. em Melo Franco no rio Papurí, está situado numa barranca alta.



1296 — Pôsto do S. P. I. Melo Franco em 1938, com seu encarregado Sr. Alcides Castro Rocha e a povoação indígena Melo Franco.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1297 — Povoação indígena de Melo Franco. Rio Papurí. Fronteira Brasil-Colômbia.



1298 — Marco de Fronteira em Melo Franco, rio Papurí.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1299 — O rio Tiquié é também de rara beleza, mas muito diferente do rio Negro.

Foto Charlotte Rosenbaum



1300 — Rio Tiquié.

Foto Charlotte Rosenbaum



1301 — A água do rio Tiquié é avermelhada, de um tom de terra de Siena, clara, tranqüila; o mato rico, de grande escala de tonalidades, em verde, parecendo-se com uma espécie de veludo; só, de vez em quando, passa uma garça branca de vagar, transmitindo em tudo o senso de uma doce melancolia de saudade desconhecida.

Foto Charlotte Rosenbaum



1302 — Uirapoço, povoação indígena no rio Tiquié. Fotos Charlotte Rosenbaum



1303 — Os índios de Uirapoço, atraídos pela nossa chegada, andam com grandes passos para o pôrto, orgulhosos, desconfiados ainda. Quando reconheciam entre nós o Padre João Marchesi, seu amigo, voltou-lhes ràpidamente a confiança, mas não a completa tranqüilidade. Parecia que queriam perguntar com os olhos: "Porque veio trazer-nos pessoas estranhas para cá?"



1304 — Pari-Cachoeira no rio Tiquié. Os índios aguardando que a Insp. de Fronteiras faça a distribuição de remédios de que necessitam para curar-se de ferimentos diversos, da malária e outras doenças. Mas a população indígena neste lugar é forte e de grande robustez.

Foto Charlotte Rosenbaum



1305 — Rio Tiquié. Na Pari-Cachoeira deixam-se lançar os índios pelas águas por entre os rochedos como se fôssem peixes. Na fotografia se vê também diversos *"Cacuri:"* Armadilhas para pegar peixes

Foto Charlotte Rosenbaum



1306, — Carurú-Cachoeira. Rio Tiquié



1307 — Trecho do rio Tiquié.



1308 — Jatuca-Cachoeira. Rio Tiquié.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1309 — Índios atravessando com sua canoa a perigosa Ipocú-Cachoeira. Rio Tiquié.

Foto Charlotte Rosenbaum



1310 — Indios da nossa tripulação de canoas, constituida de diversas tribos, pulando em fila indiana de pedra em pedra: Um quadro empolgante e original, vendo-se as figuras bronzeadas em movimento, com precisão e firmeza atingir o seu alvo, sem hesitar ou errar.



1311 — A bela Ipocú-Cachoeira

Fotos Charlotte Rosenbaum



1312 — Índios Tucano remando no rio Tiquié. Fotos Charlotte Rosenbaum



1313 — São João, rio Tiquié. AAldeia dos índios Tuiúca, a dois quilômetros do marco da fronteira com a Colômbia. Os índios ainda primitivos mas pacíficos.

1314 — Marco de Fronteira do Brasil no rio Tiquié. Índios Tuiúca e Tueano interessam-se vivamente pela máquina cinematográfica do Major Reis.

Fotos Charlotte Rosenbaum





1315 — Os futuros vigias da fronteira brasileira. Rio Tiquié. Em ótimas condições encontramos o marco, que os índios muito apreciam, roçando e limpando os matos que o possam encobrir.



1316 — O tuxáua Tuiúca (lado direito)e seu vizinho e amigo da margam oposta, da mesma tribo, e de igual graduação, assinalada pelos adôrnos de quartzo no pescôço, igual aos dos chefes Uanâna no rio Içana

1317 — E, os filhos. Não é difícil de reconhecer o filho de cada um dos chefes. Deve existir uma influência do sangue tribal diferente entre uma e outra família, talvez pelos casamentos repetidos com diferentes tribos

Fotos Charlotte Rosenbaum

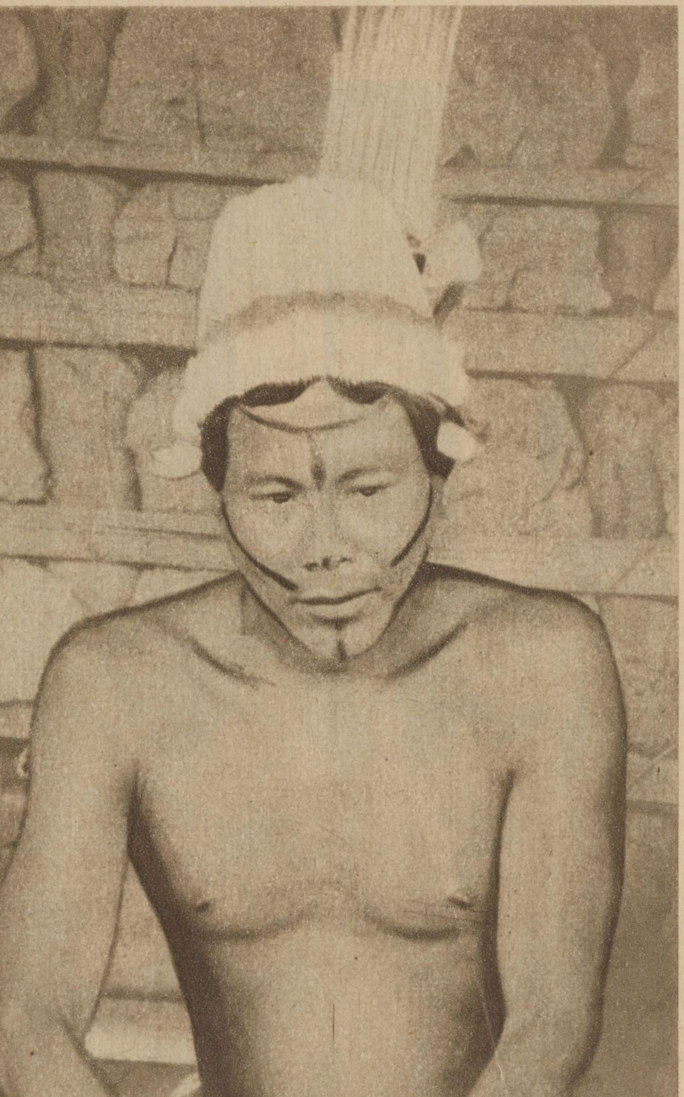




1318 — O velho tuxáua Tuiúca de São João no rio Tiquié conservou (1938) ainda um ódio tremendo contra os brancos. Só depois, sob a promessa de nossa parte, de não pedir nem levar quaisquer objetos ou enfeitos da tribo, deu a licença à juventude, que queria dançar, como em todo o mundo aprás à gente nova. Mas, dedeixou transparecer todo o seu rancor, preferindo canções de guerra e ódio contra os brancos, (pelos dizeres do rev. Padre João Marchesi, que nos acompanhou e conhece a língua) punindo a juventude com passos mais forçados, empunhando e usando o *maracaxá* com verdadeira fúria, quando os jovens começavam a relaxar a disciplina e não tomar a sério o comando do chefe.

1319 — E, o filho, jovem ainda, parece ser já muito mais amigo dos civilizados. Hoje, depois 15 anos, quem sabe, com idéias mais amadurecidas talvez entenda melhor o pai, ou seja já civilizado?

Cine Major Thomaz Reis





1320 — Índios Tucano ajudando ao índio Tuiúca a fechar o complicado adôrno de delicadas penas de garças.

Cine Major Thomaz Reis.



1321 — Índios Tuiúca, Tucano e Tariano em preparativos de festa em São João. Rio Tiquié.

Fotos Charlotte Rosenbaum



1322 — Danças indígenas em São João. Rio Tiquié.



1323 — Outra dança. Ao som dos *cariços*, só dançam os músicos. Fotos Charlotte Rosenbaum



1324 — Pelo uso de *maracaxas* a dança dos Tuiuca é muito mais disciplinada do que a dos índios Uanâna no rio Içana.



1325 —



1326 — Êles observam bem a distância e os passos.



1327 —

Cine Major Thomaz Reis.



1328 — Com as mulheres dançam nas mesmas condições.





1330 — ...e mesmo, feitos os passos com grande velocidade, ainda dá um aspecto artístico com rítmo e grande beleza, nos gestos que acompanham as danças.



1331 —

Fotos Major Thomaz Reis

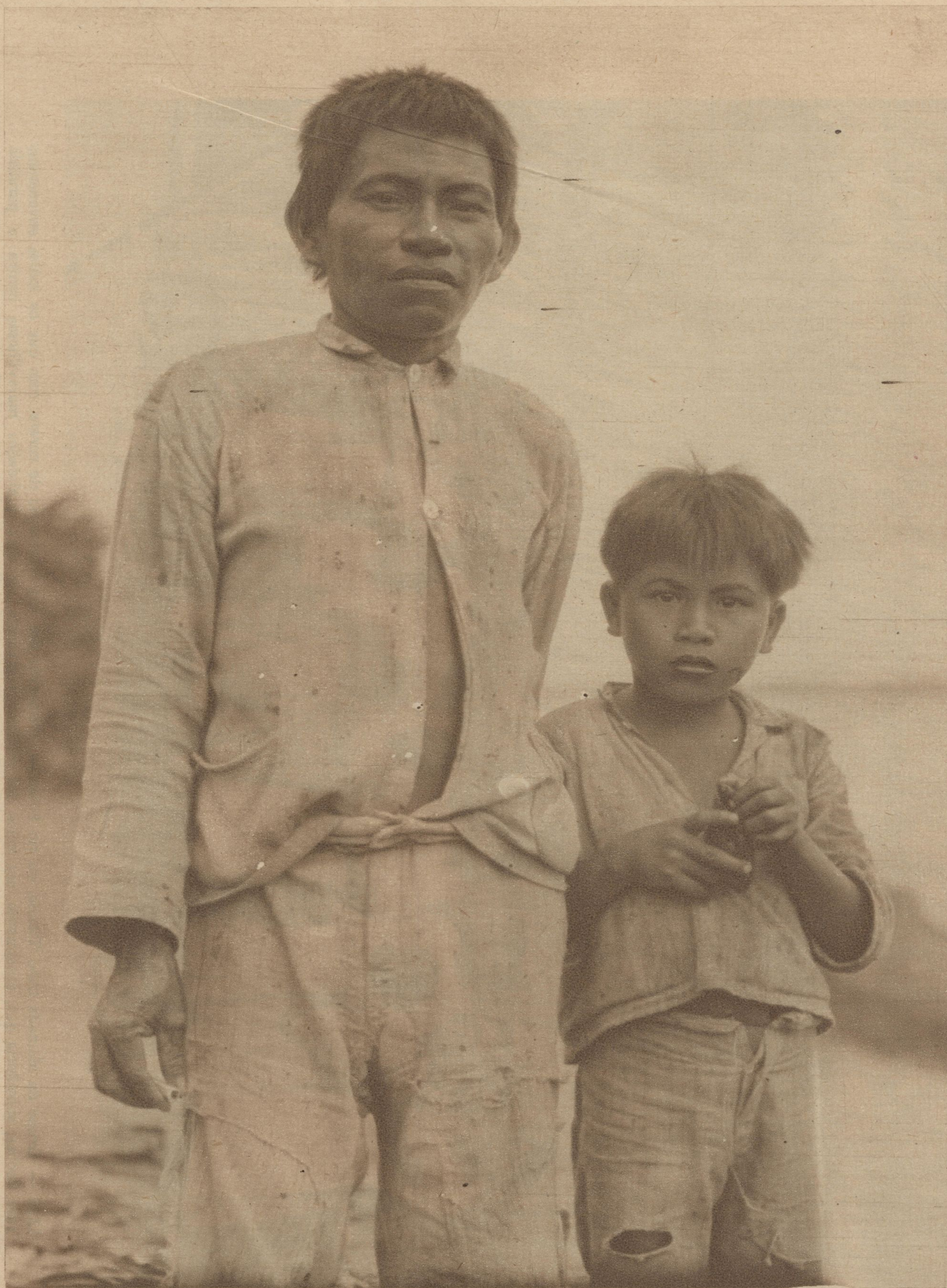
1332 — Os tuxáuas da tribu Tuiúca dançando. As fotografias mostram bem o uso dos maracaxas. Rio Tiquié.



1333 — Rio Tiquié Tuxáuas da tribu Tuiúca.

Cine Major Thomaz Reis.

Índios Ticuna



1334 — Índio Ticuna com seu filho. — Rio Solimões. Foto Dr. B. Rondon.



1335 — Grupo da afamada tribo Ticuna, do rio Solimões, conhecida por sua fabricação de *curare*, com que os índios envenenam suas flechas, substância que, atualmente, nas mãos dos médicos, representa as suas qualidades maravilhosas contra a paralisia infantil segundo recentes publicações e experiências realizadas na América do Norte.

Foto Dr. B. Rondon

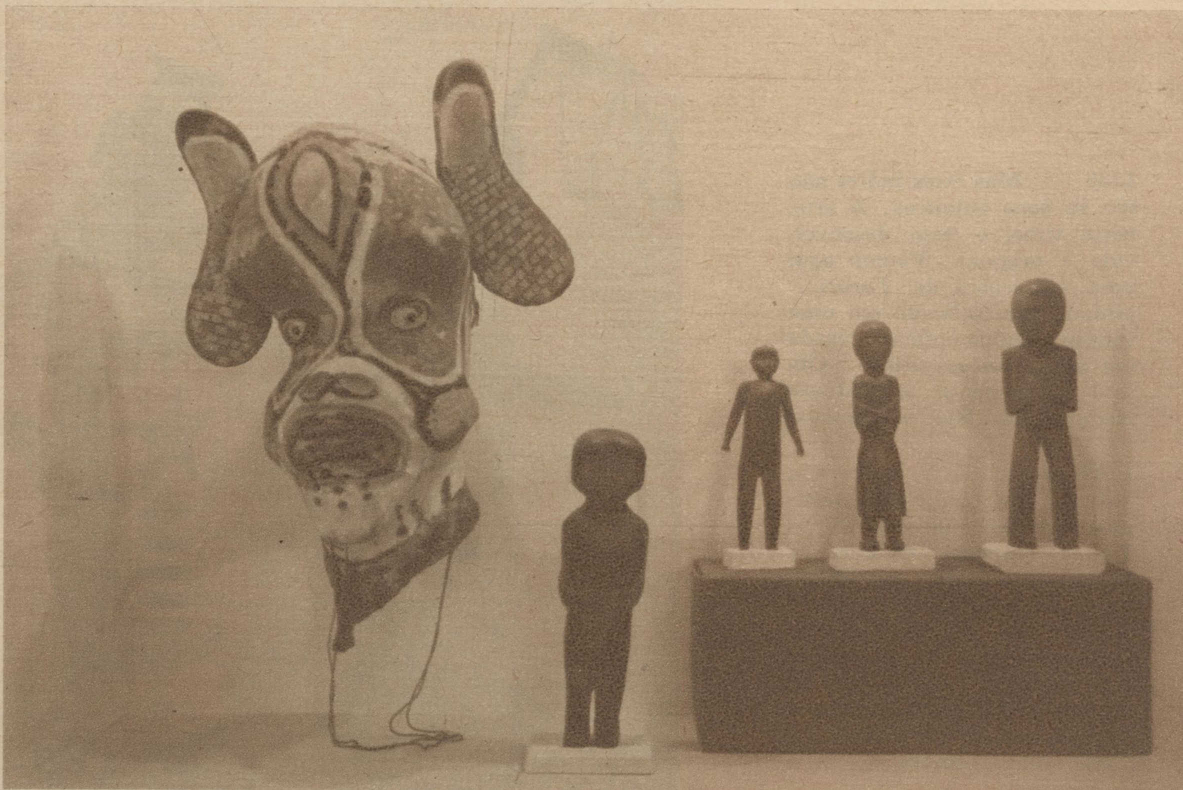


1336 — Mas êstes indios não são só bons químicos. À arte, nesta tribo, é bem desenvolvida e original. Vemos aqui uma entrecasca de *Tururi,...* pintada e modificada em uma vistosa indumentária usada em suas danças rituais. Objeto pertencente ao Museu Nacional do Rio de Janeiro.

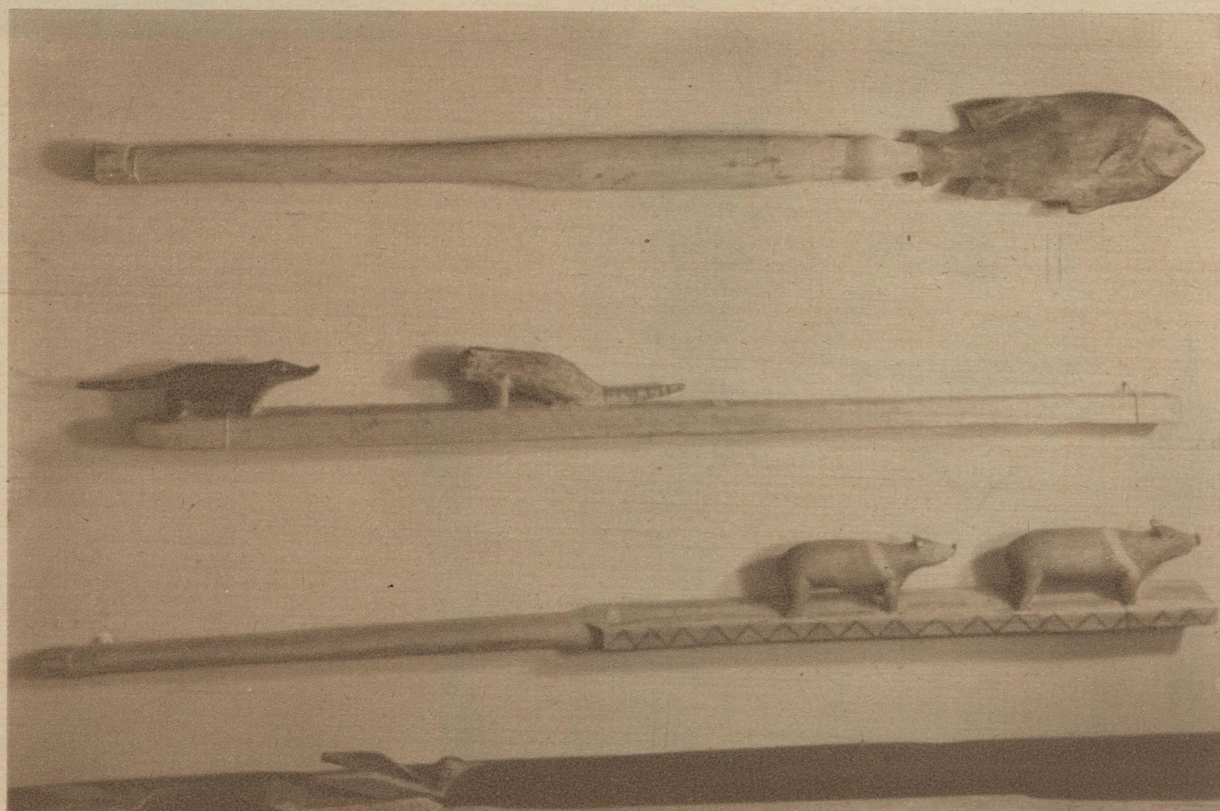
1337 — Boneca mascarada (Museu Nacional) com vestimenta cerimonial dos índios Ticuna, exposta durante a "Semana do Índio" no Ministério do Trabalho. As côres usadas são diversas, preto-azulada obtida do genipapo; um amarelo, provàvelmente de uma raíz, usada também pelos índios do rio Uaupés; e outras mais comuns.



Fotos Charlotte Baumwald



1338 — Uma máscara e esculturas de madeira manufaturadas pelos índios Ticuna, rio Solimões.



1339 — Bastidores de dança dos índios Ticuna. Rio Solimões. (Museu Nacional.)

Fotos Charlotte Baumwald

Índios da Região do Rio Branco



1340 — Vista Alegre. Rio Branco. Fotos Dr. B. Rondon.



1341 — Vista Alegre, no rio Branco, é o lugar onde faleceu o grande cientista alemão Theodor Koch-Grünberg, vitimado pela malária.



1342 — General Rondon com seus oficiais visitando o túmulo dêste grande cientista e amigo dos índios, de que estudou os idiomas e costumes, na região do rio Branco, Roroimã e Rio Negro.



1343 — Cidade de Boa-Vista, no rio Branco.

Fotos Dr. B. Rondon





1344 — Limite de navegação: Caracaraí.

1345 — O rio Branco durante uma grande enchente.

Fotos Dr. B. Rondon.



1346 — Em viagem podem ser vistos os ranchos de seringueiros (*barracas*, segundo a terminologia local)



1347 — e as cerradas matas de *Cecrópias*. Cine Major Thomaz Reis.



1348 — Vastas regiões marginais, alagadas, onde medram as ramagens de trepadeiras.



1349 —

Cine Major Thomaz Reis.



1350 — Transporte de cachos maduros de palmeiras *Assaí*. A mucilagem dos seus cócos, diluida nágua fornece um excelente refresco alimentício.



1351 — Outra vista do transporte dos cachos maduros. Cine Major Thomaz Reis.



1352 — A tartaruga serve de alimento de primeira ordem, nos cardápios do sertão.

Cine Major Thomaz Reis.



1353 — Uma cabeceira de *Buritis.* Rio Branco.

Foto Dr. B. Rondon



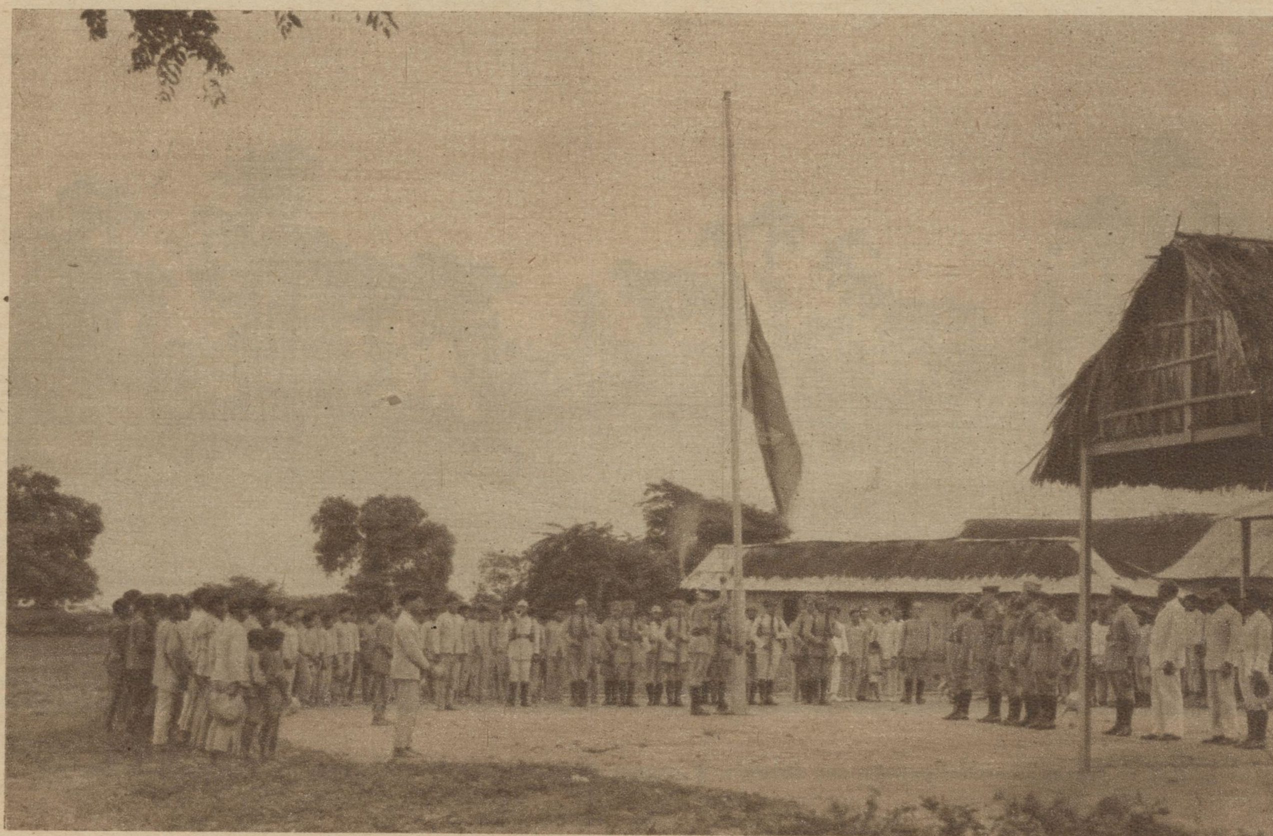
1354 — Aspectos do alto-rio Branco, vendo-se a Serra Grande ou Tarumã. Cine Major Thomaz Reis.



1355 — Morro Urubú — São Marcos. Rio Branco. Foto Dr. B. Rondon.



1356 — Lagoa dos lavradores da Fazenda Nacional de São Marcos. Rio Branco. Fotos Dr. B. Rondon



1357 — Festa da Bandeira, em 19 de novembro de 1927, na Fazenda Nacional de São Marcos.



1358 — Gado crioulo na Fazenda Nacional de São Marcos, rio Branco, onde se cria o gado do Amazonas.

Foto Dr. B. Rondon



1359 — Haras nos Campos do rio Branco. Fazenda Nacional de São Marcos. Cine Major L. Thomaz Reis



1360 — Cavaleiros com os lindos exemplares dos haras de São Marcos. Fazenda Nacional. Rio Branco.

Cine Major L. Thomaz Reis



1361 — Índios Uapixana do rio Uraricuéra em visita ao General Rondon, na Fazenda Nacional de São Marcos. Rio Branco.

Foto Dr. B. Rondon.



1362 — Fazenda São Marcos. Regresso da expedição ao alto Uraricuéra.



1363 — Índios Uapixana. Maloca do Paulo. Rio Branco.

Fotos Dr. B. Rondon



1364 — Velho casal de índios Uapixana. Fazenda Nacional de São Marcos, Rio Branco.



1365 — Distribuição de sal aos índios Uapixana, no rio Tacutu.

Fotos Dr. B. Rondon





1366 — Distribuição de brindes aos índios Uapixana. Rio Branco.

1367 — Mulher da tribo Uapixana, com seu filhinho.

Fotos Dr. B. Rondon



1368 — Índios Uapixana do rio Tacutu.

Fotos Comissão Rondon



1369 — Crianças Uapixana. Maloca Tereneio, na margem do rio Jacamim, afluente do rio Branco.



1370 — Índios Uapixana. Maloca Tereneio. Rio Jacamim, afl. do rio Branco.



1371 — Meninas Uapixana do rio Branco.

Foto Comissão Rondon



1372 — Índios Uapixana.
Rio Branco.



1373 — Pequena Uapixana do rio Branco.

Foto Dr. B. Rondon.



1374 — Do lado esquerdo se vê um índio Uaicá e do direito um Carimé. Rio Caratirimani, afl. do rio Branco.

Foto Exp. Carlos Lako e Salathe

1375 — Índias Carimé.
Rio Caratirimani.

Fotos Exp. Carlos Lako e Salathe





- 1376 — Índios Pauchiana, baixo rio Caratirimani.



1377 — *Maloca* dos índios Carimé. Rio Caratirimani.

Foto Exp. Carlos Lako e Salathe



1378 — Maloca dos índios Pauchiana. Baixo rio Caratirimani.

Foto Exp. Carlos Lako e Salathe



1379 — Subida do rio Uraricuéra para as cabeceiras, na Serra Parimã.



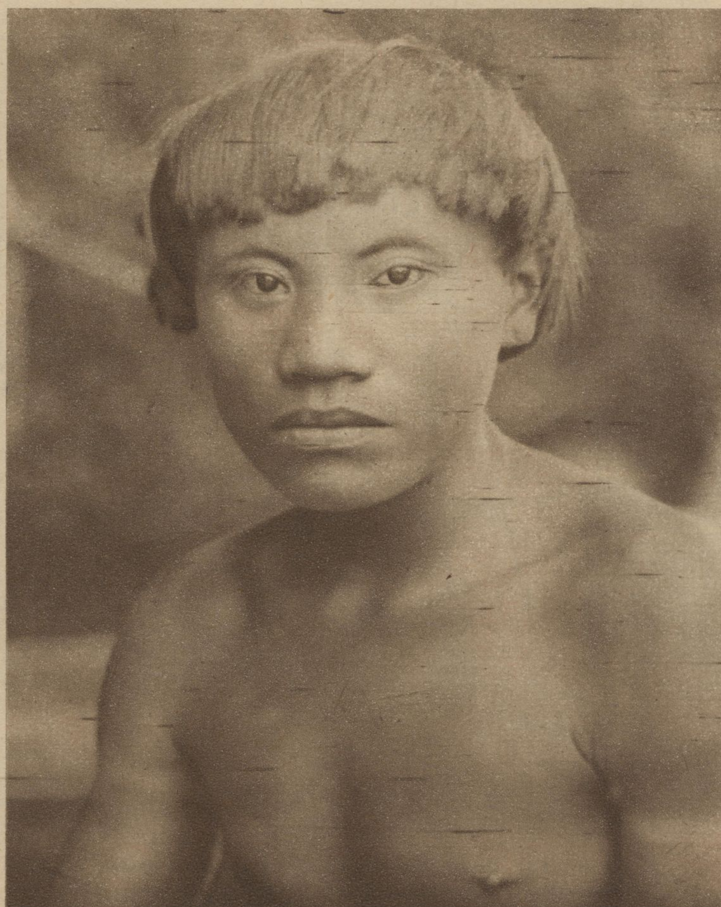
1380 — Tte. Joaquim Rondon e índios da tribo Xirianã que auxiliaram a turma, durante os reconhecimentos realizados na fronteira Brasil-Venezuela, em outubro e novembro de 1927.

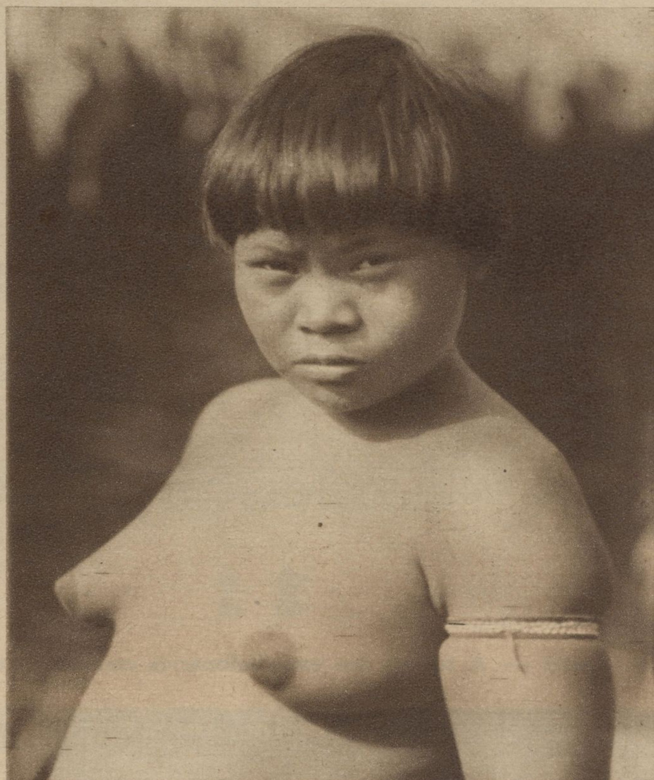


1381 — Jóvem índio Xirianã, do rio Uraricapará. Os Xirianã são de mediana estatura, tendendo para a baixa, porém fortes e saudáveis.

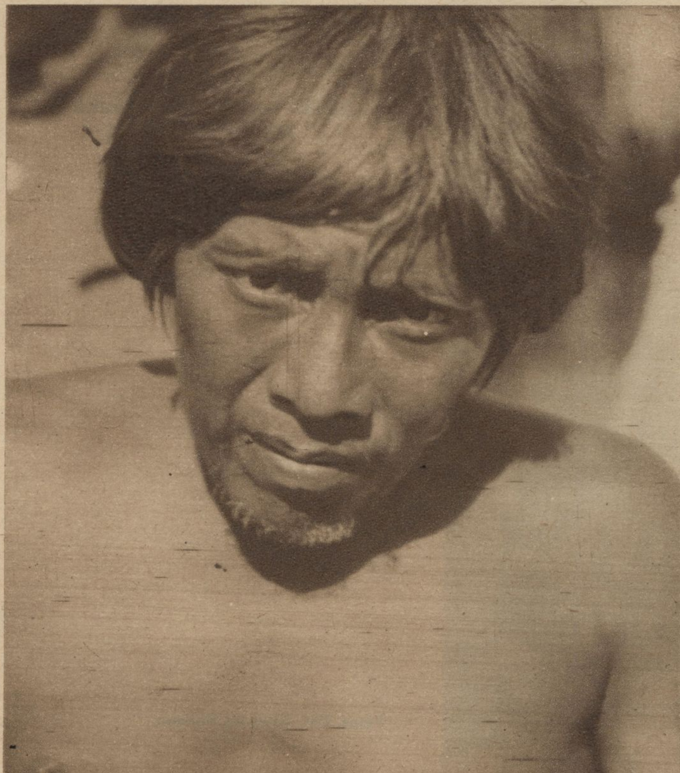
1382 — Tipo de índio Xirianã, rio Uraricapará, êle, como todos da tribo, é um ótimo canoeiro, resistente e destro no manejo do remo, principalmente na passagem das cachoeiras.

Fotos Cel. Joaquim Rondon





1383 — Índia Xirianã.
Rio Uraricapará.

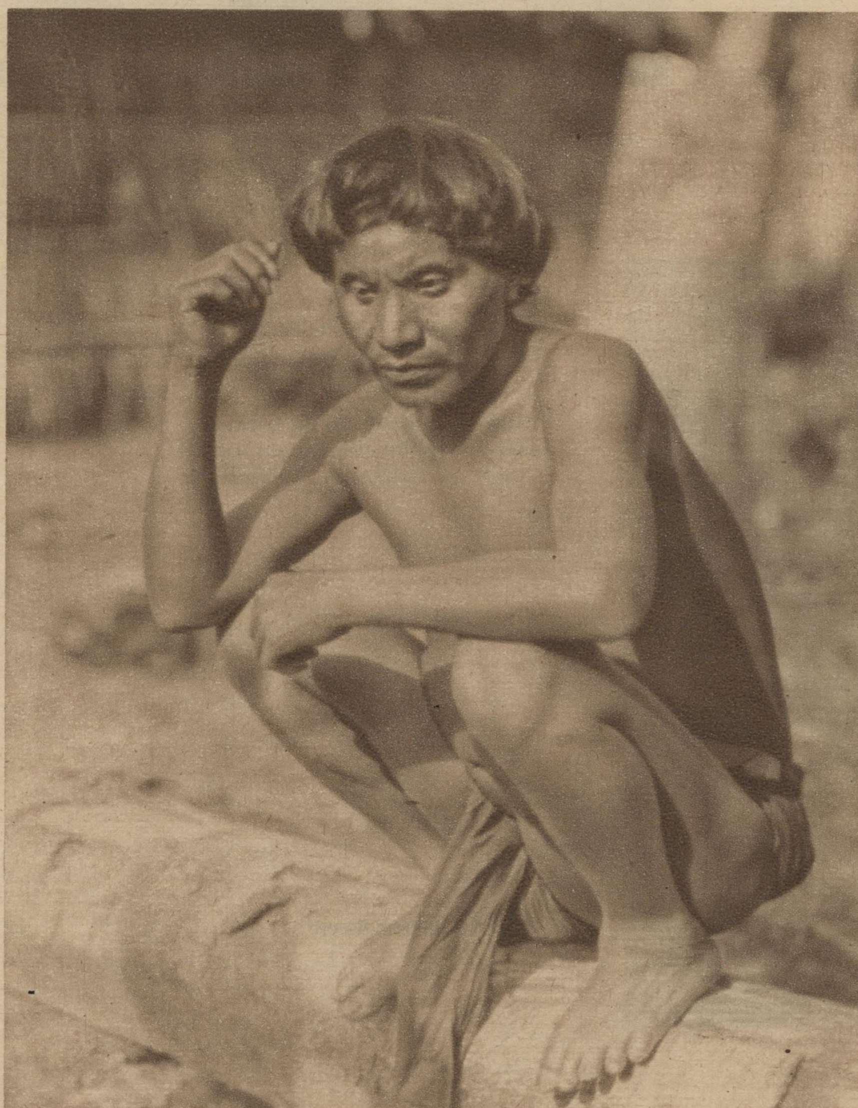


1384 — O govêrno da tribo era exercido pelo índio mais idoso, sob o título de *Tuxáua*.

Fotos Cel. Joaquim Rondon



1385 — A turma dos expedicionários com suas canôas e os índios da tripulação, no rio Uraricapará.



1386 — Índio Xirianã
Rio Uraricapará.

Fotos Cel. Joaquim Rondon



1387 — Índio Xirianã. Rio Uraricapará.

Foto Cel. Joaquim Rondon



1388 — O tuxáua da tribo Xirianã. Os homens da tribo usam, como tanga, uma tira de chita vermelha.

Foto Cel. Joaquim Rondon

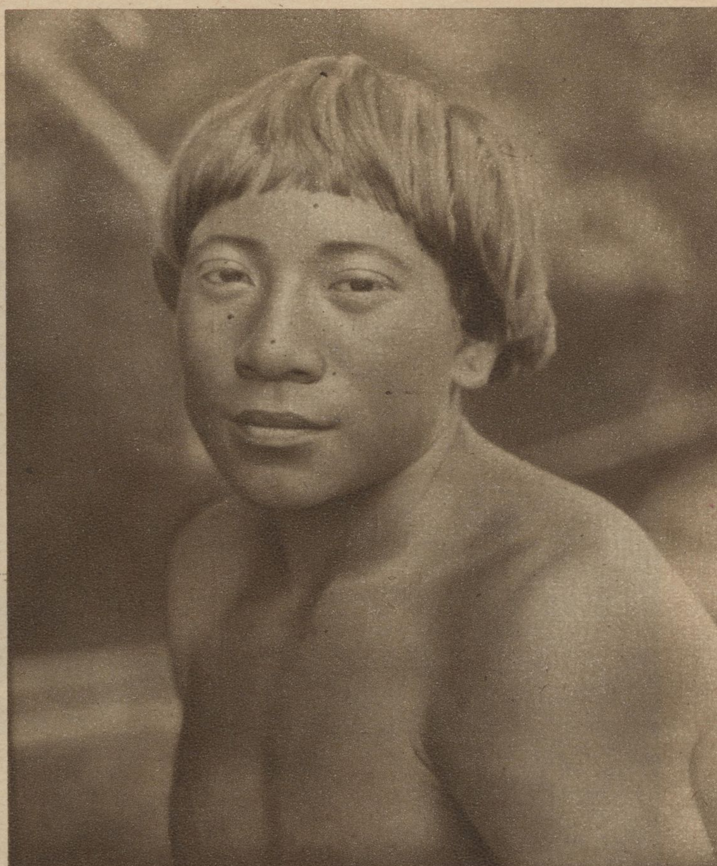


1389 — Índio Xirianã. Infelizmente nem um dos retratos mostra que esta tribo usa furar as orelhas e o lábio inferior, para introduzir penas de mutum, a título de adôrno.



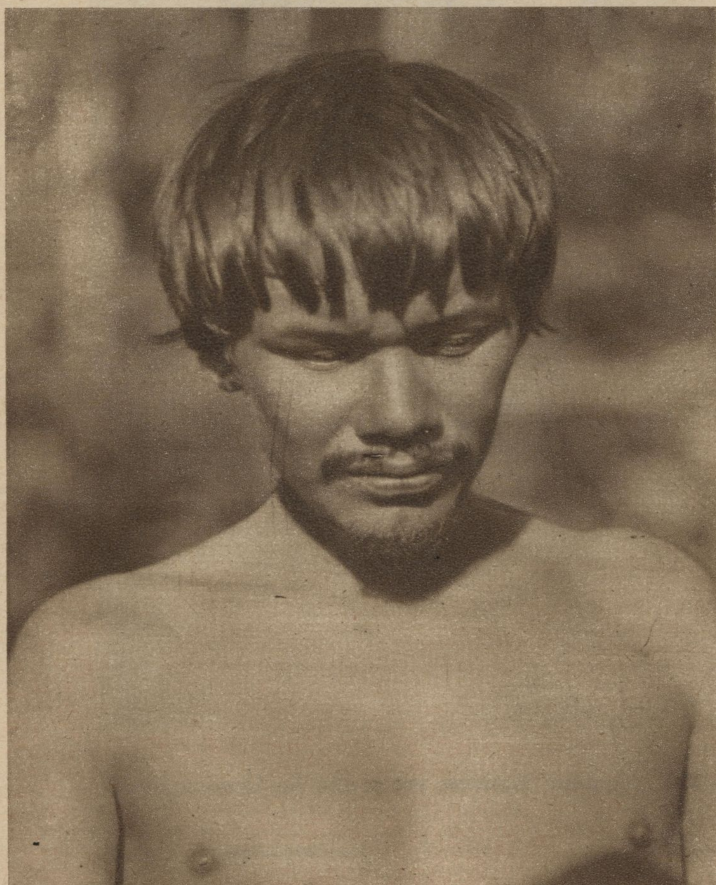
1390 — Índio Xirianã

Fotos Cel. Joaquim Rondon



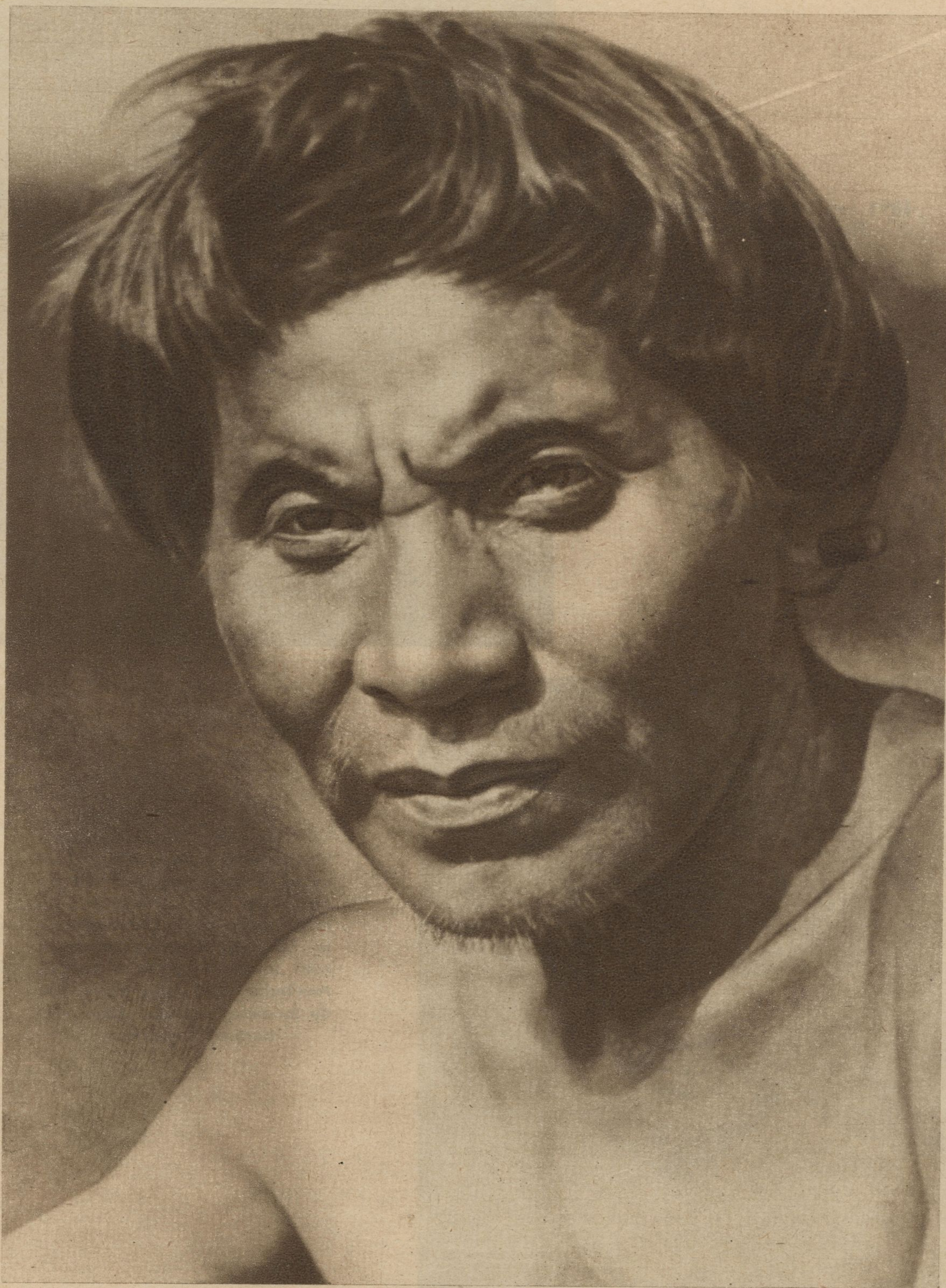
1391 — Índio Xirianã.
Rio Uraricapará.

Foto Cel. Joaquim Rondon



1392 — Outro Xirianã. Como fato curioso, contou o Cel. Joaquim Rondon que, por ocasião do início dos trabalhos, ao amanhecer, os índios despiam-se completamente e guardavam com muito cuidado as roupas recebidas, nas ubás, até o fim da jornada, quando, então, vestiam-se novamente.

Foto Cel. Joaquim Rondon



1393 — Índio Xirianã, guia do então Tte. Joaquim Rondon, até o alto do Uraricapará.

Foto José Louro.



1394 — Mãe indígena da tribo Maiongom. Rio Uraricuéra. As mulheres usam uma espécie de tanga de lindo tecido de contas multicores.

Foto **José Louro**.



1395 — Índios Maiongom, viajando no rio Uraricuéra.

Foto José Louro.



1396 — Casa dos índios Maiongom. Rio Uraricuéra.

Fotos José Louro.



1397 —



1398 — Velha índia Maiongom. Rio Uraricuéra. Foto José Louro.



1399 — Índio Maiongom. Rio Uraricuéra. Foto José Louro



1400 — Êste indiozinho da tribo Maiongom gostou tanto de qualquer doce, sujando-se o lindo rôsto, que, para nao perder a oportunidade não restou outra coisa ao fotógrafo, do que a fazer o retrato, assim mesmo.

Foto José Louro



1401 — Índio Maiongom. Rio Uraricuéra. Foto José Louro.



1402 — Índia Maiongom.
Rio Uraricuéra.

Fotos José Louro.



1403 — Grupo de índios da tribo Maiongom. Rio Uraricuéra.

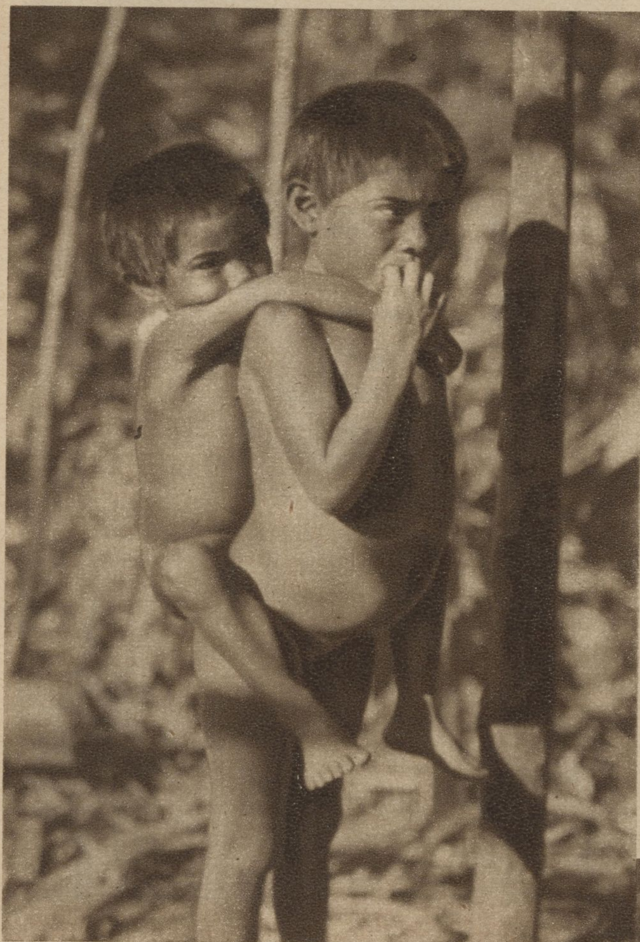


1404 — Índia Maiongom.
Rio Uraricuéra.

Fotos José Louro.



1405 — Índio Maiongom.
Rio Uraricuéra.



1406 — Pequenos índios
Maiongom.



1407 — Menino Maiongom.
Rio Uraricuéra.

Fotos José Louro.



1408 — Mãe Maiongom.
Rio Uraricuéra.



1409 — Outra índia Maiongom, com seus filhos.

Fotos José Louro.



1410 — Índia Maiongom trabalhando com seu engenho *Tipití* com o qual os índios espremem o líquido da mandioca.

Foto José Louro.





1411 — Grupo de índias Maiongom, com seus filhos.

1412 — Índia Maiongom, com crianças. Vê-se bem a bonita tanga da índia, tecida à mão, essa pequena peça de roupa feminina, segundo modêlo na sua tribo.

Fotos José Louro.



1413 — Índios "varando" uma canôa no rio Uraricuéra. Cine Major Thomaz Reis.



1414 — Outra foto mostrando a destreza da manobra dos nossos silvícolas. Passagem da cachoeira Arucaimã na subida do rio Uraricuéra.

Foto Cel. Joaquim Rondon



1415 — **General Rondon mostrando um lindo galho de flôres das margens do Uraricuéra.**

Foto **Dr. B. Rondon.**



1416 — Índias Macu. Rio Uraricuéra.

Cine **Major Thomaz Reis.**



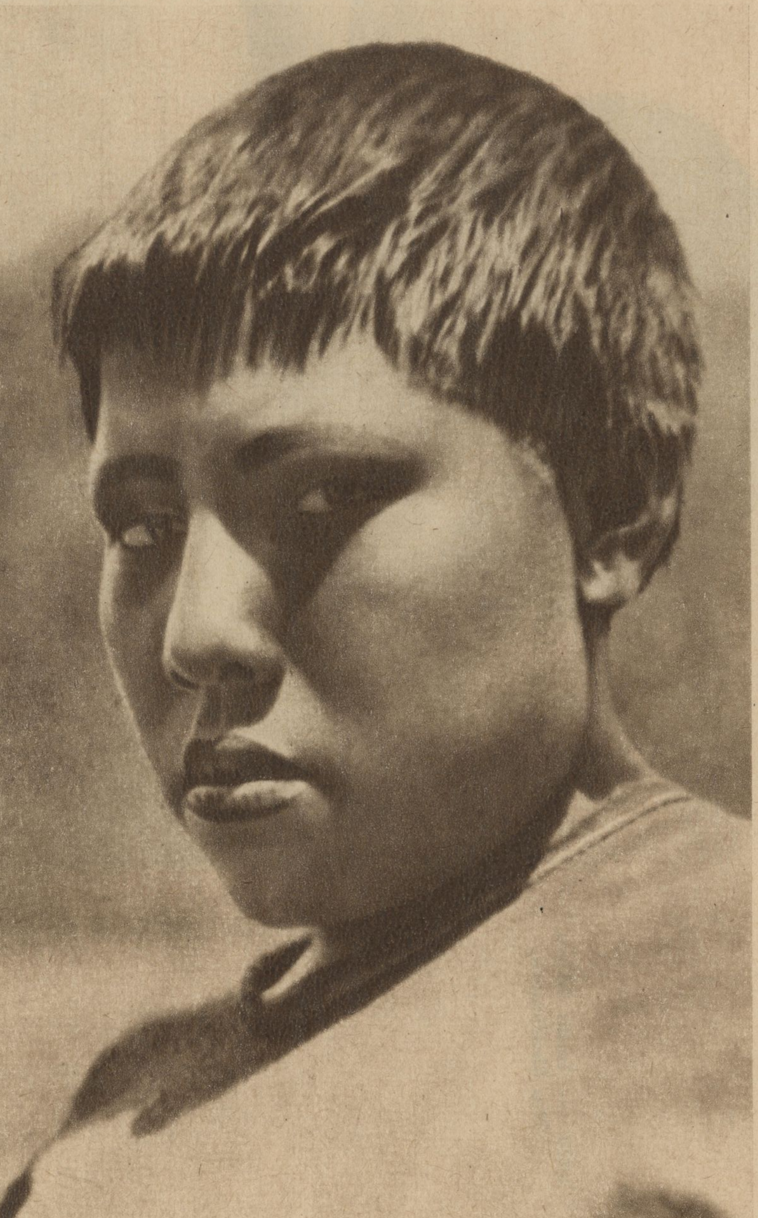
1417 — Voltando da roça. Menino Macu. (Alto-Uraricuéra)



1418 — Menino Macu do rio Uraricuéra. Cine Major Thomaz Reis.



1419 — India Macu. Rio Uraricuera.



1420 —

Cine Major Thomaz Reis



1421 — Índio Macu.
Rio Uraricuéra.



1422 — Menino da tribo Macu.
Rio Uraricuéra.

Fotos José Louro.



1423 — *Maloca do tuxáua* Macu. Rio Uraricuéra.



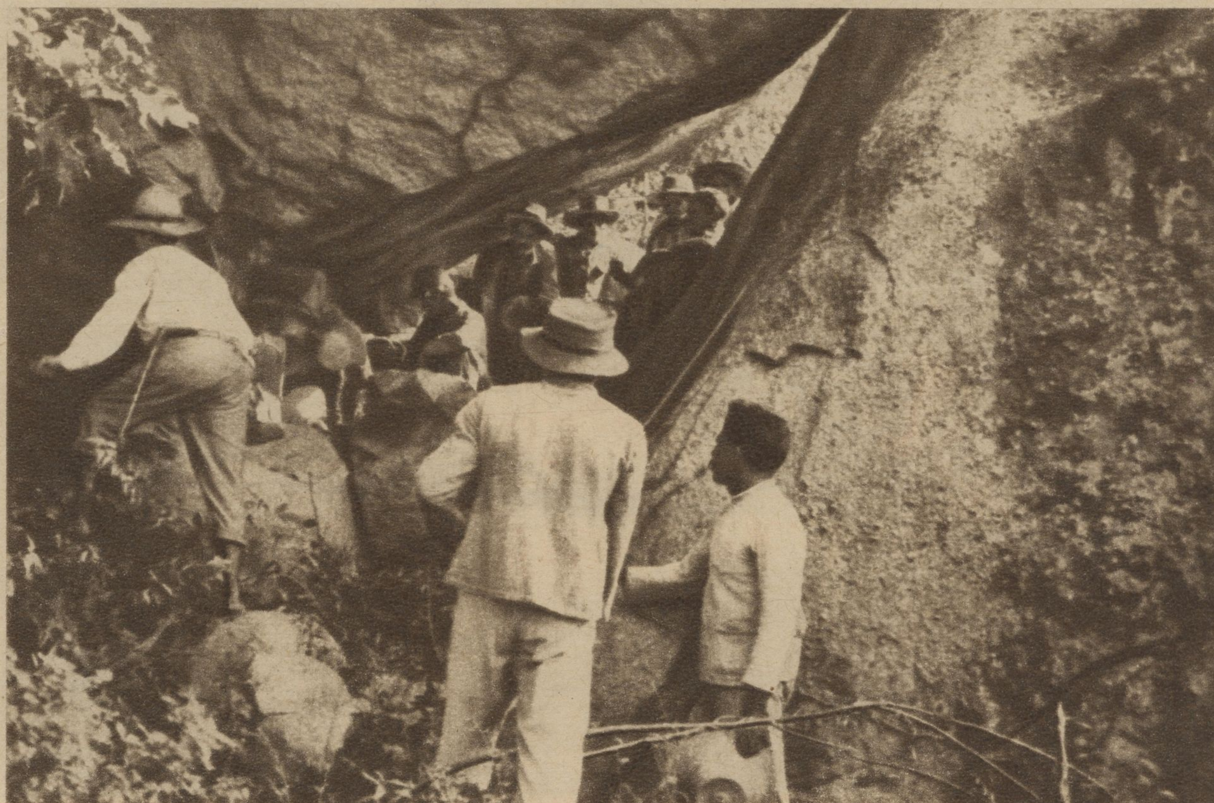
1424 — Um alçapão dá saída à fumaça. Cine **Major Thomaz Reis.**



1425 — Índios Macu. Rio Uraricuéra. Fotos Major Thomaz Reis



1426 — Campos salitrados de Surumu-Cotingo. Foto Dr. B. Rondon.



1427 — Urnas de barro, escondidas entre grandes pedras, guardavam ossadas humanas seculares.

Foto Dr. B. Rondon

1428 — O monte Maruaí, onde foi descoberta a necrópole indígena. Cine Major Thomaz Reis.



1429 — No massiço granítico foi encontrada uma lapa circular, com mais duas *igaçabas* de forma diferente; uma delas cilíndrica, com cobertura em forma de um simples prato fundo.



1430 — A urna do cemitério de índios em tempos remotos, lisa, sem nenhum desenho sôbre as paredes do vaso continha um esqueleto humano.

Cine Major Thomaz Reis.



1431 — O General Rondon mandou recolher as urnas funerárias, levando-as para o Museu Nacional. através das dificuldades que um tal problema envolve.



1432 — Aldeia do Contam dos índios Macuxi, rio Cotingo.

Fotos Dr. B. Rondon.



1433 — Tuxáua Domingos e os seus Macuxi da Aldeia do Contam.

Foto Dr. B. Rondon.



1434 — Dança da *Parichara*, dos índios Macuxi — Aldeia do Contam.

Foto Dr. B. Rondon.



1435 — Travessia do Surumu — na Aldeia do Limão.



1436 — Dança da *Parichara*, dos índios *Macuxi*, na Aldeia do Contam, rio Cotingo.

Fotos Dr. B. Rondon.



1437 — O General Rondon, Mr. Tate, do Museu Nacional de Nova-York, Major Reis e índios Macuxí, no Limão, rio Surumu.



1438 — Casa do *tuxáua* Macuxi, na Aldeia do Limão, rio Surumu.

Fotos Dr. B. Rondon



1439 — A Aldeia do Barro está situada à margem esquerda do rio Surumu e no sopé da Serra do Mel. Foto Dr. B. Rondon



1440 — Os índios da Aldeia do Barro estão prontos para a partida, esperando sentados sôbre a carga.



1441 — O tuxáua Cipriano, da Aldeia do Barro, prestou relevantes serviços à expedição; mas ao enfrentar a magestade da muralha do Roroimã, tomado de súbito pela surpresa de tamanho perigo, que as narrativas indígenas diziam existir na subida de tão grande altura, mostrou seu arrependimento e as profundas emoções nessas toscas palavras, dirigidas a seu companheiro David: "Eu queria vir; mas, bem que não queria".



1442 — Últimos preparativos antes da marcha. Cine Major Thomaz Reis.



1443 — O combôio era constituído de pedestres, (índios Macuxí) levando a carga às costas.

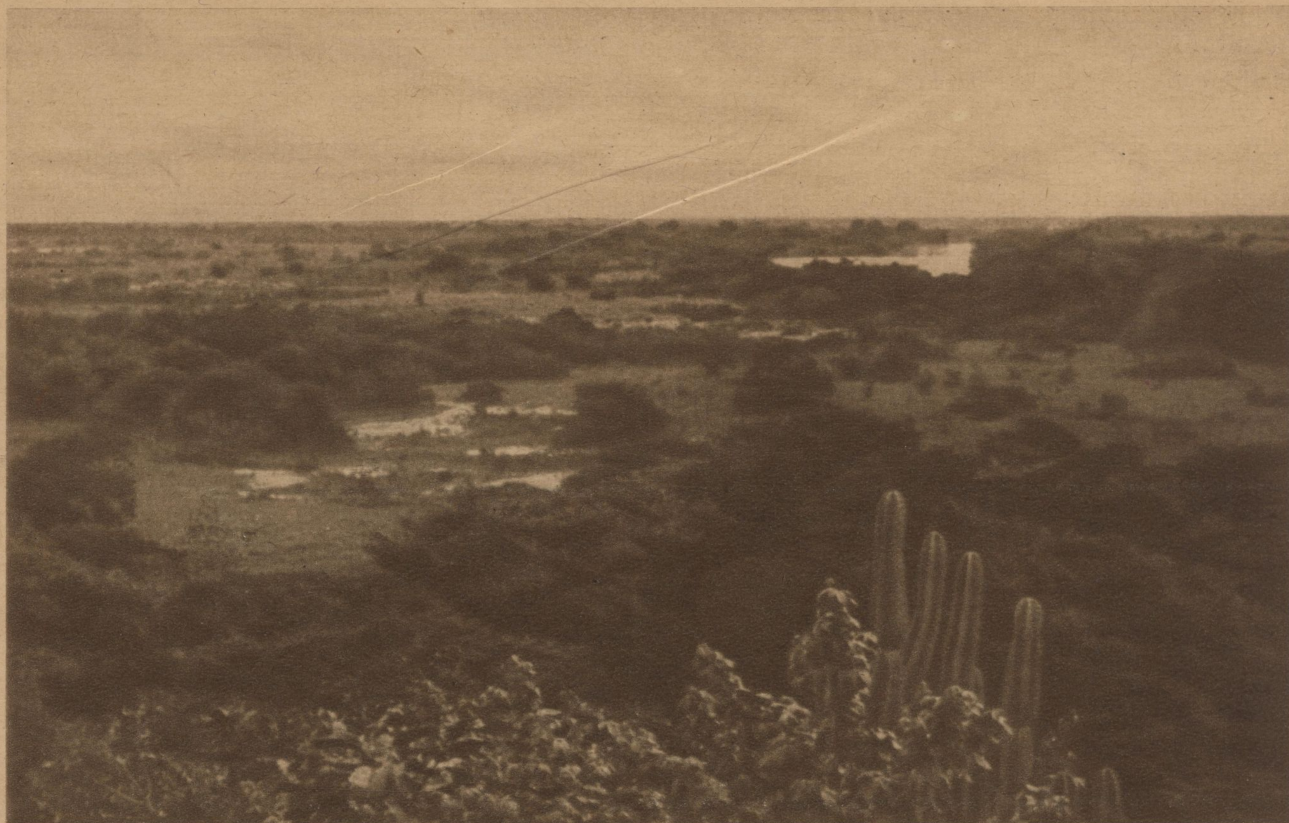


1444 — A expedição sob a chefia do General Rondon foi organizada com 180 índios Macuxí da Aldeia do Barro.



1445 — Lagoa do Sabino, ao pé da serra.

Cine Major Thomaz Reis



1446 — Viagem rio Branco — Pacaràimã ao Roroimã.



1447 — Os ribeirões correm em vales profundos. Cine Major Thomaz Reis.



1448 — Um afluente cheio, do Mian. Foi improvisada uma pinguela de buriti.



1449 — Desalojando uma sucuri do seu esconderijo. Cine Major Thomaz Reis.



1450 — **Muitos dias de marcha pelas Serranias de Pacaràimã.** Cine Major Thomaz Reis.



1451 — **Os pedestres, cansados da longa jornada, desfilavam na forma do costume.**



1452 — Subindo a Serra Pacaràimã. Cine Major Thomaz Reis



1453 — As índias Macuxí são excelentes carregadeiras, elas levam as crianças ainda, sentadas, por cima da carga pesada.



1454 — O Roroimã definia-se ainda mal no horizonte, além do Coquenã.



1455 — Atravessando os campos da Venezuela. Cine Major Thomaz Reis.



1456 — O bloco Roroimã, visto a 30 quilômetros de distância, ponto de maior altitude conhecido, pertencente a Cordilheira de Pacaràimã.



1457 — Tuxáua Paulo, conversando com outro chefe Taurepã.

Foto Dr. B. Rondon



Cine Major Thomaz Reis.



1458 — A vida na aldeia do *tuxáua* André

1459 — O tuxáua Paulo, da tribo Taurepã, que muito auxiliou a escalada do Roroimã.

Foto Dr. B. Rondon.



1460 — O General Rondon em visita à aldeia do tuxáua André. Índios Taurepã. Foto Dr. B. Rondon



1461 — Casas dos Taurepã, na aldeia do tuxaúa André. Cine Major Thomaz Reis





1462 — Aldeia de Marcelino, no sopé da Serra Pacaràimã.

1463 — Acampamento do córrego Uailein. Visita do tuxáua Taurepã "André".

Fotos Dr. B. Rondon.



1464 — Acampamento do córrego Uailein. O General Rondon tomando o *caxirí* tradicional da tribo Taurepã. Os Taurepã deram muitos recursos de alimentação a trôco de outros objetos.



1465 —

Cine Major L. Thomaz Reis



Cine Major Thomaz Reis.



1466 — Habitantes da aldeia do tuxáua Paulo, da tribo Taurepã.

1467 — Tipo de homem Taurepã. Córrego Uailein.

t ɔ e Dr. B. Rondon



Cine Major Thomaz Reis.

1468 — Mulher Taurepã e seu filhinho.

1469 — Índia Taurepã da aldeia do tuxáua Paulo, próximo de Roroimã.

Foto Dr. B. Rondon.





1470 — Vida do acampamento — Córrego Uailein. Cine Major Thomaz Reis.



1471 — O acampamento do córrego Uailein foi grandemente aumentado com os Taurepã.



1472 — **Os Taurepã e suas mulheres acamparam com a expedição.**



1473 —

Cine **Major Thomaz Reis.**



1474 — Uma das mais valentes carregadeiras Taurepã do Uailain.

Fotos Dr. B. Rondon



1475 — Tipo de casa Taurepã.



1476 — Mulheres Taurepã do Uailein.



1477 — Tipo de homem Taurepã.

Fotos Dr. B. Rondon.



1478 — Tipo de menina Taurepã. Foto Dr. B. Rondon



1479 — Moças Taurepã, da Venezuela, em visita a seus parentes Macuxi.

Foto Dr. B. Rondon



1480 — Mulheres Taurepã do Uailein.



1481 —

Cine Major L. Thomaz Reis

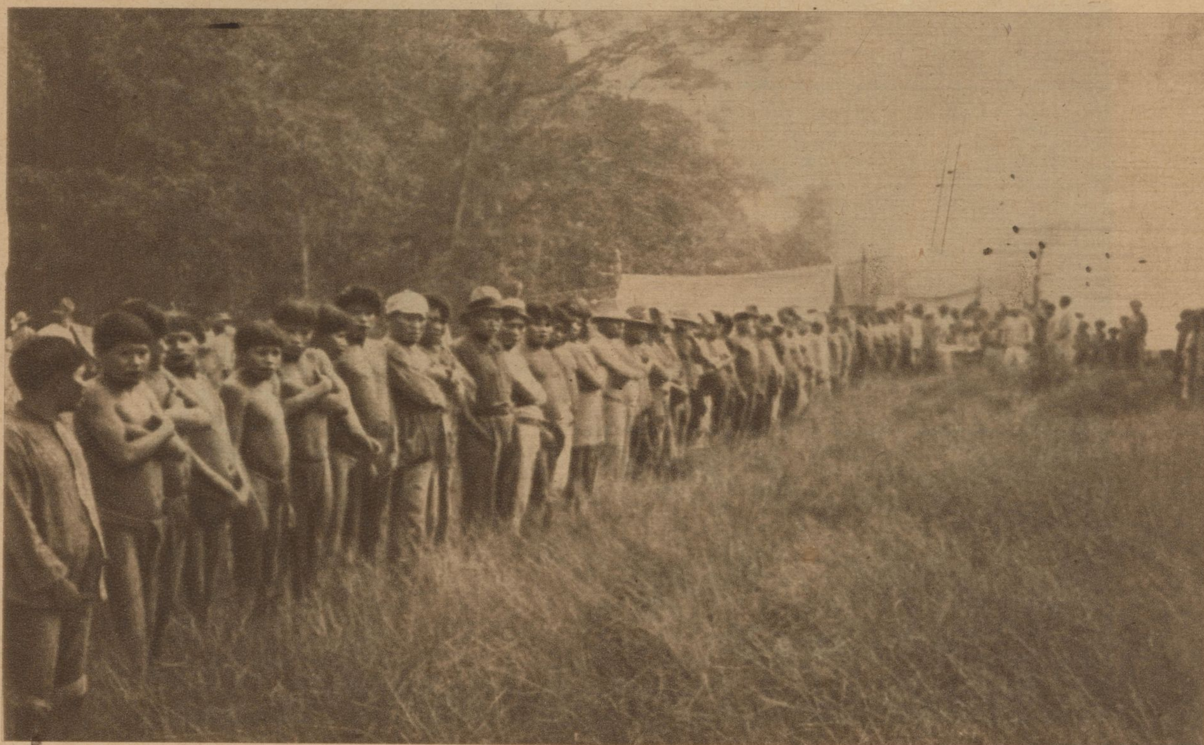


1482 — Mulher Taurepã.



1483 — Velho Taurepã.

Cine Major L. Thomaz Reis



1484 — Nos altos de marcha, os índios e suas mulheres eram aprovisionados de gêneros necessários à alimentação.



1485 — Com suas cuias esperam a sua vez.

Cine Major L. Thomaz Reis



1486 — Índia Taurepã.

Cine Major L. Thomaz Reis



1487 — Indias Taurepã com seus filhinhos que acampavam com a expedição.



1488 — Travessia do Coquenã — base do Roroimã. Foto Dr. B. Rondon

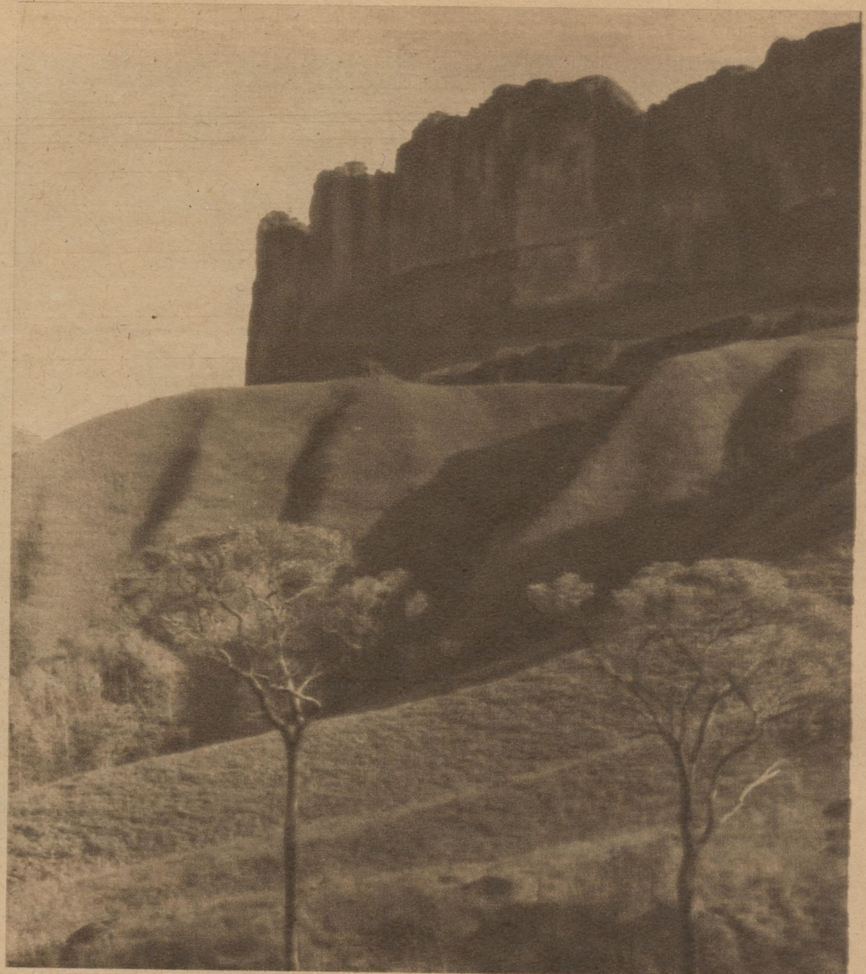


1489 — Atravessando o rio Coquenã. Cine Major L. Thomaz Reis

1490 — **As cumíadas do Roroimã, sensivelmente horizontais, apenas recortadas pelos agentes erosivos, terminam bruscamente em imponentes muralhas de arenito, assentadas sôbre um planalto rochoso de pórfiro, bem descrita por o geólogo Glycon de Paiva que acompanhou a expedição para fins científicos até o cume do Roroimã.**

1491 — **Serviço astronômico.** — A feição geológica do planalto apresenta-se sob a forma dum solo pedregoso, estéril.

Fotos **Dr. B. Rondon.**







1494 — Pelo desfiladeiro de terra frouxa que vai ter ao cume. Cine Major Thomaz Reis.



1495 — General Rondon, com os seus 62 anos de idade, vencendo as dificuldades que se opõem à subida do Roroimã.



1496 — Diante do Monte Roroimã. Acampamento. — Cine Major Thomaz Reis



1497 — Cabeceiras do Rio Cotingo. Roroimã. Foto Dr. B. Rondon.



1498 — Paredão do Roroimã — visto do acampamento, a 1600 metros de altitude. O Roroimã se levanta do solo numa monumental muralha arenítica de 600 a 800 metros acima do seu pedestal e de diábase, a cêrca de 2850 metros sôbre o nível do mar.

Foto Dr. B. Rondon.



1499 — A 1800 metros de altitude. Cine Major L. Thomaz Reis



1500 — Acampamento entre grandes pedras caídas do alto.



1501 — Distribuição de brindes aos índios que acompanham a expedição.



1502 — Cena da distribuição de facas aos índios, no acampamento. Roroimã. Cine Major Thomaz Reis.



1503 — No local do acampamento Clement. Ali se deparam cavernas originais abertas no granito Roroimã.



1504 —

Cine Major Thomaz Reis.



1505 — De vez em quando as nuvens como cortinas brancas encobrem a vista.

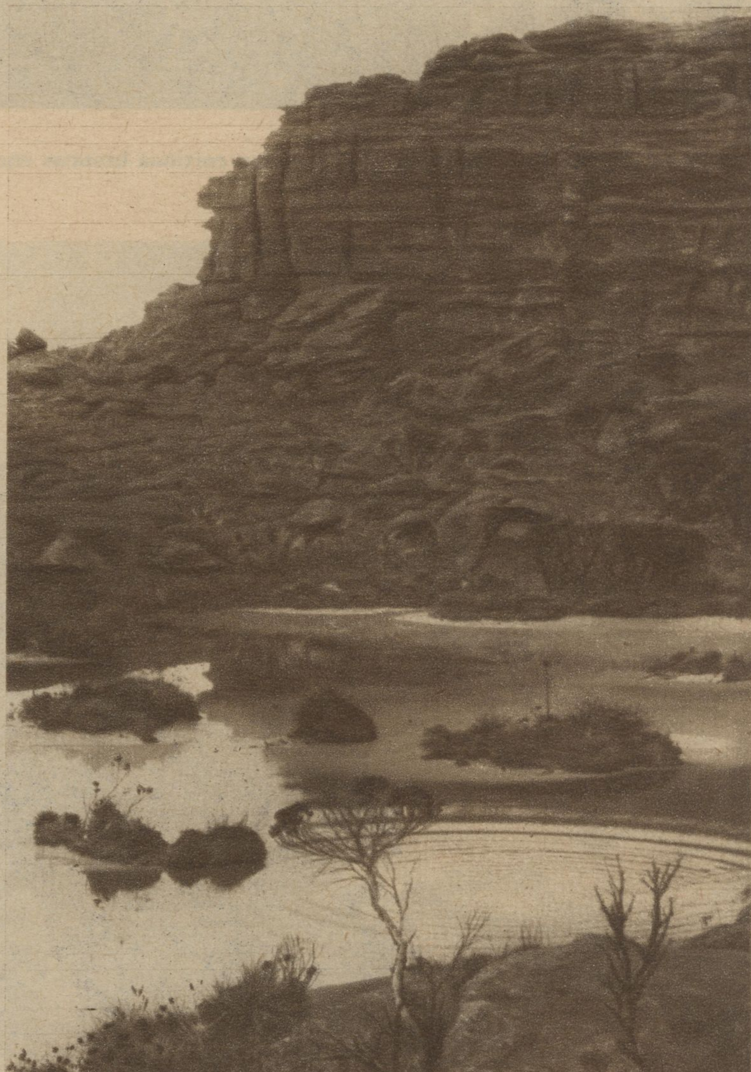


1506 —

Cine Major Thomaz Reis.







1507 — Um dos dois únicos tipos de arbusto, existentes a 2850 m. de altitude, no ponto culminante do R o r o i m ã. (*Mico*), *em lingua dos Taurepã.*

1508 — General Rondon entre especimes do reino botânico, a 2000 metros de altitude.

1509 — Tipico aspecto botânico-geológico do Roroimã.

Fotos Dr. B. Rondon.



1510 — Roroimã a 2700 metros, quase atingindo a cúmiada. Foto Dr. B. Rondon.



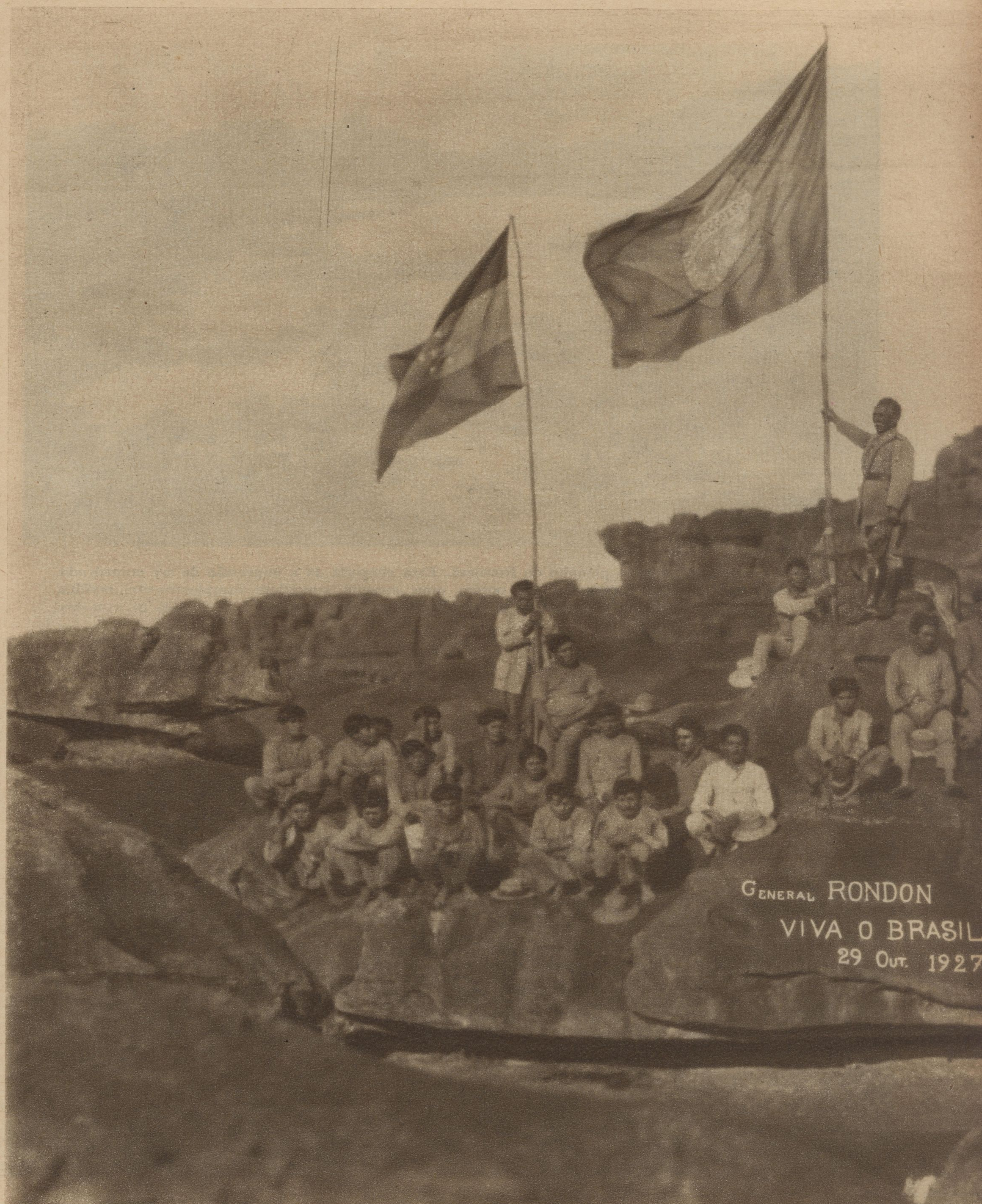
1511 — A porta de entrada do planalto Roroimã. Foto Dr. B. Rondon



1512 — General Rondon no planalto do Roroimã. Esta chapada dá a impressão de ser empedrada, cheia de lagos, córregos e pântanos. E' porém uma enorme superfície completamente revôlta, coberta de blocos de arenito de grandes dimensões. Fotos Dr. B. Rondon.



1513 — Detalhe geológico do Roroimã a 2850 m de altitude. Blocos de arenito de grandes dimensões e com aspectos dos mais bizarros, elevam-se por tôda a parte, em conseqüência do efeito da erosão secular, simulando, ao longe, monumentos fantásticos, criados por caprichosa imaginação.



1514 — No tôpo do Roroimã o General Rondon com seus auxiliares indígenas, guias e carregadores numa altitude



2850 m. onde convergem as três fronteiras: Brasil, Guiana Inglêsa e Venezuela. Foto Dr. B. Rondon.



1515 — Dois de Novembro de 1927, despedida do Roroimã.

Foto Dr. B. Rondon.

ÍNDICE

ÍNDICE

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULOS	PÁGINAS	GRUPO LINGUÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Boiarana	Índios do Brasil	13	Caraíba	Boiarana	Provàvelmente assimilados pelos Cobéua	Médio do rio Caiari.	—
Caianã	»	11	Caraíba	Rangu-Piqui	Caianã	Rio Parumã, front. Guiana-Francesa.	89, 92, 93
Camaracotó	»	9	Caraíba	Macuxi	Camaracotó		—
Carapaná-tapúia	»	8, 13, 15	Tocana	Cobéua	Carapaná-tapúia	Rio Querari, Coduiari, Japu-Cachoeira no alto Papurí e Tiquié superior.	—
Carimé	»	—	—	Carimé		Rio Caratirimani.	261 a 262
Cauá-Tapúia	»	15	Aruáque	Cobéua do Aiari	Cauá-Tapuia	Rio Aiari., afl. do rio Içana.	—
Cobéua	»	8, 12, 13, 14, 15, 16	Tucano	Manonára, Tiua ou Tocandira, Juquicê-Tapúia, Carapanã e Corôa.		Querari-Coduiari.	—
Coehano, Coeuna ou Heénáua	»	8, 13, 15, 16	Tucano	Cobéua do Coduiari	Coehano, Coeuna ou Heénáua	Rio Negro	139
Deçana, Paporimara ou Trovão Rapicuma	»	8, 13, 16	Tucano	Deçana		Baixo Uaupés, Papuri e Tiquié.	209

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULOS	PÁGINAS	GRUPO LINGUÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Erulia ou Eruriu	Índios do Brasil	13	Tucano	Erulia		Pirá-Paraná, afl. do rio Apapóris.	—
Giboia - Tapúia ou Yibóya-Tapuya	»	—	Tucano	Giboia-Tapúia		Curso superior do rio Aiarí, afl. do rio Içana.	—
Guaraivo ou Guaharibo	»	10, 11	Alófilo	Guaraivo		Cab. e alto curso dos rios Caborí e Padauarí afl. do rio Negro. Serra Pacaràimã.	—
Heénaua ou Coehano	»	15	Tucano	Cobéua do Coduiari	Heénáua ou Coehano	Coduiari, rio Negro.	139
Hoodeni	»	13	Aruáque	Baniva	Hoodeni	Fóz do Aiari, alto Içana, afl. do rio Negro.	—
Ipéca ou Ipéca- Tapúio	»	13	Aruáque	Ipéca		Siuci-Cachoeira no alto Içana, afl. do rio Uaupés	—
Jaricuna	»	9, 11, 12	Caraíba	Macuxi	Taurepã ou Iaricuna	Rio Parimé, Maruá e Anajarí, afls. do Surumu. Rio Branco.	307 a 323
Macú	»	10, 13	Alófilo	Macú	Procedentes do território Venezuelano, ainda não se pode averiguar si se trata da mesma raça dos seus homogêneos do rio Negro.	Rio Uraricuéra	284 a 290

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULOS	PÁGINAS	GRUPO LINGUÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Macú	Índios do Brasil	8, 10 14	Alófilo	Macú	Macú	Baixo curso do rio Tiquié e m. esq. do rio Japurá, até Rio Negro.	—
Macuxi	»	9, 10, 11	Caraíba	Macuxi		Rios Surumu, Tacutu, Maú, Côtingo, afls. do rio Branco	293 a 300, 305
Manáu	»	14	Aruáque	Assimilados pela população sertaneja do Rio Negro		Rio Negro	—
Maiongom	»	8, 9, 10, 11	Caraíba	Macuxi	Maiongom	Rio Uraricuéra e rio Meruari.	271 a 283
Marabitana	»	14	Aruáque	Assimilados pela população sertaneja do rio Negro		Rio Negro	—
Micura-tapúia	»	8, 13	Tucano	Cobéua	Micura-tapúia	Rio Papuri, afl. do rio Uaupés	—
Miriti-tapúia	»	13	Tucano	Miriti-tapúia		Baixo rio Tiquié afl. do Uaupés	—
Nhambiquara	Índios do Brasil Vol. I	11	Gê	Nhambiquara		Vale do rio Juruena	—
Palanoa ou Palacnôa	Índios do Brasil Vol. III	13	Tucano	Palacnôa		Alto Pirá--Paraná, afl. do rio Tiquié	—
Paràuiana ou Paravilhano		9, 10, 11, 12	Caraíba	Macuxi	Paràuiana	Cab. do Anauá, afl. do rio Branco e no Jauaperi, afl.do rio Negro.	291 a 293

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULOS	PÁGINAS	GRUPO LINGUÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Pauchiana ou Pauxiana	Índios do Brasil		Guajiro	Pauxiana		Rio Caratirimani	261, 262
Pauicê, Pauxi ou Caxinauá	»	25	Caraíba	Como Pauxi ou Pauicê, extinto		Rio Jordão, afl. do rio Tarauaca, rios Cachorro. Jacicuri, afls. do Trombetas	—
Pianocotó	»	8, 11, 12	Caraíba	Pianocotó		Rio Marapi, alto rio Cuminá, Serra Tumuc-Humac.	66 a 81, 96
Piràtapuio	»	8, 13	Tucano	Tucano	Piràtapuio	Baixo Uaupés, Papuri e Tiquié	206
Quêpiquiriuáte	Vol. I	11	Tupi	Quêpiquiriuáte		Cab. Gi-Paraná	Vol. I 134 a 138
Rangu-Piqui	Vol. III	11, 12, 13	Caraíba	Rangu-Piqui	Rangu-Piqui	Rio Paru, afl. do rio Cuminá, Rio Parumã, front. Guiana Franceza	85 a 95 97, 98
Riã	»	9	Caraíba	Macuxi	Como Riã extinto		—
Siriano	»	10	Xirianã	Siriano ou Xirianã, segundo Frederico Rondon		No médio e baixo Cuiari, afl. do rio Içana.	263 a 270
Siuci ou Siuci-tapúia	»	13	Aruáque	Baniva	Siuci	Médio e baixo curso do Aiari afl. do Içana	

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS.	CAPÍTULOS	PÁGINAS	GRUPO LINGUÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Sucuriú-Tapúia	Índios do Brasil	—	Aruáque	Baniva	Sucuriú-tapúia	Tunui e Seringarupita, no rio Içana	155, 156.
Tariana	»	8, 13, 14, 15	Aruáque	Tariana	Submetidos pelos Tucano	Curso médio do rio Uaupés até o rio Papuri	228
Taurepã, Taulipang ou Jaricuna e Aricuna	»	9, 11, 12	Caraíba	Macuxi	Taurepã	Rio Parimé, Maruá e Anajari, afls. do Surumu, rio Branco.	307 a 323
Ticuna ou Tucuna	»	Aruáque		Ticuna		Rio Igarapé, afluente do Solimões	238 a 240
Tirió	»	8, 11, 12	Caraíba	Rangu-Piqui	Tirió	Rios Cuminá, Paru, na divisa Guiana Holandesa	86 a 91 94, 95, 97, 98
Tocana ou Tucano	»	8, 13, 14, 15,16	Tocana	Tocana		Rios Uaupés, Papuri, Jauaretê – Cachoeira e Tiquié.	151 a 154 207, 209 223, 227/28
Tsoeloa	»	13	Tocana	Tsoeloa		Cabec. do rio Tiquié	—
Tuiúca, Tuyuca-Tapuia ou Dogapura	»	8, 13, 16	Tocana, que fala sua própria língua	Tocana	Tuiúca	Rio Tiquié	224 a 234
Uaboí	»	12		Extinta		Rio Trombetas, e Jamundá	25 a 40

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULOS	PÁGINAS	GRUPO LINGUÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Uaica	Índios do Brasil			Uaica		Rio Caratirimani	260
Uanâna	»	9, 12, 13, 15	Tocana	Uanâna		Rio Içana, no médio Uaupés entre Jurupari e Jandi - Cachoeira	157 a 202
Uapixana	»	8, 10	Uapixana	Uapixana		Rio, Tacutu, Uraricuéra, afl. do rio Branco, Anajari, Parimé e Cauamé.	268 a 259
Uaupé	»	8	Diversos	Denominação genérica dos índios, habitantes do rio Uaupés		Rio Uaupés	—
Uitoto	»	8, 9	Alófilo	Uitoto		Alto Japurá entre Caquetá e Putumaio, fóz do Amacaracu.	
Upaima	»	13	Tocana	Tocana	Upaima	Rio Tacutú, Uraricuéra Anajarí, Parimé e Caumé, afls. do rio Branco.	—
Xirianã ou Chirihaniá		8, 13	Xirianã	Xirianã		Rio Uraricapará, afl. do rio Uraricuéra, rio Branco,	263 a 270

ABREVIATURAS:

Afl.	afluente.
Cab.	cabeceira.
m. d.	margem direita
m. e.	margem esquerda.

ÍNDICE GEOGRÁFICO

SERRAS E MONTES:

CIDADES, VILAS, ALDEIAS E POVOAÇÕES:

PÁGINAS DAS GRAVURAS

Rio Cotingo

Rio Negro

Rio Papuri

Rio Surumu

Rio Tiquié

Rio Uaupés

Serra Pacaràimã

ASPECTOS E EPISÓDIOS HISTÓRICOS DO SERTÃO

ÍNDICE DOS TRAÇOS CULTURAIS

ALIMENTAÇÃO

ARTES E OFÍCIOS INDÍGENAS

CERÂMICA

ESCULTURAS DE MADEIRA

INSTRUMENTOS DE MÚSICA

PETROGLIFOS OU ITACOATIARAS

PINTURAS E CONFECÇÃO DE MÁSCARAS

ASTRONOMIA

CRENÇAS, RELIGIÕES E RITUAIS

A INFLUÊNCIA DA CIVILIZAÇÃO E A REAÇÃO DO ÍNDIO

GLOSSÁRIO: FAUNA, FLORA E DIVERSOS

		PÁGINAS
ANINGA	Planta paludícola (*Montricardia arborescens Schott*). Fam. Aracea.	84
ANONÁCEA	A família das *Anonáceas*, goza de grande estima, por causa das árvores frutíferas que contém	64
ASSAÍ	Palmeira (*Euterpe oleracea*) e as nossas "Jussaras" (*Euterpe edulis*) ás vêzes assim designadas.	248,249
BALATA	Árvore gigantesca (*Mimusops Balata*) de grande importância econômica, cujo latex fornece a "balata" do comércio.	62
BURITI	Palmeira (*Mauritia vinifera Mart.*)	249
CAÁPI	Bebida, parcimoniosamente empregada durante as festas, preparada por infusão da *Banesteria Caápi*, planta sarmentosa, que possue um alcalóide entorpecente: a "banesterina", que produz embriaguês semelhantes à do ópio e à do cactus Peiotl, tido pelos índios norte-americanos como planta sagrada. O *Caápi* é servido em pequenas cuias como chícaras e não é aceito por todos os índios.	178
CACTÁCEAS	A flora apresentava novos aspectos no rio Paru.	85
CANARAI	Palmeira, também chamada *Buritirana* (*Mauritia aculeata*).	110
CASTANHA DO PARA	Castanheiros em serviço no Tronco. Rio Cuminá. Semente da árvore (*Bertholletia excelsa*) — que tem grande valor comercial no mundo inteiro — de forma triangular, comestível, conhecida no comércio internacional sob o nome "Nozes do Pará" e Paranut.	44,118

CAXIRI

PÁGINAS

Bebida alcoólica fabricada pelos índios, de milho, mandioca ou de frutos da "Pupunheira". 177

CECRÓPIA

Conhecida como *Imbaúba*. Fam. das Moraceas. 246

GENIPAPO

Árvore, Rubiácea (*Genipa americana L*) ,cujo fruto os índios usam na alimentação e para a pintura do corpo com uma côr preto-azulado. 117

INAJÁ

Palmeira (*Maximiliana regia*). Os frutos desta palmeira servem na defumação do "latex" da *Hevea*. 117

JABOTI

Quelônio (*Testudo tabulata*). 86

JAUARI

Palmeira (*Astrocaryum-acaule*) do rio Negro. 110

JENIPARANA

Árvore (*Gustavia pterocarpa Poit*), cujos frutos são comestíveis. 65

MALOCA

Taba selvícola.

MATA-MATÁ

Da madeira Mata-Matá extrai-se a casca com que se confeccionam as sáias em forma de franjas, para suas máscaras. Região do rio Negro. 173

MICO

Um dos dois únicos tipos de arbusto, existentes a 2.850 metros de altitude, no ponto culminante do Roroimã. 334

MUIRAQUITÃ

Delicada escultura em nefrite ou jadeíte, que constitui amuleto de alto valor estimativo, venerado pelos índios.

PENTE DE MACACO

PÁGINAS

Planta trepadeira com flores escarlates. (*Combretum, sp.*). Fam. das "Combretaceas" — 64

PIAÇABA

Palmeira. (*Leopoldina piassava*), do rio Negro, cujos peciolos das inflorescências constituem a piaçaba do Pará, que é muito macia e flexível, ao contrário da piaçaba (*Attalea funifera*), da Bahia. — 118

PITEIRA

(*Fourcroyas*). As "piteiras", distinguem-se das Agaves, pelo engrossamento da base dos filamentos estaminais, que são mais curtos que os lóbulos perigonais. (João Decker, Flora Brasileira). — 85

PUPUNHA

Palmeira (*Bactris speciosa*). está sendo cultivada pelos índios do Amazonas. Ela se distingue por um estipe alto, mas muito fino e espinhoso. O fruto é rico em fécula amilácea. — 134

QUATI

(*Nasua socialis*). Seu pêlo é ruivo acinzentado, nutre-se de larvas e de frutas; domestica-se com facilidade e é um animal muito divertido e amigo de brincar. — 69

SERINGUEIRA

Árvore. Existem muitas variedades das (*Heveas*). A espécie mais notável, porém, é a *Hevea brasiliensis*, cujo latex fornece a melhor borracha, superando em qualidade as de qualquer outra provieniência, mesmo das mais afamadas plantações estrangeiras.

SERRADOR

Um coleóptero interessante, cortador de galhos, ornado nas asas com um desenho tão pitoresco, que parece a própria natureza queria criar um modêlo para os nossos selvícolas — 65

SÍMIO

Macacos com cara nua e curta e diversos outros sinais, como orelhas despidas de pêlos e redondas, unhas chatas, etc. — 69

SUCURI

Espécie de cobra grande, que atinge até 15 metros de comprimento. (*Eunectes murinus.*) — 303

SUMARÉ

Orquídea (*Cyrtopodium*). Diversas espécies, são orquídeas terrestres, de crescimento cespitoso e formam grandes touceiras de pseudo-bulbos. (João. Decker, Flora Brasileira). — 85.

		PÁGINAS
TANGA	Envoltório, com que os índios velam o corpo, desde o ventre até as coxas.	225
TARTARUGA	Provàvelmente será a (*Podocnemis expansa*), a "*iurará-açú*", dos índios, na língua geral e que atinge 80 cm. de comprimento no adulto. É o mais importante dos quelônios do Amazonas, muito apreciado por sua carne e seus ovos. (Tte. Coronel Frederico Rondon).	248
TIPITI	É um cilindro feito de talas, elástico, em que se mete a massa de mandioca para espremer e retirar assim o líquido, deixando-a apenas húmida, para a fabricação da farinha.	282
TRAIRA	Peixe. (*Macrodon traira*).	83
TUCUMÃ	Palmeira. (*Astrocaryum Tucuma*), cujas fibras, muito resistentes, são utilizadas para tecelagem de rêdes, cordas, etc.	82,83
TURURI	Árvore. A mesma do Jequitibá (*Curatari legalis*). Os índios da bacia amazônica usam a entrecasca para a confecção das máscaras.	158
TUXÁUA	Chefe indígena. Cacique.	
URUCUM	Substância tintorial, extraída de uma polpa avermelhada, que reveste as sementes do arbusto: *Bixa Orellana*.	168

VOCABULÁRIO DAS PALAVRAS INDÍGENAS USADAS.

		Páginas
ACÁ	Chifre.	14
ACANGATARÁ	Cocar, espécie de corôa de penas de côres vistosas, usado nas festas e danças de mesmo nome. Significa: Acanga=cabeça, chefe, também origem e começo e tará=enfeite.	189 a 202 229 a 234
ACARAÎ	Nome de uma serra. O nome significa: Garça branca.	11
ARARAPARI	Nome de uma aldeia indígena. Significa Arara pary: "As três Marias" denominação popular para as estrêlas que formam o cinto do Orion.	
CAÁPI	Espécie de bebida entorpecente dos índios.	178
CACURÎ	Armadilha para pegar peixe.	218
CARACARAÎ	Cidade no rio Branco, fim da navegação regular. O nome significa: Gavião de uma espécie, que vive em pequenos bandos nas margens dos rios, preferindo os lugares encachoeirados.	245
CARIMÉ	Tribo indígena .O mesmo nome se encontra numa bebida, feita de água fria, misturada com farinha de mandioca, em que foi exprimido um fruto ou ovos crús de carajá ou tartaruga.	260 a 261
CARURÚ-CACHOEIRA.	A palavra é uma corrupção de Carirú pelo fato que, a planta aquática comestível, colhido pelos índios e da qual extraem o seu sal, cresce nesta cachoeira em grande quantidade. A planta Carurú dos civilizados não é idêntica àquela.	219
CAXIRI	Bebida fermentada dos índios.	

		Páginas
CÊ	Possesivo e inseparável do nome, reforçando a idéia da posse.	177
CEUCY	Plêiades	
CEUCY-PERERA	Perera (Fim de ceucy) O inverno.	
CUCUÍ	Monte no rio Negro. Segundo E. Stradelli, no seu vocabulário da língua nheêngatú significa Cucúi ruído, desmoronado, desprendido, assim que se deixa justificar a interpretação "caiu do céu" o que nos foi dado em Jauaretê. Não sabemos entretanto, se esta significação é verdadeiramente indígena. Mas, como o monte nesta paragem é a única elevação e pela lógica, o que cai, deve vir de um ponto mais alto, pode passar a significação por belo exemplo de expressão nítida numa palavra só.	136 a 138
CUNHÃ	Mulher.	
CURICURIARÍ	Serra no rio Negro.	120
JANDÚ-CACHOEIRA	Jandú = Aranha.	
JATUCA-CACHOEIRA	Significa: Cachoeira curta, breve.	220
JAUARI	Palmeira de espique muito espinhoso.	110
IGAÇABA	Urna.	
IPOCU-CACHOEIRA	Cachoeira, vagarosa. De I = prefixo, tornando o adjetivo "pocú" como substantivo.	221 a 222

		Páginas
ITA	Pedra, rocha	14
ITACOATIARA	Ita = pedra, coatiara = desenhado, esculpido. (Petroglifo.)	52
IUARAUÁ	Peixe boi.	
IUQUICÊ	Enchente. Yukice = líquido, que entra ou sai de alguma coisa.	
IUQUIRA	Iukyra = sal	
IURA	Jiráu	148
IURUPARI	O demônio mau, e uma flauta sagrada. Iuru = bôca, pari = tapagem.	
IUTICA	Derrubar.	
MANIACA	Saída da mandioca.	
MANIUA	Mandioca.	14
MARACAXÁ	Chocalho na língua Tuiúca. Maracá em Nheêngatú.	230 a 234
MARIPÁ	Aldeia dos Pianocotó, significa: morcego.	70
MARUAÍ	Monte no rio Branco.	291a293

		Páginas
MATAMATÁ	Árvore ou cipó enorme fornecendo uma fita espessa de 4 a 6 dedos de largura usado pelos índios na confecção de sáias para as máscaras.	173
MOCAENTÁUA	Armação feita para moquear. Constelação que compreende parte de Sirius e Orion.	
OCOIMÃ	Aldeia dos índios Tirió.	87
PACARÁIMÃ	Serra com êste nome.	
PARÀUIANA	Nome de tribo indígena. O nome significa na língua Macuxi; corredor, veloz.	
PARY - CACHOEIRA.	Pary = gradeado, de fasquias de madeira, amarrado de cipó, com que os índios barram a bôca dos lagos ou dos igarapés para impedir a saída dos peixes, ou com que constroem os curraes e cacuris. (Tapagem)	
PARICHARA	Festa nacional dos Macuxi; regada de caxiri, bebida clássica de todos os índios. Dentro de uma hora, quanto durou a cerimônia, víamos já muitos índios em grande alegria a fazer apologia da Expedição que lhe viera trazer a segurança da proteção do Govêrno Grande, de quem esperam receber roupa para cobrir a nudez das suas mulheres e filhos. Relatório do Gen. Rondon, de 1927.	295
PIRÁ	Peixe.	
PIRERA	Resto, casco.	
PORANGA	Bem (bom, bonito.)	



PARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
IO DE JANEIRO — BRASIL — 19[illegible]



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com